

COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO

COMUNICAÇÃO E LINGUAGEM



AUTOR

Alessandro Campos Piantino



APRESENTAÇÃO

Olá! Espero que esteja bem. Sei que não foi fácil chegar até aqui. Enfim, alcançou o Ensino Superior ou o início de uma segunda graduação. O conhecimento, realmente, é uma grande dádiva e você deve aproveitar muito bem o seu precioso tempo para angariar novas conquistas.

Nesta disciplina não será diferente. Conhecimentos vários serão transmitidos e, na medida das interações previstas com seu tutor e colegas, você também terá a oportunidade de transmitir os saberes já adquiridos por meio de suas vivências e aprender, com base nas novas informações, direcionamentos importantes para a sua caminhada acadêmica.

Essas interações, inclusive, exemplificaram muito bem o que se propõe neste curso, “Comunicação e Expressão”, que ora é matéria de sua atenção por meio dessa leitura. Compreender o papel comunicativo e as formas de expressão no exercício de sua posição estudantil no Ensino Superior é o que se propõe de forma geral.

Aproveite as sistematizações oferecidas e todo o material complementar indicado, a cada unidade, para as interações já mencionadas, praticando o que consta nesta disciplina, como forma de continuidade e ampliação de seus estudos.

Ao final desta unidade, você deverá ser capaz de:

- Relacionar os tipos de linguagem existentes e suas características.
- Identificar os elementos da comunicação e sua função no processo comunicativo.
- Compreender a participação dos elementos de comunicação no texto acadêmico-científico.

Bons estudos!

CONHEÇA O CONTEUDISTA

Alessandro Campos Piantino

Possui graduação em Letras Português/Inglês e Respectivas Literaturas, especialização em Planejamento, Implementação e Gestão de Educação a Distância e em Linguística Textual, bem como Mestrado em Educação pela Universidade de Brasília. Atualmente é professor do Centro Universitário Icesp de Brasília, membro do Núcleo de Avaliação, Qualidade e Estratégia da Rede Soebras de Ensino, Professor e Coordenador da área de Linguagens e Códigos de uma Rede Educacional Privada do Distrito Federal na modalidade do Ensino Básico. Tem experiência na correção de Redações do Enem e de diversos concursos e vestibulares.

UNIDADE 1

Tipos de linguagens e suas características

O ato comunicativo acompanha você desde os primeiros anos de vida. Mesmo que ainda distante de qualquer orientação quanto aos procedimentos e normas, as descobertas do recém-nascido e as atitudes dos pais para com a nova cria têm um objetivo bem simples: interação. Claro que essa simplicidade se dá apenas pela escolha vocabular feita para tentar resumir todo o movimento de aprendizagem contido nessas relações, sabemos da complexidade científica a que se faz necessária para explicar o ato. Contudo, o que se pretende aqui é sistematizar, ao máximo, parte do que fundamenta a teoria da comunicação.

Segundo o dicionário Houaiss (2010), comunicação é o: processo que envolve a transmissão e a recepção de mensagens entre uma fonte emissora e um destinatário receptor, no qual as informações, transmitidas por intermédio de recursos físicos (fala, audição, visão etc.) ou de aparelhos e dispositivos técnicos, são codificadas na fonte e decodificadas no destino com o uso de sistemas convencionados de signos ou símbolos sonoros, escritos, gestuais etc.

E sobre esses sistemas sobre o qual o verbete faz menção, Andrade e Medeiros (2009) entendem que é o resultado da operacionalidade da linguagem “uma faculdade que enseja ao homem a exprimir estados mentais por meio de um sistema de signos.”

A considerar esse conceito de linguagem, faz-se necessário perceber nas experiências do ser humano a organização e a forma de símbolos convencionados e ordenados que objetivam comunicar ideias ou sentimentos.

Foi diante dessa necessidade de expressão que o homem primitivo procurou arranjos de objetos simbólicos para registrar suas experiências; tais como a escrita cuneiforme, inventada pelos sumérios; também a egípcia, um dos mais importantes sistemas de escrita do mundo antigo, conhecida como hieróglifos, base preliminar da escrita alfabética.

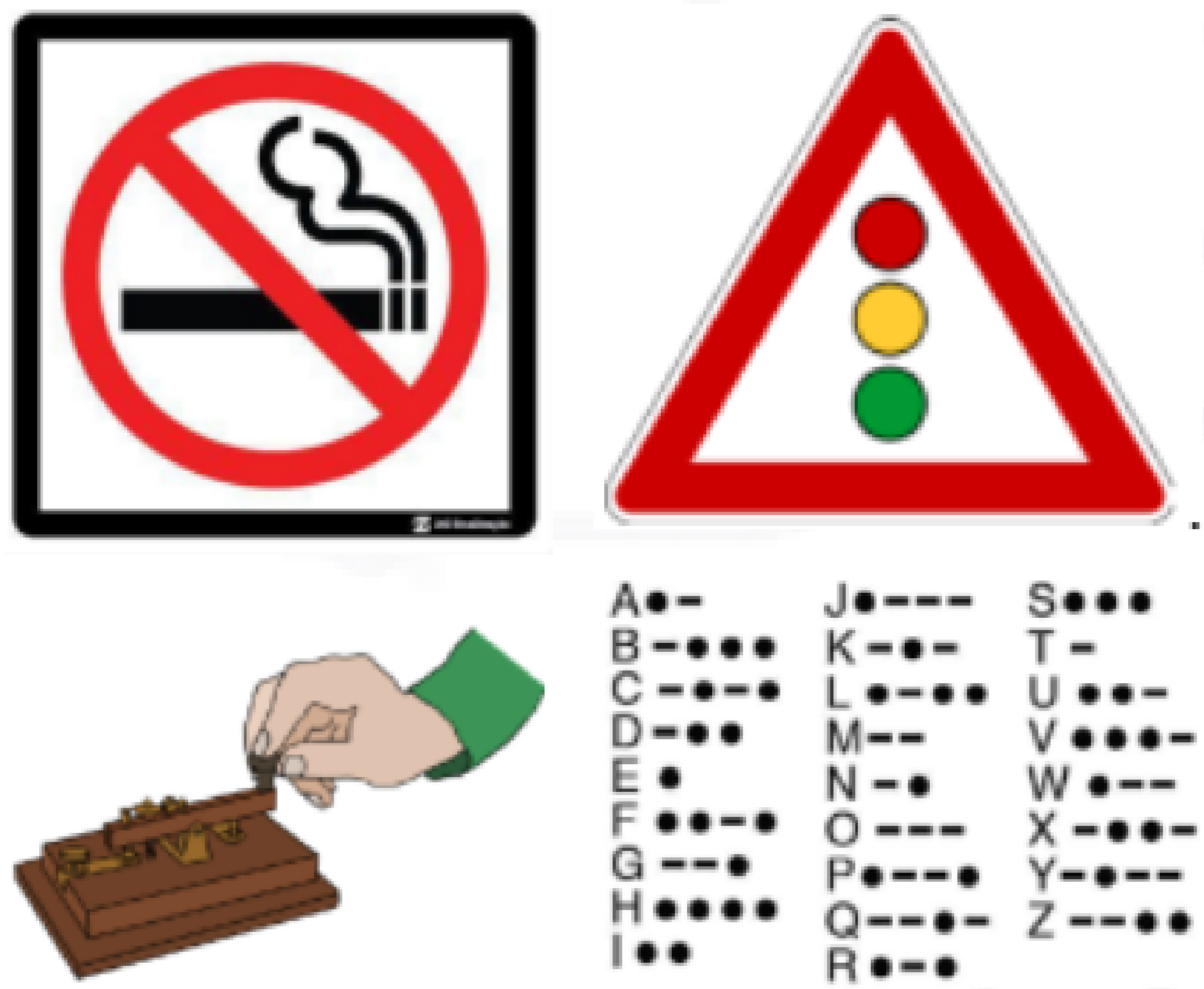


E foi a partir desses arranjos, dessas convenções, que a história da humanidade se dividiu em duas imensas eras: antes e a partir da escrita. É até simples de se imaginar essa divisão, mas fica uma pergunta... O que foi e o que é preciso fazer para que haja escrita?

Bom! É preciso, inicialmente, pensar em um conjunto de sinais e fazer dele uma convenção para uma determinada comunidade social. E esse conjunto de sinais não é exclusivamente escritos, como, por exemplo, o que se vê na comunidade acadêmica.

Mas também sonoro, gestual, corporal. E... não se surpreenda! Tal cenário histórico da linguagem, até a disposição e o envio de objetos, como grãos, tochas, penas ou flechas, podem fazer parte de um conjunto de sinais para comunicação.

Nesse sentido, ampliando o que se definiu por linguagem - fenômeno do qual o sujeito se apropria para se comunicar e envolve tanto a língua em suas modalidades oral e/ ou escrita quanto as tantas outras formas de expressão como áudios, imagens, odores, recursos táteis, etc - se distingue a **linguagem verbal** da **linguagem não verbal**.



Modernamente, além dos meios técnicos de comunicação, como o celular, internet, TV, o rádio, a comunicação a cabo e via satélite, outras maneiras, como gestos (a linguagem dos deficientes auditivos, por exemplo, a postura, o andar, o vestir estabelecem também a comunicação; isso por que, por meio desses recursos é possível estabelecer determinado sentido.

Porém, deve-se ter cuidado, pois nem todos símbolos não-verbais são universais. Levantar o polegar, por exemplo, no Brasil indica “está tudo bem”, assim como no Reino Unido, África do Sul e Coreia do Sul; na Europa e EUA, usa-se para pedir carona; no Japão, representa o número 5 e na Alemanha, o número 1; na Nigéria, Austrália, Irã e Iraque é um gesto obsceno. Ou seja, a cultura define o uso da linguagem.



COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO

Logo, pense bem antes de usar qualquer gesto quando viajar para outro país!

Observe a seguir a placa da indicação de área de turismo e lazer sobre o Teatro Nacional Cláudio Santoro, em Brasília, a nossa Capital Federal. Além do símbolo de arte e cultura que representa qualquer teatro, existem palavras que nomeiam o espaço indicado. Um ótimo exemplo, aliás, de linguagem mista, aquela que possui tanto a não-verbal quanto a verbal.



A identificação do “Teatro Nacional Cláudio Santoro”, por meio de palavras, é o código convencionado para se estabelecer a comunicação escrita, neste caso, em Língua Portuguesa e em Língua Inglesa.

Andrade e Medeiros (2009) afirmam que “a língua é um código que permite a comunicação, um sistema de signos e combinações”. Além disso, como já vimos anteriormente, esta linguagem é o que permite às pessoas construir relações sociais e transformarem suas vidas.

Sobre isso, Vanoye (2007) estabelece 4 Níveis da Linguagem: oratória, cuidada, comum e familiar.

Na linguagem oratória e cuidada temos na língua falada exemplos como discursos, sermões, cursos e comunicações orais. E na língua escrita, esses níveis são verificados na Linguagem literária, cartas, documentos oficiais e no texto acadêmico-científico, ou seja, em situações onde há uma padronização mais rígida.

Observe o cuidado da linguagem literária em Vinícius de Moraes, com o “Soneto de Fidelidade”.

COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO

*De tudo, ao meu amor serei atento
Antes, e com tal zelo, e sempre, e tanto
Que mesmo em face do maior encanto
Dele se encante mais meu pensamento*

*Quero vivê-lo em cada vão momento
E em seu louvor hei de espalhar meu canto
E rir meu riso e derramar meu pranto
Ao seu pesar ou seu contentamento*

*E assim quando mais tarde me procure
Quem sabe a morte, angústia de quem vive
Quem sabe a solidão, fim de quem ama*

*Eu possa lhe dizer do amor (que tive):
Que não seja imortal, posto que é chama
Mas que seja infinito enquanto dure*

O poeta utiliza muitos recursos de linguagem, o que permite ao texto uma beleza particular. Provavelmente você se emocionou ou lembrou daquela paixão antiga! Essa é uma das características do texto literário, provocar no leitor algum sentimento ao passo que também cuida da sofisticação estética do texto.

Observe agora a linguagem na produção científica de Borges(2011) sobre Vinícius de Moraes, mais especificamente um fragmento do resumo da obra cujo subtítulo é cultura e história.

"Dos anos de 1930 a 1970, o Brasil experimentou fortes mudanças nos campos da política, da economia e da cultura. Das mudanças de perspectiva às crises, o momento é interessante para pensar a sociedade e o que ela produziu, movimentando isso que parece um eterno processo de (re) construção do Brasil. As rupturas propostas pelo ideal varguista, o projeto de crescimento econômico e intensa industrialização proposta pelo governo JK, o golpe de 1964 e a estrutura militarista significam também uma mudança na concepção cultural, construindo novas ideologias e redefinindo a sociedade. É neste sentido que pretendemos analisar a obra musical de Vinícius de Moraes que compreende este período, observando as rupturas que se estabelecem na cultura musical e na política – e a forma como esses dois campos se relacionam – e da relação que estabelece com seus interlocutores. É uma tentativa de vislumbrar não apenas o artista, mas o homem que compreendeu sua condição político-social, expressando em alguma medida os interesses de sua classe. Como artista enriqueceu ainda mais a produção cultural, sendo lembrado como uma referência dentro e fora do Brasil."

E aí! Se emocionou agora? Talvez tenha se emocionado por gostar do poeta, mas não foi o texto que provocou isso.

COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO

Os dois textos possuem linguagem cuidada. A diferença está na objetividade e clareza do texto, - elementos, inclusive, que aparecerão em tópicos seguintes - . O texto científico não deve conter informações implícitas ou deixar à imaginação do leitor como podemos observar no poema “Sonetos Íntimos”. Falaremos mais sobre isso adiante.

Já na linguagem comum e familiar, por exemplo, aquela encontrada em conversas de grupos de Whatsapp de família, despreocupada da norma padrão formal culta, essa liberdade de comunicação permite uma informalidade. O mesmo ocorre em textos literários que tenham o propósito de se utilizar da língua falada como um complemento da construção de sentido.

Vale notar que uma das diferenças entre língua falada e escrita, de uma maneira simplória, está, muitas vezes, na possibilidade de ausência da linguagem não-verbal. Ou seja, a comunicação estabelecida na fala tem o auxílio de gestos e expressões. Já a escrita, quando não em linguagem mista (linguagem verbal e não verbal), precisa de um cuidado no que diz respeito à adequação de registro para um leitor específico a depender do contexto da mensagem.

Logo, em um texto acadêmico-científico, como o leitor é um ser no academicismo, o texto deve ser monitorado para que a mensagem seja transmitida de maneira clara e objetiva.

OS ELEMENTOS DA COMUNICAÇÃO E SUA FUNÇÃO NO PROCESSO COMUNICATIVO

Como já é sabido, o que se deseja neste registro escrito e em todo material complementar é que você se aproprie de reflexões várias sobre o próprio ato comunicativo. Momento oportuno para se fazer compreender e ser compreendido em um novo ambiente, o acadêmico que se utiliza de um conjunto de signos, em seu registro escrito, que compõem a Língua Portuguesa.

É através dela que, na maioria das vezes, estabelecemos nossas comunicações aqui no Brasil, principalmente, no contexto acadêmico no qual estamos inseridos. E isso não será diferente em outro país. Para estabelecer a comunicação com um estrangeiro que não fale a nossa língua, por exemplo, você precisará compreender a composição desses signos, você precisará decodificar o código que eles utilizam, ou se utilizar de outros “recursos” de outros “sistemas convencionados” para estabelecer a comunicação.

São 6 os elementos da comunicação, o primeiro é justamente o código. Através da definição de Houaiss, verificamos que comunicação é um processo que envolve transmissão de mensagens codificadas, ou seja, aquele que transmite a mensagem utiliza um código.

Você compreende o que eles falam por que também utiliza o mesmo código, a Língua Portuguesa.

Neste caso, os jornalistas codificam uma mensagem que é transmitida para você através da televisão. Temos aí mais quatro elementos da comunicação além do código. O emissor, o receptor, o canal e a mensagem. O emissor são os jornalistas, o receptor é você e sua família - aquele momento em que todos estão reunidos - , o canal é a televisão e a mensagem é... Qual é a mensagem?

Claro que o recorte feito está fragmentado, contudo, o que se quer fazer observar é a notícia, datada de 13 de agosto de 2021, sobre a internação de Sílvio Santos.

Imagine, agora, um dado recorte de jornal impresso de grande circulação, também noticiando a internação de Sílvio Santos e a importância dele para a história da televisão brasileira. Vamos identificar os elementos de comunicação? Quem é o emissor? Quem é o receptor? Qual é o canal? Qual é o código? Qual é o contexto? E qual é a mensagem?

Se você considerou que o emissor é o editorial do jornal, o receptor o público leitor do jornal, o canal o próprio jornal, o código a língua portuguesa, o contexto acerca da internação de Sílvio Santos, você acertou.

Assim, identificar os elementos de comunicação, é um primeiro passo para iniciar a compreensão do processo comunicativo. O segundo é caracterizar a função dessa linguagem, qual é o objetivo dessa linguagem e quem a comunicação quer alcançar. Para isso, leia o quadro abaixo e as suposições a seguir.

Funções da Linguagem

- **Função expressiva ou emotiva:** Centrada no emissor. Características: discurso em 1ª pessoa; julgamentos subjetivos; interjeições com valor emotivo; entonações características (oral); figuras literárias e criações literárias.
- **Função conativa ou apelativa:** Centrada no receptor. Os anunciados visam influenciar o comportamento do destinatário da mensagem. Características: verbos no imperativo; emprego de vocativos e uso de pronomes de 2ª pessoa (tu/vós ou você/vocês) Aplicação: textos publicitários, políticos e linguagem comum.

- **Função fática:** Centrada no contato físico ou psicológico. Tudo o que na mensagem serve para estabelecer, manter ou cortar o contato. O objetivo é chamar a atenção do receptor e assegurar que este não se desligue. O conjunto organizado de expressões traz pouca informação. Características: manifestação da necessidade ou desejo de comunicação e manutenção dos vínculos sociais. Aplicação: conversas telefônicas e informais, propaganda e música.
- **Função metalinguística:** Centrada no código, serve para dar explicações ou dar precisão ao código utilizando pelo emissor. Metalinguagem é uma linguagem que fala da própria linguagem. Tem por objetivo a língua usada como forma de expressão. Características: fornecer informações conceituais, definições e explicações. Aplicação: textos explicativos e didáticos, linguagem científica, dicionários. Comentários explicativos ou descritivos de fotografia (imagem) e análises.
- **Função poética ou estética:** Centrada na própria mensagem. A função poética não abrange só a poesia, no entanto é nessa forma de expressão que a função é dominante. A função poética está sempre presente que a forma e a estrutura da mensagem reforçam ou modificam o seu conteúdo. Ela suplementa ou modifica o sentido denotativo da mensagem. Características: ritmo; jogo das sonoridades; estrutura; grafismo; espacialidade; figuras de harmonia, repetição e pensamento.

Observação: as seis funções da linguagem não se excluem, mas também não se encontram, necessariamente, todas reunidas numa mesma mensagem. Numa mensagem, é muito raro encontrar apenas uma dessas seis funções. Há sobreposição das funções, mas sempre uma será dominante de acordo com o objetivo da mensagem.

Quando imaginamos novamente o suposto recorte do jornal sobre a internação de Sílvio Santos em 13 de agosto de 2021 e a possível articulação do editor chefe do jornal impresso sobre a importância dele para a televisão brasileira, temos como referente o momento histórico pelo qual o Brasil e o mundo estão passando, em meio à Pandemia. Logo, a essa linguagem damos o nome de REFERENCIAL, pois a comunicação quis alcançar o assunto.

A função REFERENCIAL, inclusive, por mais que as outras também estejam presentes, como verá em outras quatro que seguem, é de grande relevância para a vida acadêmica. Será a partir da função REFERENCIAL que encontrará o caminho da neutralidade, enquanto pesquisador, para informar acerca do pesquisado, utilizando de referenciais teóricos que validarão seu posicionamento sobre os fatos dissertados.

COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO

Ainda sobre esse suposto recorte de jornal. Quando o editor fala da importância de Sílvio Santos para a televisão brasileira, ele está manifestando seu posicionamento, ou melhor, a opinião do veículo de comunicação impressa. Neste caso, a essa linguagem damos o nome de EMOTIVA OU EXPRESSIVA, pois a comunicação quis alcançar a opinião do emissor, o editor chefe do jornal impresso.

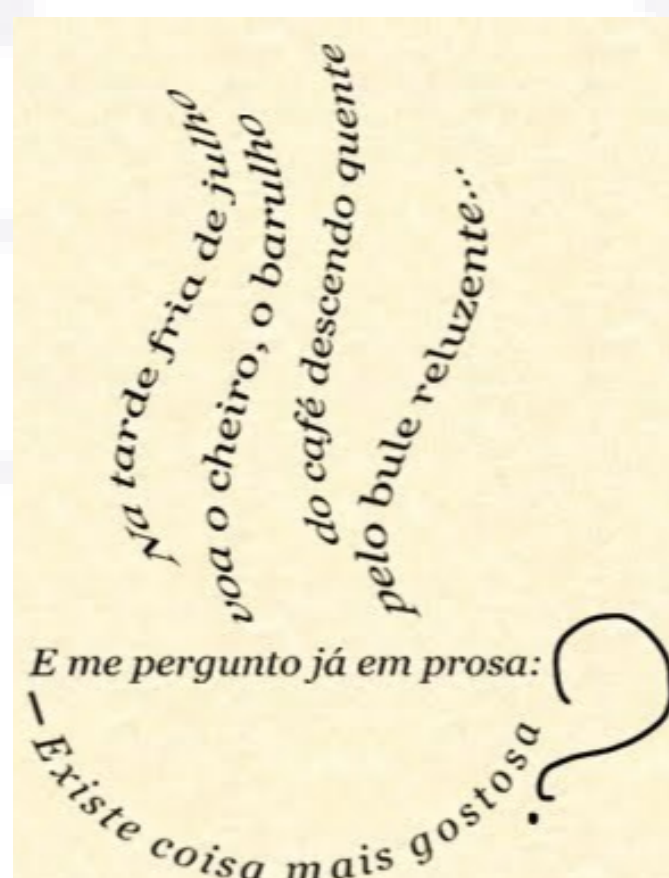
Já a linguagem APELATIVA é aquela que quer alcançar o receptor da mensagem. Veja com atenção o clamor contido nas faixas presentes nesta imagem. As frases são direcionadas para você, o receptor da mensagem.



https://cdn.abcdabc.com.br/faixa-use-mascara_337e366d.jpg

Agora, se estiver andando pelo shopping e tiver esquecido a máscara, considerando esse contexto pandêmico, o segurança vai lhe chamar a atenção! “EI! VOCÊ AÍ! NÃO PODE ENTRAR NESTE LOCAL SEM MÁSCARA!” Observe que o “EI! VOCÊ AÍ!” é uma estrutura de chamamento, como tantas outras, quando você quer testar o canal de comunicação, ou melhor, como o guarda não saberia seu nome, ele verificou com essa expressão se estava escutando, uma vez que, provavelmente, não estava olhando para ele. A essa função de linguagem nós damos o nome de FÁTICA.

É só falar em shopping que me lembro da quantidade de café que gosto de tomar nos ambientes das diversas cafeterias. A imagem a seguir fará com que você também se lembre, claro que se gostar de café, assim como eu gosto.



<https://t5z6q4c2.rocketcdn.me/wp-content/uploads/2020/03/funcoes-da-linguagem-o-que-sao-principais-tipos-e-as-caracteristicas.png.webp>

COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO

Existe coisa mais gostosa?” Então, essa é a função POÉTICA linguagem, não só pelo motivo da percepção com relação às rimas; todavia, não são somente poemas que se utilizam dessa função da linguagem. Como no quadro anterior, basta que “a forma e a estrutura da mensagem” reforcem ou modifique o seu conteúdo.

Por fim, a função METALINGUÍSTICA, vê-se nesse próprio material, a cada página, pois venho desde o início falando sobre o próprio código pelo qual utilizo para levar a mensagem até você. Apesar da disciplina receber o nome de “Comunicação e Expressão”, é muito sobre o código “Língua Portuguesa” que estamos falando.

CONCLUINDO A UNIDADE



Nesse sentido, vimos nessa unidade que para a comunicação se concretizar precisamos de 6 elementos (emissor, receptor, mensagem, canal, código e referente) e que para cada um desses elementos temos uma função da linguagem (expressiva, apelativa, poética, fática, metalinguística e referencial). Além disso, concluimos que a função referencial deve ser utilizada no texto acadêmico-científico.

Verificamos, ainda, que a linguagem é uma faculdade que ensina ao homem a exprimir estados mentais por meio de um sistema de signos e que existem três tipos: a verbal, não-verbal e mista. Além disso, definimos os níveis de linguagem e identificamos que a oratória e a cuidada são necessárias, inclusive, para caracterizarmos o texto acadêmico-científico. E será sobre sobre essa linguagem não cuidada, no contexto acadêmico, que iremos tratar, utilizando os conhecimentos de variação linguística. Até lá!

DICA DO PROFESSOR



A função referencial da linguagem não é a queridinha apenas das provas de vestibulares e concursos, é com base nela que se estabelece a linguagem do texto acadêmico.

Nesse sentido, assista ao vídeo a seguir. É uma boa dica!

GRAMÁTICA – Funções da Linguagem – Função Referencial ENEM

EXERCÍCIOS DE FIXAÇÃO



Questão 1

Foi diante da necessidade de expressão que o homem primitivo procurou arranjos de objetos simbólicos para registrar suas experiências; tais como a escrita cuneiforme, inventada pelos sumérios; também a egípcia, um dos mais importantes sistemas de escrita do mundo antigo, conhecida como hieróglifos, base preliminar da escrita alfabética.

Desta forma, avalie os itens seguintes:

- I- Os códigos escritos são invenções com traços específicos de cada cultura.
- II- Não só o código linguístico em si, mas a forma de usá-lo é também cultural e própria de cada pessoa.
- III- Desde os primeiros objetos simbólicos aos nossos dias, o homem vem criando tecnologias diferentes para se comunicar.
- IV- As tecnologias digitais são, na atualidade, formas mais modernas de comunicação.

Está correto o que se afirma apenas em:

- A) I e II.
- B) II e III.
- C) III, II e IV.
- D) I, II e III.
- E) I, II, III e IV.

EXERCÍCIOS DE FIXAÇÃO



Questão 2



Disponível em: www.acnur.org. Acesso em: 11 dez. 2018.

Nesse cartaz, o uso da imagem do calçado aliada ao texto verbal tem o objetivo de

- A) criticar as difíceis condições de vida dos refugiados.
- B) revelar a longa trajetória percorrida pelos refugiados.
- C) incentivar a campanha de doações para os refugiados.
- D) denunciar a situação de carência vivida pelos refugiados.
- E) simbolizar a necessidade de adesão à causa dos refugiados.

EXERCÍCIOS DE FIXAÇÃO



Questão 3



Disponível em: www.paradapelavida.com.br. Acesso em: 15 nov. 2014.

Nesse texto, a combinação de elementos verbais e não verbais configura-se como estratégia argumentativa para

- A) manifestar a preocupação do governo com a segurança dos pedestres.
- B) associar a utilização do celular às ocorrências de atropelamento de crianças.
- C) orientar pedestres e motoristas quanto à utilização responsável do telefone móvel.
- D) influenciar o comportamento de motoristas em relação ao uso de celular no trânsito.
- E) alertar a população para os riscos da falta de atenção no trânsito das grandes cidades.

EXERCÍCIOS DE FIXAÇÃO



Questão 4

E foi a partir de arranjos de objetos simbólicos, das convenções para registros que a história da humanidade se dividiu em duas imensas eras: antes e a partir da escrita. É até simples de se imaginar essa divisão, mas fica uma pergunta... O que foi e o que é preciso fazer para que haja escrita?

É preciso, inicialmente, pensar em um conjunto de sinais e fazer dele uma convenção para uma determinada comunidade social. E esse conjunto de sinais não é exclusivamente escritos, como, por exemplo, o que se vê na comunidade acadêmica.

Deste modo, avalie as afirmações a seguir.

- I- As convenções criadas para a comunicação são construções históricas.
- II- As convenções de comunicação são constituídas apenas por símbolos escritos.
- III- As convenções escritas são formas mais elaboradas e complexas de comunicação, dependentes, portanto, de símbolos específicos.
- IV- A escrita é uma das tecnologias da comunicação que marcam um avanço na comunicação universal.

Está correto o que se afirma apenas em:

- A) I e II.
- B) II e III.
- C) I, II e III.
- D) II, III e IV.
- E) I, III e IV.

EXERCÍCIOS DE FIXAÇÃO



Questão 5



Disponível

em:

<http://portalsaude.saude.gov.br/images/campanhas/cartao_sus/Cartaz_Cartao_SUS_Adolescente_640x460mm_Curvas.jpg>. Acesso em: 14 dez. 2015.

Para que a comunicação ocorra de maneira eficiente, a linguagem de uma campanha deve ser adequada ao público-alvo. O cartaz, portanto, é destinado ao público

- A) jovem, evidenciado por meio de gírias e símbolos governamentais.
- B) adulto, intensificado pelo uso de um texto direto e técnico.
- C) idoso, evidenciado pelo uso de uma linguagem arrojada.
- D) adolescente, evidenciado pelo uso de gírias e elementos juvenis.
- E) infantojuvenil, intensificado pelo uso de elementos infantis.

19

SAIBA MAIS

Para ampliar o seu conhecimento a respeito desse assunto, veja a seguir as sugestões do professor.

TIPOS DE LINGUAGEM

Elementos da comunicação - Brasil Escola

Comunicação não-violenta: Derrubando muros - Mamilos podcast +Dominic Barter, Mafoane Odara - Ep 204

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE, Maria Margarida de; MEDEIROS, João Bosco. *Comunicação em Língua Portuguesa*. 5ª.ed. São Paulo: Atlas, 2009.

BAKHTIN, M. M. **Os gêneros do discurso**. Org., trad., posfácio e notas de Paulo Bezerra; notas da edição russa de Serguei Botcharov. São Paulo: Editora 34, 2016.

CHARAUDEAU, Patrick; MAINGUENEAU, Dominique. **Dicionário de análise do discurso**. Coordenação da tradução Fabiana Komesu. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2006. SANTOS, Luís Alberto Brandão; OLIVEIRA, Silvana Pêssoa de. **Sujeito, tempo e espaço ficcionais: introdução à teoria da literatura**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo dicionário Aurélio da língua portuguesa**. Coordenação Marina Baird Ferreira, Margarida dos Anjos, 4 ed. Curitiba: Ed. Positivo, 2009.

SANTOS, Luís Alberto Brandão; OLIVEIRA, Silvana Pêssoa de. **Sujeito, tempo e espaço ficcionais: introdução à teoria da literatura**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

VANOYE, Francis. *Usos de Linguagens*. São Paulo: Martins, 2007.

GABARITO

1) E

2) E

3) D

4) E

5) D

COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO

PRINCÍPIOS LINGÜÍSTICOS BÁSICOS, VARIAÇÕES LINGÜÍSTICAS E NÍVEIS DE LINGUAGEM



AUTOR

Alessandro Campos Piantino



APRESENTAÇÃO

Olá! Espero que esteja bem. Sei que não foi fácil chegar até aqui. Enfim, alcançou o Ensino Superior ou o início de uma segunda graduação. O conhecimento, realmente, é uma grande dádiva e você deve aproveitar muito bem o seu precioso tempo para angariar novas conquistas.

Nesta disciplina não será diferente. Conhecimentos vários serão transmitidos e, na medida das interações previstas com seu tutor e colegas, você também terá a oportunidade de transmitir os saberes já adquiridos por meio de suas vivências e aprender, com base nas novas informações, direcionamentos importantes para a sua caminhada acadêmica.

Essas interações, inclusive, exemplificaram muito bem o que se propõe neste curso, “Comunicação e Expressão”, que ora é matéria de sua atenção por meio dessa leitura. Compreender o papel comunicativo e as formas de expressão no exercício de sua posição estudantil no Ensino Superior é o que se propõe de forma geral.

Aproveite as sistematizações oferecidas e todo o material complementar indicado, a cada unidade, para as interações já mencionadas, praticando o que consta nesta disciplina, como forma de continuidade e ampliação de seus estudos.

Ao final desta unidade, você deverá ser capaz de:

- Identificar os princípios linguísticos básicos que embasam a comunicação.
- Reconhecer os diferentes contextos comunicacionais.
- Analisar os níveis de linguagem e seus efeitos de sentido no ambiente acadêmico.

Bons estudos!

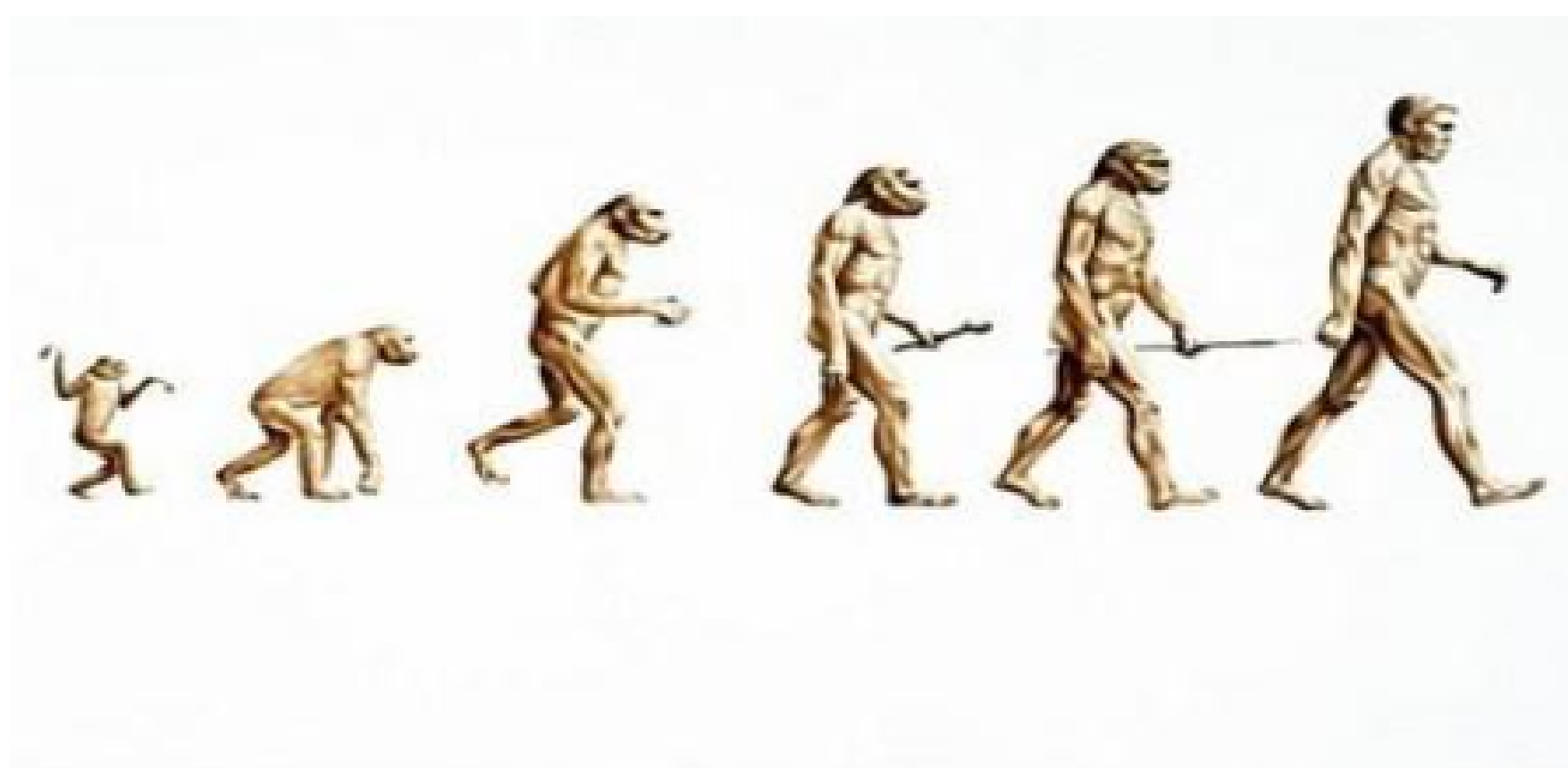
CONHEÇA O CONTEUDISTA

Alessandro Campos Piantino

Possui graduação em Letras Português/Inglês e Respectivas Literaturas, especialização em Planejamento, Implementação e Gestão de Educação a Distância e em Linguística Textual, bem como Mestrado em Educação pela Universidade de Brasília. Atualmente é professor do Centro Universitário Icesp de Brasília, membro do Núcleo de Avaliação, Qualidade e Estratégia da Rede Soebras de Ensino, Professor e Coordenador da área de Linguagens e Códigos de uma Rede Educacional Privada do Distrito Federal na modalidade do Ensino Básico. Tem experiência na correção de Redações do Enem e de diversos concursos e vestibulares.

UNIDADE 2

Olá ser iluminado!



Disponível em: <http://www.brasilecola.com/historiag/origem-homem.htm> Acesso em: 10.02.22

Olhei para esta imagem e lembrei do nosso desenvolvimento! Daquele que se pretende evoluir com o avançar das unidades dessa disciplina. E apesar de estar perdendo cabelo, eu também sou um ser evoluído como você! Espero que a leitura a seguir seja satisfatória para a evolução do seu conhecimento.

Aproveitando a temática da “evolução” pela qual iniciamos a unidade, a comunicação tem uma participação importantíssima nesse processo evolutivo, como vimos na aula anterior. Se não fosse ela, como transmitiremos o que aprendemos sobre a domesticação dos animais e as técnicas de plantio? Nossa primeira grande revolução técnico-científica!



Disponível em: http://dayanestar.blogspot.com.br/2010_04_01_archive.html Acesso em 10.02.22

COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO

Como alcançaríamos a segunda grande revolução? E se não sabe qual foi, devo lembrá-lo: a Revolução Industrial.



<http://blogmaisobras.wordpress.com/2014/06/07/maquina-x-homem-sera-que-estamos-vivendo-mais-uma-revolcao-industrial/> <acesso em 26/08/2014 às 14:39>

É certo que erramos; e continuamos a errar em muitas questões, no entanto, conquistamos muito, muito mesmo. Tudo isso, grato à comunicação.



Disponível

<http://www.g4solutions.com.br/noticias/o-consumidor-e-cada-dia-mais-self-service-afirma-julio-moretti>
em: 10.02.22

em:
Acesso

Na primeira unidade estudamos sobre o conceito de comunicação. Para isso, utilizamos o verbete do dicionário Houaiss. No sentido de ampliarmos essa definição, ratificando o que já refletimos, trago o que se afirma em Ferreira (1999 apud DIDIO, 2013):

COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO

Emitir, transmitir e receber mensagens por meio de métodos e/ou de processos convencionados, quer através da linguagem falada ou escrita, quer de outros sinais, signos ou símbolos, quer de aparelhamento técnico especializado sonoro e/ou visual.

Sou um exemplo vivo, agora, de transmissão de uma mensagem! Estou aqui para estabelecer contigo, meu receptor, uma comunicação. Utilizo, então, a linguagem escrita. Além disso, neste momento, monitoro esse registro, pois preciso estabelecer um nível de linguagem que resulte em uma variação que identifique a pessoa do professor em um ambiente virtual de aprendizagem, ou melhor, um ambiente para educação a distância.

É justamente sobre esses dois assuntos que iremos tratar nesta aula: níveis de linguagem e variação linguística. Na aula anterior, inclusive, já iniciamos o assunto acerca dos Níveis de Linguagem. Nesta unidade objetivamos relacionar esse conteúdo com a variação linguística.

Não precisamos percorrer todo o território brasileiro para afirmarmos que há mudanças no uso da língua pelos falantes. A grande questão é: utilizamos a língua portuguesa ou várias línguas portuguesas? O português de um advogado é igual ao da sua secretária?

Para isso, faço questão de retomar o que afirmou Vanoye(1996). Segundo a autora, são quatro os níveis de linguagem:

- ORATÓRIA
- CUIDADA
- COMUM / POPULAR
- FAMILIAR / INFORMAL

Esses níveis estabelecem uma distinção entre fala e escrita. Conteúdo, inclusive, que será objeto de observação em outra unidade. Vimos que, para o nível de linguagem oratória e cuidada, a comunicação oral e o texto científico são exemplos pertencentes ao espaço acadêmico, um ambiente em que se exige o aspecto formal da Língua Portuguesa. E sobre a linguagem comum e familiar, a informalidade foi o ponto central em nossas análises.

Nesse sentido, ainda segunda Vanoye(1990), a diferença entre os níveis de linguagem “apóia-se num critério sócio-cultural”, quando comparamos a linguagem popular com a linguagem cuidada, e num critério de “situação”, quando comparamos a linguagem informal com a oratória, ou seja, “o mesmo indivíduo não empregará a mesma linguagem ao fazer um discurso e ao conversar com os amigos num bar.”

COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO

Dessa forma, a fala, quando comparada com a escrita, conforme dito anteriormente, tem uma informalidade maior, dá ao emissor da mensagem uma maior liberdade, conseqüentemente, aumentam as possibilidades de variação.

Quanto à variação da língua, Didio(2012) estabelece cinco ordens para essas mudanças: fonética, morfológica, sintática, léxica e semântica. Quando observamos a fala do gaúcho e a do nordestino, percebemos diferenças de intensidade e de timbre. Não sou humorista, mas preste atenção neste cartum que exemplifica a mudança na ordem fonética da língua.



Fala do Gaúcho: BAH TCHÊ! ENTÃO É ESTE TEU ESCRITÓRIO E É ASSIM QUE ESTÁS OCUPADO?

Fala do Baiano: OXE, E NUM TÔ NÃO BRÓDER? TÔ AQUI COMPONDO AS MÚSICAS PRO CARNAVAL!

Agora, na ordem morfológica, encontramos, por exemplo, a ausência do “r” em algumas palavras na fala típica do caipira brasileiro. Acompanhe este outro cartum.

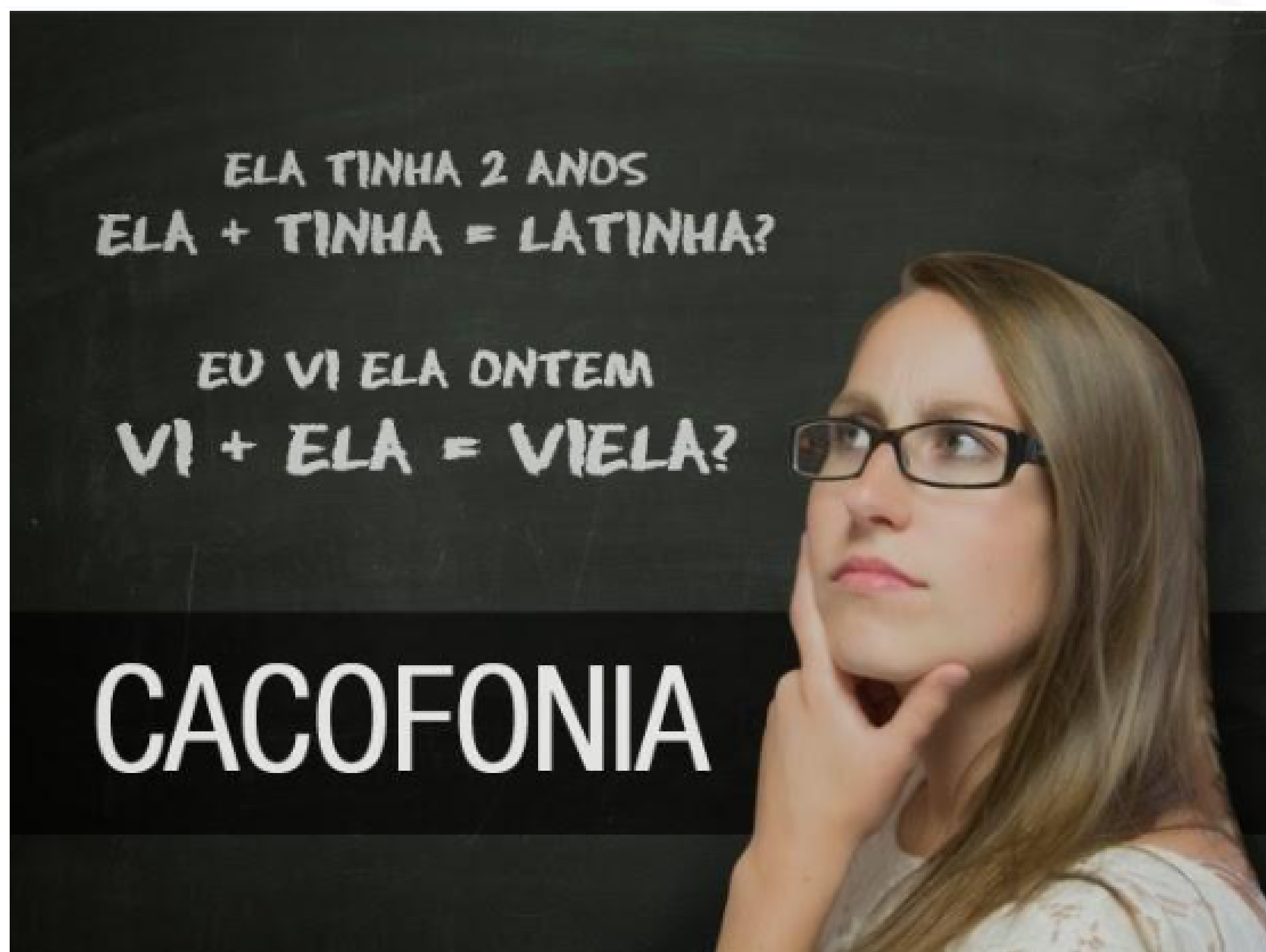


COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO

Fala do Turista: ESSA ESTRADA VAI PRA SÃO PAULO?

Fala do Caipira: SEI NÃO, DOTÔ... MAIS SE ELA FÔ VAI FAZER UMA FALTA DANADA PRA NÓIS!

Já na ordem sintática, observe como o posicionamento de algumas palavras causa um estranho efeito no som, o que pode gerar uma duplicidade de sentidos.



<http://lbcomunica.blogspot.com.br/2014/01/oi-desculpa-nao-entendi.html> Acesso em: 02.02.22

ELA TINHA 2 ANOS

ELA + TINHA = LATINHA



EU VI ELA ONTEM

VIELA = VIELA



<http://cotidianodeparnaiba.blogspot.com.br/2012/07/cidade-turistica-parnaiba.html>

A este efeito damos o nome de Cacofonia, que, segundo o dicionário Houaiss (2010), é “a qualidade do que é desagradavelmente”.

Ainda sobre as cinco ordens para as mudanças na língua pelo falante, restam duas: a léxica e a semântica.

A variação lexical diz respeito à enorme quantidade de palavras diferentes entre as regiões brasileiras. A imagem a seguir é um exemplo, mandioca. Na região sul é AIPIM, no norte é MACAXEIRA. Um exemplo bem conhecido para representarmos a ordem léxica.



<http://www.remedio-caseiro.com/mandioca-para-emagrecer/> Acesso em: 10.02.22

COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO

No caso da variação semântica, duas palavras apresentam significados distintos em determinadas regiões brasileiras. Um exemplo, é a palavra ESTÂNCIA. Para os gaúchos é uma propriedade rural e para os nortistas significa cortiço.



<http://casadeculturadelavras.blogspot.com.br/2012/04/estancia-do-sobrado.html>

Por isso é importante compreendermos os níveis de linguagem para adequarmos a nossa fala a uma variação linguística coerente ao contexto em que estamos inseridos. E por variação, Didio (2012) entende que é “o modo pelo qual uma língua se diferencia de acordo com os diferentes contextos, tais como: o geográfico, o social, o cultural”, o temporal e, por fim, “o grau de intimidade que possui com o seu ouvinte.”

Volto então para as perguntas iniciais: Utilizamos a língua portuguesa ou várias línguas portuguesas? O português de um advogado é igual ao da sua secretária?

Nós utilizamos a língua portuguesa, mas, como afirma Didio(2012) “numa microvisão, observa-se que, num único sistema linguístico (o do Brasil, por exemplo), encontram-se variações quanto ao modo como a língua é utilizada pelos falantes. Há, por conseguinte, variações linguísticas entre o homem urbano e rural, entre nortista e sulista, entre cariocas e paulistas.”

Quanto à segunda pergunta, dependerá do grau técnico dos conhecimentos de direito e da variante padrão da Língua Portuguesa a que se façam necessários para exercício da profissão, tanto para o Advogado, quanto para a secretária. Como o aspecto profissional é mais uma variante de escolha da nossa língua, bem como o acadêmico, caberá à secretaria e ao advogado as adequações linguísticas; diferindo, apenas, no que diz respeito ao nível de conhecimento técnico em função da escolaridade e graduação de cada um.

Logo, como você é um acadêmico, da mesma forma que a secretária escolhe uma variante para alcançar os receptores da mensagem, no exercício da profissão dentro de um contexto jurídico, você também deverá escolher uma variante que alcance o nível cultural e profissional exigidos na academia.

CONCLUINDO A UNIDADE



Vamos agora para uma rápida revisão:

Vimos que para escolhermos uma variante que seja adequada para um determinado contexto, é necessário compreendermos os níveis de linguagem: oratória, cuidada, comum ou popular e familiar ou informal. Compreensão que foi possível graças ao detalhamento dos níveis e suas diferenças, apoiadas em critérios sócio-culturais e situacionais. Além disso, descrevemos que os níveis de linguagem possuem variações – estabelecidas nas mudanças da língua, seja em seu aspecto geográfico, social, cultural, temporal ou com base no grau de intimidade que possui com o seu ouvinte. Variações descritas em 5 ordens: fonéticas, morfológicas, sintáticas, lexicais e semânticas. Por fim, concluimos que o empregado de uma variante é escolha do comunicador e o faz por intermédio da análise do contexto em que está inserido. Em síntese, você é acadêmico e escolhe, a partir de agora, empregar uma variante com o nível cultural e profissional exigidos na academia.

Na próxima aula, falaremos sobre técnicas e práticas de leitura na academia. Não perca!

Obrigado pela companhia e até o nosso próximo encontro.

DICA DO PROFESSOR



O Ensino Superior é lugar de conhecimento científico por tradição. É sabido que, por muito tempo, foi lugar de prestígio. Ainda é um lugar de prestígio; porém, com um acesso mais democratizado do que em outras épocas. Com a linguagem escrita de prestígio também não é diferente, a Língua Portuguesa carrega ainda o “padrão culto”. E a esse padrão não se pretendeu e nem se pretende fazer nascer o preconceito linguístico, muito pelo contrário, por que fazemos parte de um contexto em evolução, precisamos construir habilidades que nos permitam alcançar todos os níveis de linguagem.

Nesse sentido, leia o relato de experiência a seguir, sobre uma oficina ministrada no curso superior para uma adequação linguística na esfera jurídica, dos pesquisadores: Joice de Oliveira Ferreira e Marciano Renato Ribeiro:
<https://periodicos.uff.br/sededeler/article/view/42388/26150>

EXERCÍCIOS DE FIXAÇÃO



Questão 1 (Unicamp-SP, com modificações)

— Pela milionésima vez, por favor, “se amostrar” não existe. Não pega bem usar uma expressão incorreta como essa.

— Ora veja, incorreto para mim é o que não faz sentido, “se amostrar” faz sentido para boa parte do país.

— Por que você não usa um sinônimo mais simples da palavra? Que tal “exibido”? Todo mundo conhece.

— Não dá, porque quem se exhibe é exibido, quem se amostra é amostrado. Por exemplo: quando os vendedores de shopping olham com desprezo para os meninos dos rolezinhos e moram no mesmo bairro deles, são exibidos. Eles acham que a roupa de vendedor faz deles seres superiores. Por outro lado, as meninas e os meninos dos rolezinhos vão para os shoppings para se amostrar uns para outros, e são, portanto, amostrados. Percebeu a sutileza da diferença?

— Entendo, mas está errado.

— Como é que está errado se você entende? Você não aceita a inventividade linguística do povo. “Amostrar” é verbo torto no manual das conjugações e “amostrado” é particípio de amostra grátis! Captou?

(Adaptado de Cidinha da Silva, Absurdada. Disponível em <http://notarodape.blogspot.com/search/label/Cotidiano>. Acessado em 22/05/2019.)

Considerando que a comparação entre modos de falar pode ser fonte de preconceito, o exemplo citado por uma das personagens da crônica

A) reforça o preconceito em relação às turmas de jovens de um mesmo bairro, com base nos significados de “amostrado” e “exibido”.

B) explicita o preconceito, valendo-se de “amostrado” e “exibido” para distinguir dois grupos de jovens do mesmo bairro.

C) dissimula o preconceito e reconhece que “se amostrar” é, de fato, um verbo que não está de acordo com as normas gramaticais.

D) refuta o preconceito e confirma o desconhecimento da regra de formação do verbo “se amostrar”.

E) amplia o preconceito e identifica o uso correto da palavra “exibido”.

EXERCÍCIOS DE FIXAÇÃO



Questão 2



O uso de determinadas variedades linguísticas em postagens informativas tem o objetivo de atingir o público-alvo de forma mais eficaz e significativa. No caso da imagem apresentada acima, essa estratégia é identificada com base

- A) no uso de discurso padrão da língua portuguesa.
- B) no registro formal próprio da língua escrita.
- C) na fidelidade aos jargões publicitários.
- D) no uso de marcas linguísticas informais.
- E) na seleção lexical própria da esfera científica.

EXERCÍCIOS DE FIXAÇÃO



QUESTÃO 2

Texto 1



Texto 2

Saber falar significa saber uma língua. Saber uma língua significa saber uma gramática. (Oportunamente, esclareceremos melhor alguns conceitos de gramática). Saber uma gramática não significa saber de cor algumas regras que se aprendem na escola, ou saber fazer algumas análises morfológicas e sintáticas. Mais profundo do que esse conhecimento é o conhecimento (intuitivo ou inconsciente) necessário para falar efetivamente a língua.

POSSENTI, Sirio. Por que (não) ensinar gramática na escola. Campinas: Mercado de Letras, 1996. p. 25.

Na leitura da charge há o uso da expressão “assassinato da língua portuguesa”, que, em geral, está relacionada ao conceito de erro. Com base na leitura do texto, relacionando-o à charge, pode-se concluir que

- a) o conceito de erro está mais relacionado ao desvio de uso da norma-padrão de uma língua.
- b) desconhecer a norma-padrão denota desconhecimento da língua em si.
- c) a norma-padrão, da gramática, representa o conhecimento mais efetivo sobre a língua.
- d) saber a gramática, ou seja, a norma-padrão, é requisito para saber uma língua.
- e) o autor do texto e da charge concordam que o desconhecimento da norma-padrão implica desconhecer a língua.

EXERCÍCIOS DE FIXAÇÃO



Questão 4

(UEA , com modificações)

Ao não reconhecer a verdadeira diversidade do português falado no Brasil, a escola tenta impor sua norma linguística como se ela fosse, de fato, a língua comum a todos os brasileiros, independentemente de sua idade, de sua origem geográfica, de sua situação socioeconômica, de seu grau de escolarização etc. (Marcos Bagno. Preconceito linguístico, 2007. Adaptado.)

Em acordo com o ponto de vista de Marcos Bagno sobre o preconceito linguístico, pode-se afirmar que

- A) a variante do Português ensinado na escola é um idioma abrangente, que inclui todas as variantes linguísticas menores, faladas pelos diversos grupos sociais.
- B) a escola deve ensinar o Português padrão a fim de eliminar do espaço social as demais variantes do idioma, que carecem de lógica e de utilidade.
- C) o Português padrão, ensinado na escola, tem a vantagem de ser adequado a qualquer situação social, em quaisquer tempo e lugar.
- D) as gírias e expressões regionais devem ser evitadas, porque fazem o idioma se afastar do Português padrão.
- E) o sistema educacional, quando desconsidera ou desvaloriza a variante linguística dos alunos, age de maneira autoritária e discriminatória.

EXERCÍCIOS DE FIXAÇÃO



Questão 5

Leia o material a seguir

Bão que só, sô.

Nem Cannes, nem Clio.
Pra uma agência de publicidade
mineira, assim como nós, ouvir essa
expressão é o maior dos prêmios.

E já que a gente está falando disso,
nos sentimos orgulhosos por ter
uma estante cheia deste troféu.

PROPAGANDA COM UAI MAIÚSCULO.

AGÊNCIA
MERCADO

Após examiná-lo, avalie as afirmações a seguir.

I. Observa-se na frase “Bão que só, sô.”, o uso de linguagem popular que remete à cultura do estado de Minas Gerais e causa identificação no público a que se dirige.

II. “Bão” equivale a “bom”; “que só” é uma expressão de intensidade que quer dizer “muito”; e “sô” é uma forma popular de se dirigir a alguém.

III. Ao utilizar, em um anúncio publicitário, uma variedade linguística que reconhece o valor da linguagem regional, a agência criadora do material contribui para o combate do preconceito linguístico.

É correto o que se afirma em

A) I, apenas.

B) II, apenas.

C) I e II, apenas.

D) II e III, apenas.

E) I, II e III.

19

SAIBA MAIS

Para ampliar o seu conhecimento a respeito desse assunto, veja abaixo as sugestões do professor:

Resposta do Jeca Tatu, por Rolando Boldrin (28/06/2012)

Variação linguística

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE, Maria Margarida de; MEDEIROS, João Bosco. Comunicação em Língua Portuguesa. 5ª.ed. São Paulo: Atlas, 2009.

DIDIO, Lucie. Leitura e Produção de Textos. Rio de Janeiro: Atlas, 2013

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. Novo dicionário Aurélio da língua portuguesa. Coordenação Marina Baird Ferreira, Margarida dos Anjos, 4 ed. Curitiba: Ed. Positivo, 2009.

HOUAISS. Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa. Rio de Janeiro: Objetiva, 2010.

VANOYE, Francis. Usos de Linguagens. São Paulo: Martins, 2007.

GABARITO

1) B

2) D

3) A

4) E

5) E

COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO

COMUNICAÇÃO LEITORA E CAPACIDADE INTERPRETATIVA



AUTOR

Alessandro Campos Piantino



APRESENTAÇÃO

Olá! Espero que esteja bem. Sei que não foi fácil chegar até aqui. Enfim, alcançou o Ensino Superior ou o início de uma segunda graduação. O conhecimento, realmente, é uma grande dádiva e você deve aproveitar muito bem o seu precioso tempo para angariar novas conquistas.

Nesta disciplina não será diferente. Conhecimentos vários serão transmitidos e, na medida das interações previstas com seu tutor e colegas, você também terá a oportunidade de transmitir os saberes já adquiridos por meio de suas vivências e aprender, com base nas novas informações, direcionamentos importantes para a sua caminhada acadêmica.

Essas interações, inclusive, exemplificaram muito bem o que se propõe neste curso, “Comunicação e Expressão”, que ora é matéria de sua atenção por meio dessa leitura. Compreender o papel comunicativo e as formas de expressão no exercício de sua posição estudantil no Ensino Superior é o que se propõe de forma geral.

Aproveite as sistematizações oferecidas e todo o material complementar indicado, a cada unidade, para as interações já mencionadas, praticando o que consta nesta disciplina, como forma de continuidade e ampliação de seus estudos.

Ao final desta unidade, você deverá ser capaz de:

- compreender as estratégias de leitura,
- descrever os níveis de leitura;
- empregar as estratégias de leitura no processo de seleção, crítica e interpretação do texto lido.

Bons estudos!

CONHEÇA O CONTEUDISTA

Alessandro Campos Piantino

Possui graduação em Letras Português/Inglês e Respectivas Literaturas, especialização em Planejamento, Implementação e Gestão de Educação a Distância e em Linguística Textual, bem como Mestrado em Educação pela Universidade de Brasília. Atualmente é professor do Centro Universitário Icesp de Brasília, membro do Núcleo de Avaliação, Qualidade e Estratégia da Rede Soebras de Ensino, Professor e Coordenador da área de Linguagens e Códigos de uma Rede Educacional Privada do Distrito Federal na modalidade do Ensino Básico. Tem experiência na correção de Redações do Enem e de diversos concursos e vestibulares.

UNIDADE 3

Olá ser iluminado!

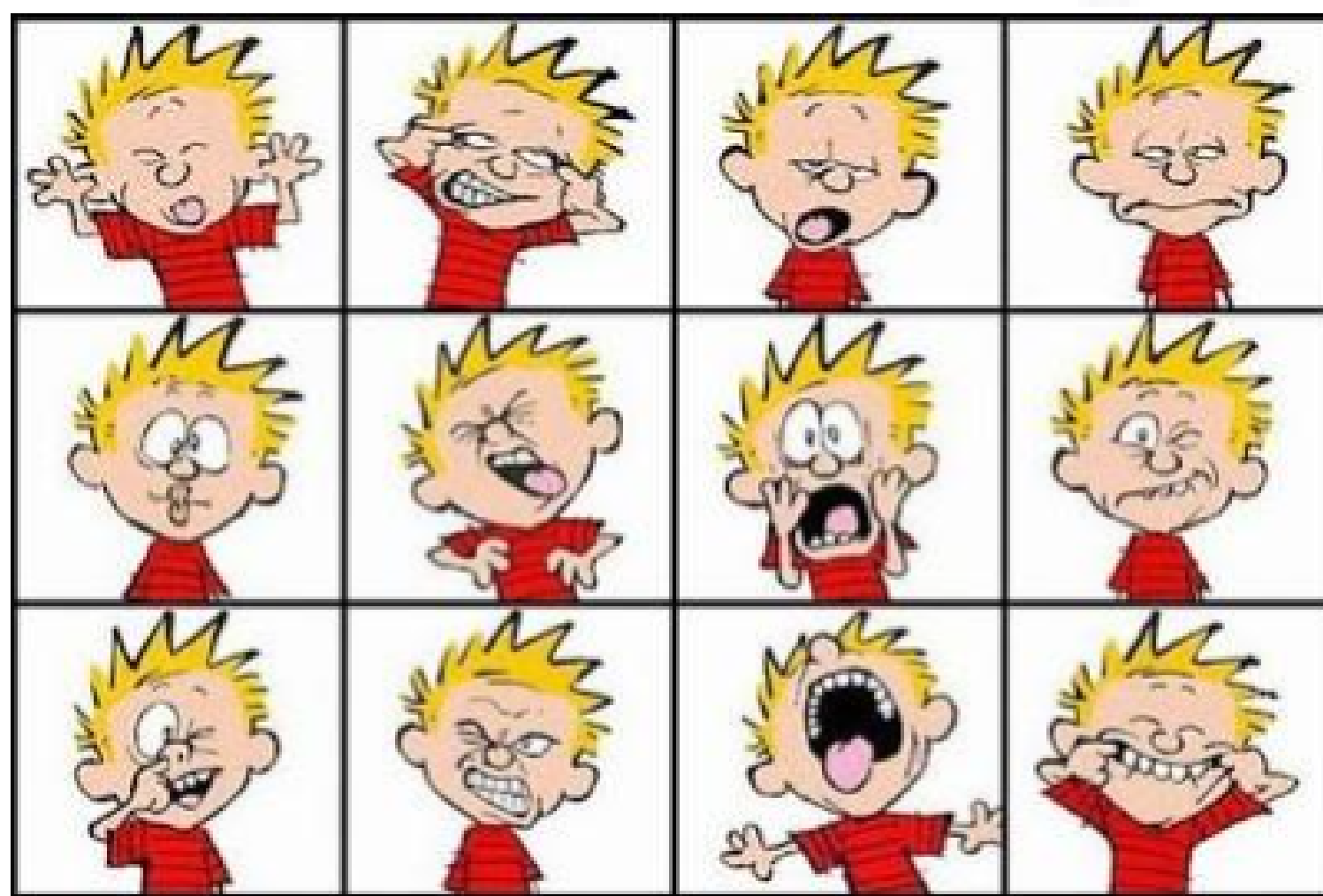
É um prazer compartilhar com você mais uma vez alguns conhecimentos. Na última aula, falamos sobre algumas escolhas que devemos fazer para estabelecermos uma comunicação, vimos que para escolhermos uma variante que seja adequada para um determinado contexto, é necessário compreendermos os níveis de linguagem. E hoje sei que, a partir dessas reflexões, você tem condições de monitorar as relações contextuais e fazer as devidas adequações, por meio de estudos, para a efetivação do processo comunicativo, principalmente, na academia.

Por falar em exigência, observei nesta semana em uma sala de aula um aviso proibindo o uso do celular. E comecei a rir, não do aviso, mas da exigência conferida ao receptor dessa mensagem. Apesar de já respaldada em lei em algumas regiões do país, como, por exemplo, no Distrito Federal, a partir da Lei n; 4.131, de maio de 2008, e a proibição versar sobre o uso não pedagógico, seria cômico imaginar a situação dos meus alunos se a eles fosse imposta a ação contida nesta imagem.



COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO

Seria realmente engraçado, e tentador! Como os meus alunos do ensino superior reagiriam? Provavelmente teriam uma crise de abstinência. Ficariam com algumas dessas expressões interpretadas por Calvin.



<http://jboscocartuns.blogspot.com.br/2010/11/01/archive.html>

Claro que, em função do contexto atual, é difícil até de imaginar uma ação de recolhimento de aparelhos eletrônicos de telefonia celular, pois o uso dessa tecnologia está vinculado às várias necessidades pessoais, profissionais e educacionais. De todo modo, é proveitoso o assunto para uma reflexão: como seria a sua comunicação sem o celular? Sabemos que hoje o celular não possui somente o recurso telefônico de antes. Inclusive, as ligações telefônicas são, muitas vezes, pouco utilizadas em razão da infinidade de recursos comunicacionais presentes nos *Smartphones*.



Fonte: <http://www.mundowalmart.com.br/a-evolucao-do-telefone-apos-146-anos-de-historia/> <acesso em 09/09/14 às 16:00>

Imagine seus avôs com este aparelho, bem maior que o celular, em sala de aula! Outra situação engraçada. A questão é: hoje o celular é utilizado também para se conectar à rede, pesquisar, interagir, transmitir mensagens, capturar imagens, produzir vídeos, ver vídeos, escrever textos, fazer leituras, entre muitas outras funções. Contudo, o uso não orientado dessa ferramenta comunicacional parece estar acelerando alguns processos de tal modo a não angariar proveito para a aprendizagem, dentre eles, a leitura.

Sobre isso, Castro (2002, *apud*. DIDIO, 2013) articula uma possibilidade que faço questão de citar:

Parece haver uma estratégia errada no ensino da leitura. Os alunos se contentam com uma compreensão superficial do texto. Satisfeitos, passam a divagar sobre o que pensam, sobre o que o autor poderia estar pensando, sobre o que evoca o texto. Mas isso tudo ocorre, antes de acabarem de processar cognitivamente o texto, de decifrá-lo segundo os códigos rígidos da sintaxe. Dispara a imaginação, trava-se a cognição.

Nesse sentido, a capacidade leitora, muito embora seja uma habilidade a ser conquistada na escolarização, está relacionada dentre as dificuldades encontradas pelo estudante do ensino superior, com relação à apreensão do conhecimento a partir dela. E uma das causas é exatamente o exercício superficial da leitura. Apesar de haver não uma, mas várias razões para a superficialidade do ato leitor, supõe-se que seja um hábito conquistado nos últimos tempos com o advento da internet. A operacionalização da quantidade de informações, dispostas nos dispositivos móveis, requer agilidade. No entanto, o que se vê é uma agilidade sem orientação estratégica para a devido entendimento do que se lê.

Para Didio, o objetivo da leitura de um texto consiste em “capacitar o leitor a compreender bem um texto, ou seja, apreender com total exatidão seu verdadeiro sentido” (DIDIO, 2013, p. 118). O que seria, então, “compreender bem um texto”? É para essa autora e outros estudiosos, como Faulstich, um acompanhamento do processo leitor por níveis e técnicas.

E sobre os níveis que tanto necessitamos na academia, Faulstich (2011, p.13), disserta o seguinte:

Leitura pressupõe busca de informação. Por isso é importante escolher bem o texto para ler. Para que o leitor se informe é necessário que haja entendimento daquilo que ele lê. Há textos cujo assunto é inteiramente inteligível ao leitor, como os jornais, revistas não especializadas etc. Há outros, porém, que a pessoa tenta ler, já sabendo, a princípio, que não entende completamente seu conteúdo. Neste último caso o leitor deve estar predisposto a superar essa dificuldade.

A desigualdade de entendimento se manifesta principalmente quando se tem de ‘mergulhar’ numa leitura criteriosa de texto técnico. Ocorre que ou se lê um texto dessa natureza como se estivesse lendo um periódico descritivamente, ou se tenta ler visando a um entendimento, sem saber, muitas vezes, como proceder para não perder tempo, sem saber a que cânones obedecer.

Essa atitude leitora, ao se pretender superar as dificuldades, deve seguir duas categorias, sendo a primeira subdividida em mais duas:

- LEITURA INFORMATIVA
- SELETIVA
- CRÍTICA
- LEITURA INTERPRETATIVA

E para melhor compreendê-las, seguem alguns conceitos descritos por Faulstich (2011):

Leitura seletiva - se efetiva no momento em que o leitor sabe escolher as ideias pertinentes que complementam o ponto de vista do autor. (p.14)

Leitura crítica - exige do leitor uma visão abrangente em torno do assunto que está sendo focalizado. É necessário, pois, que se faça uma pré-leitura do material a ser analisado para, então, estabelecer-se a diferença entre a sucessão das ideias principais, contidas nas sentenças-tópico [...]. Ler criticamente significa reconhecer a pertinência dos conteúdos apresentados, tendo como base o ponto de vista do autor e a relação entre este e as sentenças-tópico. Essa pertinência é que permite estabelecer-se uma hierarquia entre a ideia mais abrangente e as que a subsidiam. (p.19 e 20)

Leitura interpretativa - requer total domínio da leitura informativa. [...] Entender um texto é compreender claramente as ideias expressas pelo autor para, então, interpretar e extrapolar essas ideias. (p.24 e 25)

Sobre o “extrapolar” dessas “ideias”, Faulstich (2011) considera ainda as capacidades cognitivas propostas por Benjamin Bloom (1973) descritas no quadro a seguir, juntamente, com algumas reflexões que devem fazer sobre o ato leitor:

Compreensão	é a capacidade de entender a mensagem literal contida em uma comunicação. Em um primeiro momento, deve o leitor ater-se ao ponto de vista do autor, à tese que o autor defende no texto. (p.25)	Que tese é defendida no texto?
Análise	é a capacidade de decompor um todo em suas partes, partindo das sentenças-tópico dos parágrafos e suas relações com o texto. (p. 26)	Quais as partes constitutivas do texto?
Síntese	é a capacidade de colocar em ordem os pensamentos essenciais do autor, utilizando-se das sentenças-tópico dos parágrafos. (p.26)	Qual a síntese ideal deste texto?
Avaliação	é a capacidade de emitir um juízo de valor e de verdade a respeito das	As ideias essenciais do texto merecem crítica? Positiva? Negativa?
	ideias essenciais de um texto. (p.26)	
Aplicação	é a capacidade que nos garante ter entendido o assunto e nos permite projetar novas ideias a partir dos conhecimentos adquiridos. (p.27)	Em que outro(s) contexto(s) podem ser aplicadas as ideias essenciais do texto?

Já Didio (2013) descreve algumas técnicas. E sobre algumas dessas técnicas, que nomearei de “estratégias de alcance para os níveis de leitura”, pretende-se fazer utilizar para alcançar os níveis de leitura propostos por Faulstich (2011). São elas:

- ESTRATÉGIAS DA SOBRINHA
- ESTRATÉGIAS DO ESQUEMA

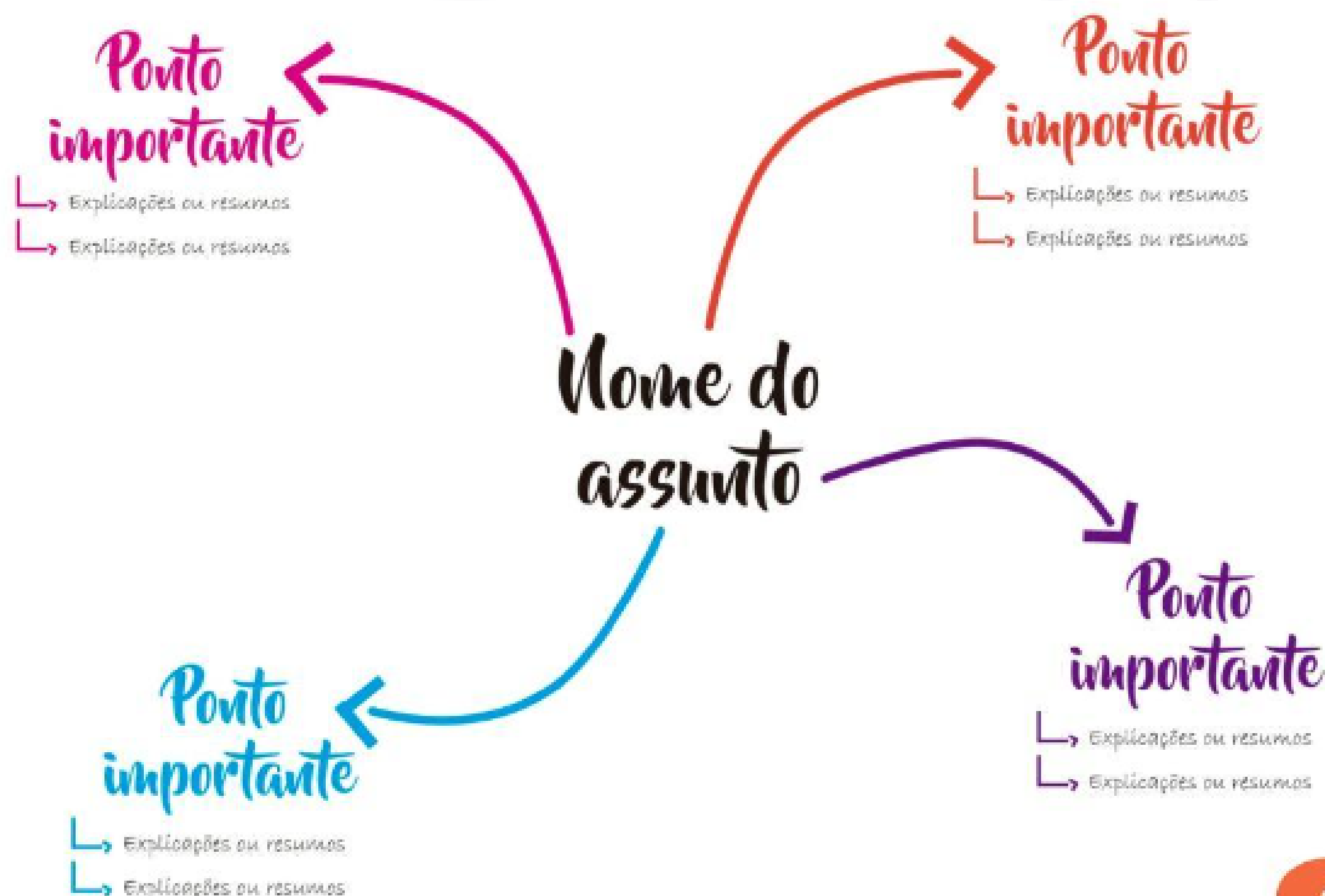
COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO

A estratégia de “SUBLINHA” consiste em, num determinado texto (artigo, obra etc.), traçar uma linha por baixo de palavras, de expressões ou de frases, consideradas essenciais pelo leitor” (DIDIO, 2013, p. 123). Desse modo, levando em conta que para Faulstich (2011) importa a sucessão de ideias principais (sentença-tópico) de cada parágrafo, vale você utilizar a estratégia de sublinhar para traçá-las, algo que veremos com maior detalhamento em outra unidade.

Sobre o que se entende por esquema, Didio (2013) afirma:

Todo texto (ou obra) tem um esqueleto, arcabouço ou plano oculto, que subjaz à estrutura textual. É essencial para a inteligência de qualquer texto apreender-lhe tal esqueleto. Na verdade, esquematizar um texto é ser capaz de reproduzir-lhe o plano, com sua estrutura hierarquizada de informações. (p. 128)

Esse esqueleto do texto é para o escritor algo prévio, também veremos em outra unidade. Contudo, o que se julga aqui enfatizar é a capacidade leitora de perceber esse esquema durante o processo de leitura. Cabe ao leitor, a partir dos traçados realizados por meio da estratégia da sublinhar, desenhar o esqueleto do texto, como o que se faz em Mapas Mentais e/ou Mapas Conceituais.



Disponível em: <https://geekiegames.geekie.com.br/blog/como-fazer-um-mapa-mental/> Acesso em 17/02/22.



Disponível em: <https://ideg.com.br/wp-content/uploads/2021/08/WhatsApp-Image-2021-08-13-at-16.59.37.jpeg> Acesso em 17/02/22

CONCLUINDO A UNIDADE



Vimos nessa unidade que, com o advento da internet, novos hábitos surgiram. Por que se ampliou a quantidade de informações e a velocidade com que circulam, o leitor se vê na necessidade de também acelerar sua capacidade de decodificação das mensagens. No entanto, o resultado dessa operação, muitas vezes, é a superficialidade da leitura, ao ponto de não se compreender bem o texto.

Nesse sentido, para se compreender bem, deve-se considerar que há níveis para se alcançar um bom entendimento do texto, passando por uma leitura informativa até chegar na interpretativa. E que para se alcançar esses níveis, importa pensar em estratégias. Dentre várias encontradas na literatura, foram apresentadas as estratégias de sublinhar e esquema.

Nas próximas unidades, veremos mais de perto essas estratégias, a partir do conceito e estruturação do parágrafo até a formação do texto em um todo significativo: a textualidade. Até a próxima!

DICA DO PROFESSOR



Os mapas mentais e os mapas conceituais são ótimas representações do pensamento para a concepção de um projeto de texto, por exemplo, antes de qualquer escrita. No entanto, mesmo que não na função de escritor, mas de leitor, concebe-se também essas estratégias na decodificação das mensagens através da leitura dos registros escritos, alcançando uma boa leitura informativa e interpretativa, além, é claro, de potencializar a memorização das relações e conceitos.

Dito isso, qual é, então, a diferença entre mapa mental e mapa conceitual? Como fazer? Assista ao vídeo e até a nossa próxima unidade.

<https://youtu.be/Ybl8OQBpajc>

EXERCÍCIOS DE FIXAÇÃO



Questão 1 (Unicamp-SP, com modificações)

Para Castro (2002, apud. DIDIO, 2013):

Parece haver uma estratégia errada no ensino da leitura. Os alunos se contentam com uma compreensão superficial do texto. Satisfeitos, passam a divagar sobre o que pensam, sobre o que o autor poderia estar pensando, sobre o que evoca o texto. Mas isso tudo ocorre, antes de acabarem de processar cognitivamente o texto, de decifrá-lo segundo os códigos rígidos da sintaxe. Dispara a imaginação, trava-se a cognição.

Nesse sentido, a capacidade leitora, muito embora seja uma habilidade a ser conquistada na escolarização, está relacionada dentre as dificuldades encontradas pelo estudante do ensino superior, com relação à apreensão do conhecimento a partir dela. E uma das causas é exatamente o exercício superficial da leitura. Apesar de haver não uma, mas várias razões para a superficialidade do ato leitor, supõe-se que seja um hábito conquistado nos últimos tempos com o advento da internet. A operacionalização da quantidade de informações, dispostas nos dispositivos móveis, requer agilidade. No entanto, o que se vê é uma agilidade sem orientação estratégica devido ao entendimento do que se lê.

Nessa perspectiva, está correto o que se afirma em:

- A) A leitura superficial possibilita um bom aproveitamento do conteúdo lido, sendo assim, uma boa forma de se ler.
- B) A capacidade leitora ajuda a desenvolver também a capacidade interpretativa e crítica do estudante sobre diversos aspectos.
- C) A leitura por dispositivos móveis é muito aconselhada por especialistas por favorecer a concentração e o fortalecimento das memórias de leitura.
- D) Os dispositivos móveis, embora sejam invenções importantes dos avanços da comunicação, só limitaram a qualidade leitora e interpretativa.
- E) A capacidade de compreensão estratégica adquirida por meio da leitura não pode ser de modo algum aplicada na leitura por meio de dispositivos móveis.

EXERCÍCIOS DE FIXAÇÃO



Questão 2

Para Didio, o objetivo da leitura de um texto consiste em “capacitar o leitor a compreender bem um texto, ou seja, apreender com total exatidão seu verdadeiro sentido” (DIDIO, 2013, p. 118). O que seria, então, “compreender bem um texto”? É para essa autora e outros estudiosos, como Faulstich, um acompanhamento do processo leitor por níveis e técnicas.

E sobre os níveis que tanto necessitamos na academia, Faulstich (2011, p.13), disserta o seguinte: Leitura pressupõe busca de informação. Por isso é importante escolher bem o texto para ler. Para que o leitor se informe é necessário que haja entendimento daquilo que ele lê. Há textos cujo assunto é inteiramente inteligível ao leitor, como os jornais, revistas não especializadas etc. Há outros, porém, que a pessoa tenta ler, já sabendo, a princípio, que não entende completamente seu conteúdo. Neste último caso o leitor deve estar predisposto a superar essa dificuldade. A desigualdade de entendimento se manifesta principalmente quando se tem de ‘mergulhar’ numa leitura criteriosa de texto técnico. Ocorre que ou se lê um texto dessa natureza como se estivesse lendo um periódico distrativamente, ou se tenta ler visando a um entendimento, sem saber, muitas vezes, como proceder para não perder tempo, sem saber a que cânones obedecer.

Sendo assim, é possível afirmar que:

- A) Quando se lê, procura-se sobretudo ratificar uma informação já conhecida.
 - B) A leitura de textos técnicos só se faz ser mediada por especialistas sobre o tema.
 - C) Quando um leitor desconhece o tema de um texto, não se deve fazer a leitura do respectivo texto.
 - D) A leitura favorece a abertura de novas possibilidades de conhecimento.
 - E) Ler é um exercício complexo que exige a associação de diversas estratégias.
- Um bom leitor sempre lê um texto uma única vez.

EXERCÍCIOS DE FIXAÇÃO



QUESTÃO 2

Observe a imagem para responder à questão.



Com base na imagem, pode-se afirmar que a:

- A) para saber ler é fundamental o uso de tecnologias digitais.
- B) representação da leitura é ilustrada pelo livro aberto e pelo alfabeto, que são objetos visíveis.
- C) escrita compreensível segue regras como escrever do início ao fim de uma linha e iniciar o parágrafo com um espaço.
- D) imagem ilustra a dificuldade na leitura que está representada pelas letras do alfabeto expostas de maneira bagunçada.
- E) tecnologia atrapalha o desenvolvimento da leitura de crianças e adolescentes nas escolas.

EXERCÍCIOS DE FIXAÇÃO



Questão 4 (Feevale, com modificações)

A arqueologia da leitura

Leitura está na moda, e informação está em pauta.

Há mais de vinte anos, a leitura e seus arredores entraram em todas as agendas: a agenda política, a educacional, a acadêmica.

Na agenda política, sucessos e falências da educação são a ela creditados. Na agenda acadêmica, ela é responsável por significativa renovação de várias áreas das ciências humanas, entre as quais se destacam os estudos literários, os estudos linguísticos, a história, a educação, a antropologia.

Quer como processo mental, quer como ação individual e voluntária, quer ainda como prática coletiva, leitura, livros e leitores inspiraram pesquisas de natureza histórica, de perspectiva teórica, de recorte metodológico. Simultaneamente a esse alargamento do panorama no qual se inscrevem questões de leitura, a expressão “informação” também invade diferentes horizontes. A partir das últimas décadas do século XX, fala-se em era da Informação, em sociedade da Informação.

É muito sugestivo que informação e leitura convivam.

Da sua parte, a noção de informação também comparece a expressões como código e informação genética para se referir a ocorrências intracelulares, responsáveis pela guarda e transmissão de traços genéticos que vão determinar do sexo à cor dos olhos e... sabe-se lá o que mais!

O que significa estes e outros contextos nos quais a palavra informação ocorre é a ideia de troca de mensagens — vale dizer, a ideia de linguagem.

A linguagem humana é o mais universal veículo de informação de que se tem notícia: todos os demais sistemas de informação foram criados a partir dela ou a ela recorrem para tornarem-se inteligíveis. Sua capacidade informacional torna-a ponto convergente de inúmeros aspectos da vida das pessoas: organização política, crenças e cerimônias religiosas, manifestações artísticas, expressão de sentimentos, registro de conquistas, autoconhecimento — e todo o resto! — passam por ela.



Se a linguagem é traço universal do humano, suas manifestações distendem-se ao longo de um arco muito extenso. São inúmeras as línguas, e cada uma delas constitui uma forma original de transcrever o mundo, o dentro e o fora do homem. Além da pluralidade de línguas, são igualmente inúmeras as maneiras pelas quais a humanidade transmite informação: da sonoridade dos tambores que enviam mensagens ao traço na pedra que registra a substituição de um chefe por outro; do “sim” com que os noivos aceitam um ao outro ao contrato que registra a compra de um imóvel, tudo é linguagem.

De toda essa rede de linguagem na qual se desenrola a vida dos homens e das mulheres que habitam a face da Terra, é a expressão verbal que ocupa a base da pirâmide, pois modela a compreensão dos demais tipos de comunicação e informação. É como discurso que interpretamos o modo de existir dos seres animados, e mesmo os objetos inanimados podem passar pelo filtro das palavras. A modalidade oral está disseminada entre todos os grupos humanos, e é à imagem dela que a escrita procura construir-se e instituir-se. Na outra ponta, localiza-se a leitura, que, como recepção, é igualmente audição, de todo modo interação entre sujeitos falantes.

(Texto adaptado de: LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. A arqueologia da leitura. In: _____. Das tábuas da lei à tela do computador. A leitura em seus discursos. São Paulo: Ática, 2009, p. 17-22).

Sobre o texto, avalie as asserções a seguir e a relação proposta entre elas.

I. O ser humano caracteriza-se pelo emprego da linguagem, o que compreende a existência de inúmeras línguas, por meio das quais ele se expressa.

PORQUE

III. O emprego da linguagem verbal é o mais importante sistema de comunicação do ser humano, uma vez que serve de modelo para outros tipos de linguagem.

É correto o que se afirma em:

- A) As asserções I e II são proposições verdadeiras, e a II é uma justificativa correta da I.
- B) As asserções I e II são proposições verdadeiras, mas a II não é uma justificativa correta da I.
- C) A asserção I é uma proposição verdadeira, e a II é uma proposição falsa.
- D) A asserção I é uma proposição falsa, e a II é uma proposição verdadeira.
- E) As asserções I e II são proposições falsas.

EXERCÍCIOS DE FIXAÇÃO



Questão 5

Leitura seletiva - se efetiva no momento em que o leitor sabe escolher as ideias pertinentes que complementem o ponto de vista do autor. (FAULSTICH, 2011, p.14).

Leitura interpretativa - requer total domínio da leitura informativa. [...] Entender um texto é compreender claramente as ideias expressas pelo autor para, então, interpretar e extrapolar essas ideias. (p.24 e 25)

Sobre o “extrapolar” dessas “ideias”, Faulstich (2011) considera ainda as capacidades cognitivas propostas por Benjamin Bloom (1973) descritas no quadro a seguir, juntamente, com algumas reflexões que devem fazer sobre o ato leitor: compreensão, análise, síntese, avaliação, aplicação.

Sendo assim, está correto afirmar que:

- A) A leitura seletiva se mostra mais importante do que a interpretativa por que esta implica em escolher ideias pertinentes ao tema.
- B) A leitura interpretativa se mostra mais apropriada que a seletiva porque esta não avança no domínio do conteúdo.
- C) As capacidades de análise, síntese e avaliação são adquiridas apenas por meio de uma leitura seletiva.
- D) As capacidades de análise, síntese, avaliação e aplicação são adquiridas por um exercício de leitura intensa em que se envolvam os diversos níveis de leitura.
- E) As capacidades de análise, síntese, avaliação e aplicação são adquiridas apenas por meio de uma leitura interpretativa.

20

SAIBA MAIS

Para ampliar o seu conhecimento a respeito desse assunto, veja abaixo as sugestões do professor:

<https://youtu.be/PlZHvcomSoo?t=1287>

<https://youtu.be/2Qqi-TPyA-M>

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DIDIO, Lucie. Leitura e produção de textos: comunicar melhor, pensar melhor, ler melhor, escrever melhor. São Paulo: Atlas, 2013.

FAULSTICH, Enilde Leite de Jesus. Como ler, entender e redigir um texto. 23. ed. Petrópolis: Vozes, 2011.

GABARITO

1) B

2) D

3) B

4) B

5) D

COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO

COMUNICAÇÃO NÃO VERBAL



AUTOR

Alessandro Campos Piantino



APRESENTAÇÃO

Olá! Espero que esteja bem. Sei que não foi fácil chegar até aqui. Enfim, alcançou o Ensino Superior ou o início de uma segunda graduação. O conhecimento, realmente, é uma grande dádiva e você deve aproveitar muito bem o seu precioso tempo para angariar novas conquistas.

Nesta disciplina não será diferente. Conhecimentos vários serão transmitidos e, na medida das interações previstas com seu tutor e colegas, você também terá a oportunidade de transmitir os saberes já adquiridos por meio de suas vivências e aprender, com base nas novas informações, direcionamentos importantes para a sua caminhada acadêmica.

Essas interações, inclusive, exemplificaram muito bem o que se propõe neste curso, “Comunicação e Expressão”, que ora é matéria de sua atenção por meio dessa leitura. Compreender o papel comunicativo e as formas de expressão no exercício de sua posição estudantil no Ensino Superior é o que se propõe de forma geral.

Aproveite as sistematizações oferecidas e todo o material complementar indicado, a cada unidade, para as interações já mencionadas, praticando o que consta nesta disciplina, como forma de continuidade e ampliação de seus estudos.

Ao final desta unidade, você deverá ser capaz de:

- Conceituar parágrafo e identificar as partes do parágrafo;
- Selecionar a estrutura principal e secundária do parágrafo;
- Relacionar a estrutura principal do parágrafo com o desenvolvimento paragráfico.

Bons estudos!

CONHEÇA O CONTEUDISTA

Alessandro Campos Piantino

Possui graduação em Letras Português/Inglês e Respectivas Literaturas, especialização em Planejamento, Implementação e Gestão de Educação a Distância e em Linguística Textual, bem como Mestrado em Educação pela Universidade de Brasília. Atualmente é professor do Centro Universitário Icesp de Brasília, membro do Núcleo de Avaliação, Qualidade e Estratégia da Rede Soebras de Ensino, Professor e Coordenador da área de Linguagens e Códigos de uma Rede Educacional Privada do Distrito Federal na modalidade do Ensino Básico. Tem experiência na correção de Redações do Enem e de diversos concursos e vestibulares.

UNIDADE 4

Olá ser iluminado!



O Tijolo

O pedreiro deitava o tijolo na camada de cimento.
Manejando a pá com segurança, lançava-lhe por cima outra camada.
E, sem pedir-lhe opinião, punha por cima outro tijolo.
As paredes cresciam a olhos vistos,
A casa ia elevar-se alta e sólida para abrigar os homens.
Tenho pensado, Senhor, nesse pobre tijolo, enterrado, de noite a dentro, ao pé da grande casa.
Ninguém o vê, mas ele desempenha bem seu papel e os outros precisam dele.
Senhor, que importa que eu esteja na cumieira da casa ou em seus alicerces contanto que eu seja fiel, bem no meu lugar, na Tua construção.

Michel Quoist (1954)

O Tijolo é um produto cerâmico, avermelhado, geralmente em forma de paralelepípedo e amplamente usado na construção civil, artesanal ou industrial. É um dos principais materiais de construção. O tijolo é fabricado com argila e de cor avermelhada devido ao cozimento e pode ser maciço ou furado. Os vestígios mais antigos de tijolos datam de 7500 a.c: foram encontrados em Çayönü, no sudeste da Anatólia, na Turquia. Em descobertas mais recentes, foram encontrados tijolos de 7000 e 6395 a.C., em Jericó e em Çatalhöyük, respectivamente. A partir de dados recolhidos nestas descobertas arqueológicas, foi concluído que os tijolos cozidos, foram inventados no terceiro milênio antes do nascimento de cristo, no Médio Oriente.

É impressionante como objetos ainda tão utilizados foram originados há milênios de anos. O tijolo é um exemplo disso. Lembro, como se fosse ontem, dos meus passeios na olaria do tio da minha mãe no interior de Goiás. Era interessante ver os homens moldando os tijolos e levando-os para o grande forno.

Esse fato da minha infância veio à tona ao ler o poema de Michel Quoist. Naquela época, nos meus 8 anos, não imaginava como o processo era antigo, mas já reconhecia a importância daquela peça, talvez pela sensibilidade da perícia. Todavia, o tempo passou e percebo que, agora, só olho para a parede já construída e desconsidero a parte (tijolo) que constitui o todo.

Assim é o texto, olhamos para ele muitas vezes sem considerar as partes que o constitui. E uma dessas partes é o parágrafo, o nosso tijolo textual. E antes que comecemos a construir o texto narrativo, descritivo, dissertativo e injuntivo, a partir dos princípios da textualidade, vamos entender o que é o parágrafo.

Um esclarecimento importante; pois, para Didio (2013, pág. 279), parágrafo “é uma unidade de composição constituída por vários períodos”. Além disso, ela ainda afirma que o parágrafo é estruturado por um ou dois períodos principais dos quais se irradiam períodos com ideias secundárias e terciárias, confirmando o que declarou Garcia(1973). E por período, Andrade & Medeiros (2009) definem como uma sentença de sentido completo que contém verbo e termina por um ponto final ou outro sinal equivalente.

Vale lembrar ainda que, assim como Moysés (2009) sintetiza, cada parágrafo tem um objetivo e é dividido em três partes: introdução, desenvolvimento e conclusão. Logo, todo esse conjunto de períodos está ordenadamente distribuído e um dá suporte ao outro para construir a unidade da composição paragrafíca. Vimos na aula anterior sobre a capacidade de se esquematizar o texto por meio de mapas mentais e/ou mapas conceituais como estratégia de leitura. Nessa unidade reconheceremos que essas estratégias auxiliarão a capacidade interpretativa de textos por meio da compreensão das partes do parágrafo.

Considerando que cada parágrafo de uma ideia central, o termo “palavra-chave” é o que melhor descreve o vocábulo ou os vocábulos que formam essa ideia-núcleo. A palavra-chave está no período conhecido por tópico frasal, ou sentença tópica, ou ainda, frase guia. É a principal sentença por conter o núcleo ou a ideia central, ou seja, a palavra-chave ou ideia-núcleo.

Para isso, leia o texto a seguir e acompanhe, a seguir, as técnicas de sublinhar e esquematização da estrutura:

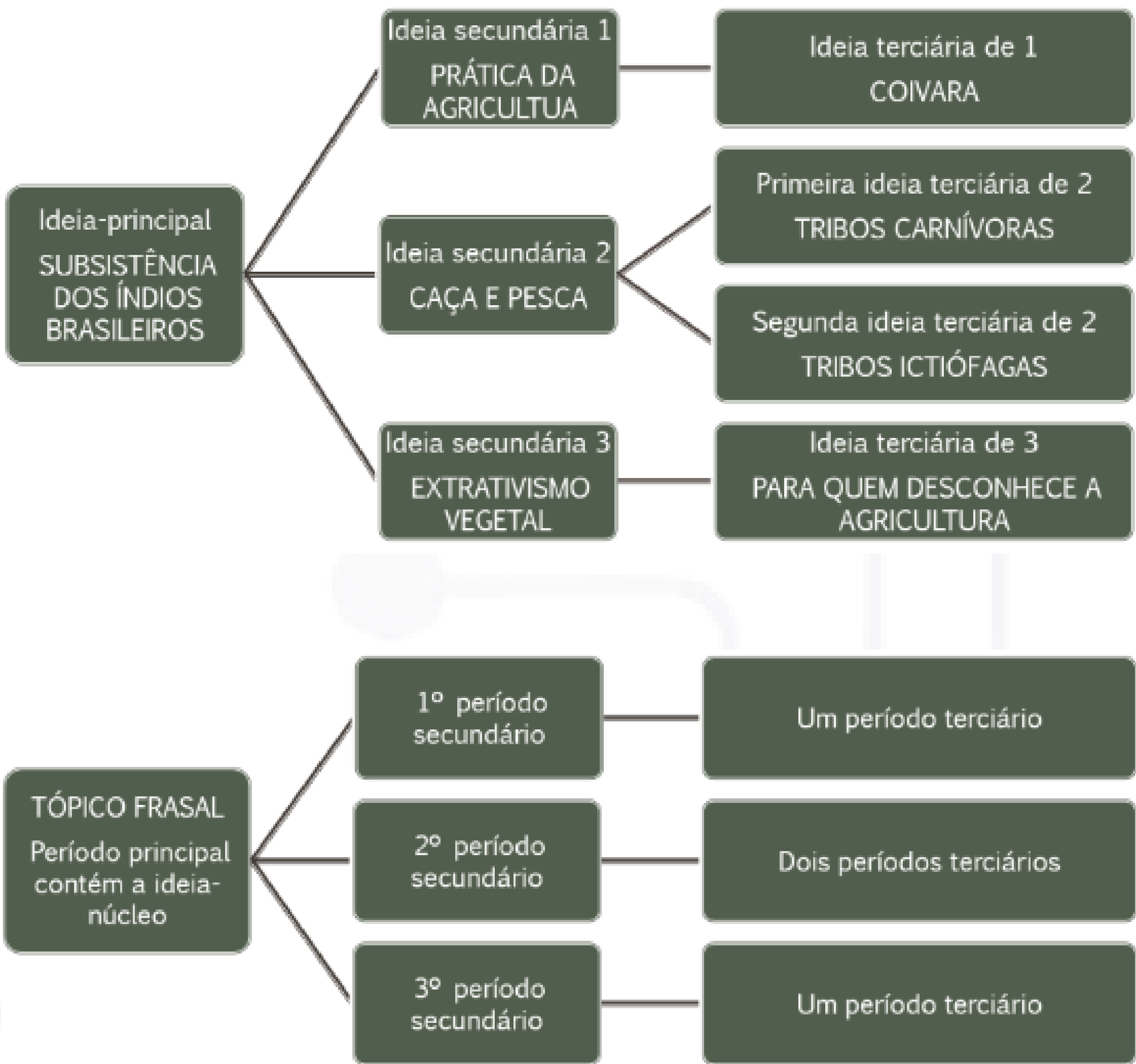
Os índios brasileiros provêm sua subsistência usando os recursos naturais de seu meio ambiente. A grande maioria das tribos pratica a agricultura. Seu processo agrícola, chamado coivara, consiste num sistema de queimadas e de fertilização da terra com as cinzas. A caça e a pesca não despertam o mesmo interesse em todos os grupos tribais. Certas tribos possuem alimentação predominantemente carnívora e são hábeis caçadoras. Algumas outras apresentam grande número de preceitos religiosos que as proíbem de comer a carne de certos mamíferos, tendo, por isso, a base de sua alimentação na pesca. A coleta de raízes, frutos silvestres e mel é praticada em grau menor ou maior, por todas as tribos. Para aqueles que desconhecem a agricultura, constitui-se na principal fonte de alimento vegetal.

(MORENO e GUEDES, 1979, pág. 14, apud, DIDIO, 2013, pág. 280)

Os índios brasileiros provêm sua subsistência usando os recursos naturais de seu meio ambiente. *A grande maioria das tribos pratica a agricultura. Seu processo agrícola, chamado coivara, consiste num sistema de queimadas e de fertilização da terra com as cinzas. A caça e a pesca não despertam o mesmo interesse em todos os grupos tribais. Certas tribos possuem alimentação predominantemente carnívora e são hábeis caçadoras. Algumas outras apresentam grande número de preceitos religiosos que as proíbe de comer a carne de certos mamíferos, tendo, por isso, a base de sua alimentação na pesca. A coleta de raízes, frutos silvestres e mel é praticada em grau menor ou maior, por todas as tribos. Para aqueles que desconhecem a agricultura, constitui-se na principal fonte de alimento vegetal.*

O período principal em negrito - tópico frasal - contém a ideia principal, revelada nos vocábulos em vermelho, chamados de palavra-chave. Os períodos secundários contêm as ideias secundárias em azul e estão sublinhados para que você verifique o suporte dado à ideia principal na relação entre os períodos. E essa mesma relação deve ser observada quando se desenvolve as ideias secundárias por meio das especificidades das ideias terciárias destacadas em verde e suas conexões presentes nos períodos terciários em itálico.

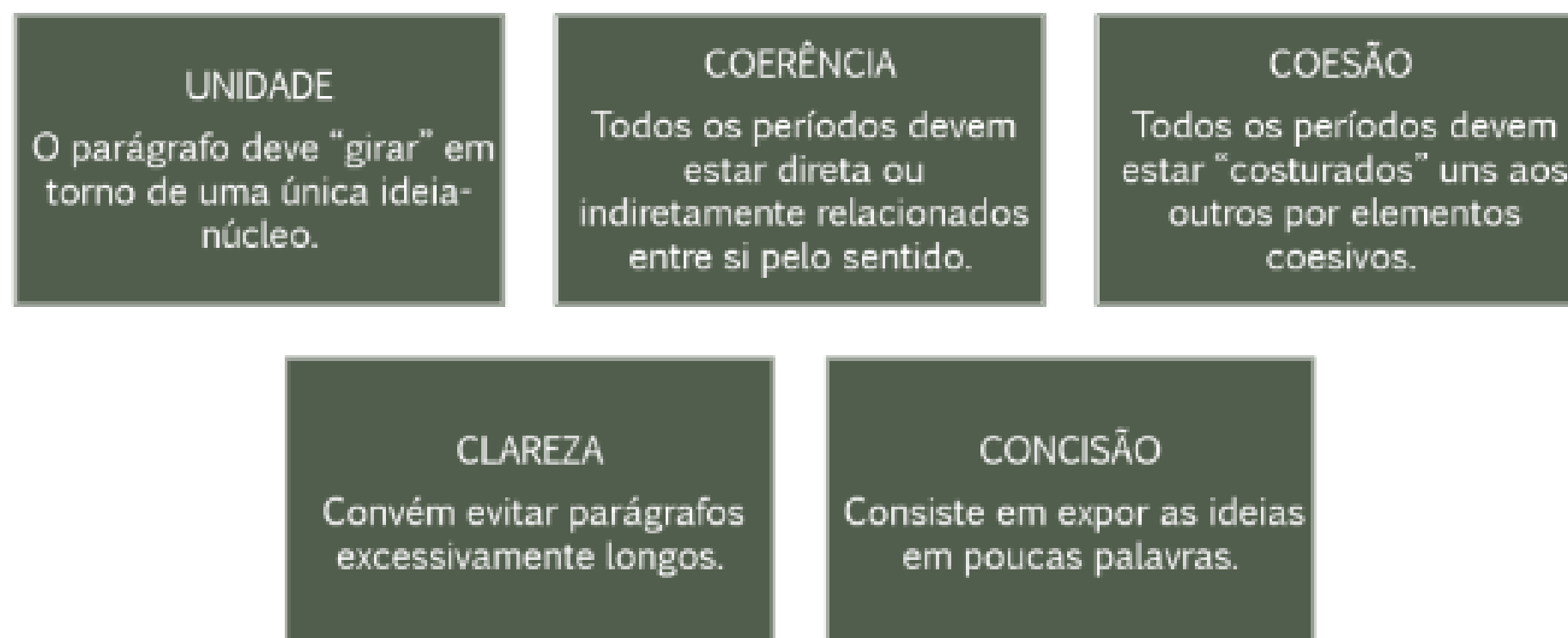
Entenda que a técnica de sublinhar deve ser considerada como um dispositivo de destaque dado aos elementos que compõem o texto, mais especificamente, o parágrafo. Assim, relações hierárquicas presentes serão percebidas, ou melhor, a percepção do desenvolvimento da ideia principal ou ideia-núcleo facilitará o processo de leitura, alcançando a capacidade interpretativa. Essa hierarquia pode ser melhor observada quando se utiliza da esquematização, observe:



Compreender os elementos gráficos é um passo importante para a sua composição. Espero que a aplicabilidade da leitura em suas estratégias de sublinhar e esquematização tenha auxiliado você nesse processo. A tessitura textual se dá pelo reconhecimento das partes; dentre elas, o parágrafo é peça fundamental principalmente para o tipo textual dissertativo, estrutura muito utilizada na academia. Contudo, antes ainda que se descreva esse tipo textual em outra unidade, importa pensarmos sobre a qualidade e os tipos dos parágrafos.

COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO

Qualidades do parágrafo



DIDIO, Lucie. **Leitura e produção de textos: comunicar melhor, pensar melhor, ler melhor, escrever melhor**. São Paulo: Atlas, 2013, página 288.

Introdução, desenvolvimento e conclusão do parágrafo

Assim, como bem afirma Emediato (2004, pág. 87):

Planejar bem um parágrafo é organizar de maneira sequencial as idéias no texto, fixando objetivos para cada período e para cada parágrafo. [...] Um parágrafo é uma unidade de texto que pode ser caracterizada da seguinte maneira:

- a) o parágrafo deve manter uma unidade de objetivo, ou seja, é importante delimitar um conjunto ou tipo de informações que será introduzido nesta unidade;
- b) Ele deve possuir introdução, desenvolvimento e conclusão. Assim, deve-se evitar construir parágrafos com apenas um período. O parágrafo ideia deverá ter, no mínimo, 3 períodos: o primeiro período será a introdução do parágrafo – o seu tópico frasal –; o segundo período servirá de desenvolvimento da ideia contida no tópico frasal; o terceiro período apresentará a sua conclusão.

Observe a sequência das ideias do parágrafo a seguir:

Em consequência da Segunda Guerra Mundial, as relações mundiais de poder viram-se drasticamente alteradas. A Alemanha, a Itália e o Japão haviam sofrido uma derrota tão esmagadora que apareceram, durante algum tempo, destinados a desempenhar um papel subalterno nos assuntos mundiais. Oficialmente, a lista de grandes potências incluía cinco estados: União Soviética, Estados Unidos, Grã-Bretanha, França e República da China. Eram esses os Cinco Grandes que, ao chegar o fim da guerra, pareciam fadados a dominar o mundo. Entretanto, a China logo se viu engolfada numa revolução comunista, enquanto a Grã-Bretanha e a França se tornavam cada vez mais dependentes dos Estados Unidos. Em resultado disso, durante dez anos, depois de 1945, a comunidade das nações assumiu um caráter bipolar, com os Estados Unidos e a União Soviética competindo pela supremacia e esforçando-se por arrastar os estados restantes para sua órbita. Fonte: Burns, Edward McNally. *História da Civilização Ocidental*. São Paulo: Globo, 1980.

Introdução: Tópico frasal - Em consequência da Segunda Guerra Mundial, as relações mundiais de poder viram-se drasticamente alteradas.

Desenvolvimento: Alemanha, Itália e Japão haviam sofrido uma derrota tão esmagadora que apareceram, durante algum tempo, destinados a desempenhar um papel subalterno nos assuntos mundiais. Oficialmente, a lista de grandes potências incluía cinco estados: União Soviética, Estados Unidos, Grã-Bretanha, França e República da China. Eram esses os Cinco Grandes que, ao chegar o fim da guerra, pareciam fadados a dominar o mundo. Entretanto, a China logo se viu engolfada numa revolução comunista, enquanto a Grã-Bretanha e a França se tornavam cada vez mais dependentes dos Estados Unidos.

Conclusão: Em resultado disso, durante dez anos, depois de 1945, a comunidade das nações assumiu um caráter bipolar, com os Estados Unidos e a União Soviética competindo pela supremacia e esforçando-se por arrastar os estados restantes para sua órbita.

Sobre a conclusão, Didio (2013) recomenda semente para parágrafos longos. Do contrário, é dispensável. Nesse sentido, seguem duas tabelas: uma para os tipos de introdução e outra para os tipos de desenvolvimento.

Tipos de Parágrafos

Tipos de Introdução - Tópico frasal		
Tipo	Definição	Exemplo
Declaração afirmativa	Consiste em afirmar algo	Vivemos num mundo onde as conquistas científicas e tecnológicas se aceleraram vertiginosamente.
Declaração negativa	Consiste em negar algo	A maioria dos sonhos não segue as leis lógicas que governam o
		pensamento do indivíduo quando acordado.
Divisão	Consiste em apresentar a ideia-núcleo em partes (ou sub ideias). Isso produz no parágrafo maior objetividade e clareza.	Segundo Sigmund Freud, considerado o pai da Psicanálise, divide-se a mente humana nas seguintes três partes ou instâncias: id, ego e superego.
Classificação	Consiste em colocar - em classes definidas - seres, objetos ou ideias.	Os psicólogos classificam a inteligência dos indivíduos em três tipos: a média, a abaixo da média e a acima da média.

Interrogação	Consiste em fazer uma pergunta.	Quais são os autores que mais se destacaram no Modernismo brasileiro?
Comparação	Consiste em apontar apenas semelhanças entre seres, objetos ou ideias.	Existem algumas semelhanças entre a vida de Demóstenes, o maior orador da Grécia Antiga, e a de Rui Barbosa, considerado o maior orador brasileiro.
Contraste	Consiste em apresentar somente semelhanças entre seres, objetos ou ideias.	Os costumes ocidentais são nitidamente distintos dos orientais.
Confronto	Consiste em mostrar - ao mesmo tempo - semelhanças e dessemelhanças entre seres, objetos ou ideias.	O cinema e o teatro apresentam simultaneamente semelhanças e dessemelhanças.
Alusão histórica	Consiste em referir-se - vaga e indiretamente - a fatos históricos, tradições, lendas, credices ou acontecimentos.	Segundo a lenda amazonense do tucumã, no princípio do mundo não havia trevas, havia apenas luz.

DIDIO, Lucie. **Leitura e produção de textos: comunicar melhor, pensar melhor, ler melhor, escrever melhor.** São Paulo: Atlas, 2013, páginas 290 - 293.

Tipos de desenvolvimento		
Tipo	Definição	Exemplo
Por fatos	Constituídos de atos, acontecimentos ou fenômenos ocorridos, os fatos - dados mais importantes da argumentação - comprovam, convencem e não se discutem. Representam argumentos sólidos e convincentes para justificar a ideia expressa no tópico frasal.	Na época contemporânea, a vida do homem civilizado tomou caracteres novos. Mudanças essenciais deram uma outra significação à nossa existência. É sem dúvida banal apontar um movimento de transformação, que não tem feito senão manifestar, em todos os períodos da história, a força ativa e produtiva da espécie. Mas importa notar, em cada período, o sentido desse movimento. A tendência atual de os povos acumularem-se nas cidades; o desenvolvimento ininterrupto das relações sociais; as ligações mais fortes e mais estreitas estabelecidas entre os homens
		pelos deveres, ocupações, prazeres comuns; uma preponderância sempre maior do público sobre o privado, do coletivo sobre o individual: eis os fatos que alguns deploram, mas que ninguém contesta (TELES, 1972:52)

Por exemplos	Dar um ou mais exemplos constitui uma maneira clara, simples e concreta de fundamentar ou justificar a ideia expressa no tópico frasal.	O homem moderno não é onívoro como seu antepassado pré-histórico: nem todos os animais e os vegetais da região figuram em sua cozinha. Nosso sertanejo, por exemplo, aprecia muito os peixes de água doce e a mandioca, mas não dá o menor valor aos crustáceos e às verduras. Os negros africanos também não valorizam as hortaliças e dão pouca atenção à carne de gado. O homem urbano do Ocidente, por sua vez, não tolera a ideia de mastigar os gafanhotos, as larvas e os besouros que fazem a delícia de tantos povos do Oriente e da África. Os hindus preferem morrer de fome a provar a carne das gordas reses que abundam em seu país. Enfim, todos os povos possuem limitações inarredáveis no tocante às coisas que comem. (MORENO e GUEDES, 1979:18-9)
Por ilustração	Esse tipo de desenvolvimento de parágrafo lembra o parágrafo desenvolvido por exemplos, porém dele se distingue pelo fato de trazer uma estrutura narrativa longa ou semi longa, especialmente detalhada, em que justifica e fundamenta a ideia expressa no tópico frasal. Tal estrutura narrativa pode ser uma historieta, uma lenda ou uma anedota.	Newton (1642-1727) conseguiu o triunfo completo e final para aquilo que Copérnico, Kepler e Galileu prepararam o caminho. Partindo destas três leis do movimento - das quais as duas primeiras se devem a Galileu - provou ele que as três leis de Kepler são equivalentes à proposição de que cada planeta, em cada momento, tem uma aceleração na direção do Sol que varia inversamente segundo o quadrado da distância relativa ao Sol. Mostrou que as acelerações na direção da Terra e do Sol, seguindo a mesma fórmula, explicam o movimento da Lua, e que a aceleração da queda dos corpos sobre a superfície da Terra está também relacionada com a da Lua, de acordo com a lei do quadrado inverso. Definiu a "força" como sendo a causa da mudança de movimento, isto é, da aceleração. Pode, assim, enunciar a sua lei da gravitação universal: "Todos os corpos se atraem reciprocamente com uma
		força diretamente proporcional de suas massas e proporcional, inversamente, ao quadrado da distância existente entre elas." (RUSSELL, 1977:55-6)

Por dados estatísticos	Fatos específicos, expressos em termos numéricos, servem para justificar a ideia expressa no tópico frasal. Quando não manipulados, os dados estatísticos constituem argumentos verdadeiros, válidos e incontestáveis.	Pesquisa Datafolha, realizada em 9 de julho último, revela que a maioria dos jovens brasileiros (entre 16 e 20 anos) não leu nenhum livro nos últimos 12 meses, nem mesmo para a escola. De acordo com a pesquisa, 50% dos jovens não leram nada para lazer ou simplesmente para aumentar a sua cultura, e, pior ainda, 46% não leram uma única obra exigida para a escola ou para o vestibular (Adaptada do editorial da Folha de S. Paulo, de 13/08/1996).
Por testemunho ou depoimento	Fato apresentado por terceiro, quando fidedigno, o testemunho vale como um argumento irrefutável.	É preciso reconhecer que o Brasil não está mais jogando o melhor futebol do mundo. E não é de hoje. Na Copa de 2010, já estávamos atrás da Alemanha, que é, para mim, o time mais completo - à frente até da atual campeã do mundo, a Espanha. A equipe alemã sempre foi metódica e taticamente quase perfeita, mas pecava pela incapacidade de resolver os jogos. Uma lacuna que tem sido brilhantemente preenchida por jogadores bastante objetivos, como Ozil, Muller e Schweinsteiger, que, pela faixa etária, têm tudo para chegar à Copa do Brasil no auge de sua forma física. Os brasileiros também, mas temos uma clara desvantagem: enquanto os alemães foram renovando sua equipe gradualmente, ao longo de anos, o Brasil precisa fazer essa transição de uma vez só. Corro contra o relógio, mas há tempo para construir uma equipe vencedora. (MANO MENEZES, em entrevista a Veja, ed. 2234, 14 set. 2011)

Por enquadramento	Se o tópico frasal for do tipo divisão ou classificação, o desenvolvimento do parágrafo deverá - obrigatoriamente - descrever ou analisar separadamente cada parte ou classe.	Divide-se a mente humana em duas partes: consciente e inconsciente, sendo esta a mais ampla. Nossa mente inconsciente poderia ser comparada a um computador repleto de informações; a mente consciente, por sua vez, só seria
		capaz de captar o pequeno conjunto de dados visíveis na tela num dado momento. Essa tela, nosso campo consciente, está sempre mudando. Aquilo que é consciente num momento pode ser inconsciente no momento seguinte. Uma experiência comum desse fato é aquela súbita incapacidade de lembrar nomes na hora de fazer apresentações, nomes que um minuto atrás se sabia muito bem, ou se confundir com um número de telefone conhecido. A informação está na cabeça, mas fica presa ao inconsciente e a força de vontade não basta para torná-la acessível à consciência. (VON FRANZ, 1997:35)
Por comparação	Neste tipo de parágrafo, o tópico frasal já enuncia a comparação e, no desenvolvimento, contemplam-se somente as semelhanças entre ideias, termos, objetos ou seres. Ao comparar, por exemplo, dois amigos, dois povos ou duas cidades, é preciso encontrar somente traços ou aspectos semelhantes. Caso haja dessemelhanças, elas não devem ser tratadas no parágrafo comparativo.	Existem algumas semelhanças entre a vida de Demóstenes, o maior orador da Grécia Antiga, e a de Rui Barbosa, considerado o maior orador brasileiro. Até mesmo em certos detalhes eles se aproximam: a compleição física doentia na mocidade, as dificuldades financeiras e sociais nos primeiros momentos, o cuidado e o apuro na composição dos discursos. Une-os ainda mais: uma vida inteira contra a violência e a opressão. Uma luta pela liberdade. Ambos viveram sempre a advertir os seus povos contra os perigos e as tentações dos tiranos. Ambos tiveram mais honra das consagrações populares do que das oficiais. (Extraído, com ligeiras adaptações, de Álvaro LINS, citado por ROCHA LIMA e BARBADINHO NETO, 1982:43-4)

Por analogia	Consiste em estabelecer um (ou mais de um) ponto de semelhança entre coisas diferentes, quando - na realidade - elas diferem muito entre si. Na analogia, a semelhança é oculta ou imaginária. Por meio dela, tenta-se explicar o desconhecido pelo conhecido, o estranho pelo familiar. A analogia difere sensivelmente da comparação: enquanto nesta as semelhanças são reais, lógicas e evidentes; naquela, elas são irreais, imaginárias e/ou fantasiosas. Exemplos: comparar um governo com uma tartaruga (vagarosa) ou	A paixão da verdade é, por vezes, as cachoeiras da serra. Aqueles borbotões d'água, que rebentaram e espadana, marulhando, eram, pouco atrás, o regato que serpeia, cantando pela encosta, e vão ser, daí a pouco, o fio de prata que se desdobra, sussurrando, na esplanada. Corria murmurando e descuidado; encontrou o obstáculo: cresceu, afrontou-o, envolveu-o, cobriu-o e, afinal, o transpõe, desfazendo-se em pedaços de cristal e flocos de espuma. A convicção do bem, quando contrariada pelas
	com um bólido (dinâmico), comparar o homem com a máquina, entre outros.	hostilidades pertinazes do erro, do sofisma e do crime, é como essas catadupas da montanha. Vinha deslizando, quando topou na barreira, que se lhe atravessa no caminho. Então remoinho arrebatada, ferveu, avultou, empinou-se, e agora <u>brame</u> na voz do orador, arrebatá-lhe em rajadas a palavras, sacode, estremece a tribuna, e despenha-se em torno, borbulhando. (Rui BARBOSA, citado por GARCIA, 1986:217)
Por contraste	Neste tipo de parágrafo, em que o tópico frasal já enuncia o contraste, no desenvolvimento, estabelecem-se somente semelhanças entre ideias, termos, objetos e seres. Caso haja semelhanças, elas não devem ser tratadas no parágrafo desenvolvido por contraste.	A própria religião modifica-se quando passa de uma zona para outra. À beira-mar, eis o grande apelo místico das igrejas cintilantes de ouro, das cabeças dos querubins alados, ou das cariátides voluptuosamente retorcidas sob o altar dos santos. No sertão, a religião é tão trágica, tão machucada de espinhos,, tão torturada de sol quanto a paisagem; religião do Juízo Final, e em que os rubicundos anjos barrocos, negros ou brancos, cedem lugar aos anjos do extermínio. (BASTIDE, 1973: 87-8)

Por confronto	Este tipo de desenvolvimento conjuga os dois anteriores. Ou seja, apresentam-se - simultaneamente - num mesmo parágrafo: (a) comparações, semelhanças, similitudes, paralelos ou convergências; e (b) contrastes, dessemelhanças, dissimilitudes, diferenças ou divergências.	Em alguns aspectos o teatro e o cinema se assemelham, em outros se assemelham. Entre as semelhanças, cabe destacar as seguintes: ambas são narrativas que servem de entretenimento para plateias; ambos constituem trabalhos de equipes em que, entre outros profissionais, atores atuam e diretores os dirigem. Entretanto, existem muitas diferenças entre ambos. O cinema é a indústria do espetáculo cinematográfico; o teatro, a artesanaria do espetáculo teatral. O cinema é a arte de realizar filmes; o teatro, a de apresentar peças teatrais. Em cada filme, os atores atuam uma única vez; em cada peça teatral, os atores apresentam-se várias vezes, enquanto durar a temporada. No teatro, manifesta-se a presença humana: os atores encontram-se frente a frente com seu público; no cinema, vê-se tão somente a imagem humana, pois os atores estão, de modo geral, muito distantes do seu público. No teatro, existe a interação entre ator e espectador (aplausos,
		vaia, estabelecimento de diálogo, entre outros), o que dificilmente ocorre no cinema.
Por resposta à pergunta	Quando o tópico frasal for uma pergunta, o desenvolvimento deve responder.	O que é o sonho? O sonho é um produto da atividade psíquica inconsciente durante o sono. Enquanto dormimos, nossa alma deixa de estar sujeita à nossa vontade consciente, e isso em grau elevado. Com o resto mínimo de consciência que ainda conservamos durante o sonhar, apenas podemos perceber o desenrolar dessa atividade conforme nosso desejo ou nossa intenção; e, por isso mesmo, nós achamos privados da possibilidade de nos iludir. O sonho é um processo automático, que se fundamenta na atividade independente provinda do inconsciente o que não está sujeito à nossa vontade, do mesmo modo que o processo fisiológico da digestão. Trata-se, pois, de um processo psíquico absolutamente objetivo, de cuja natureza podemos tirar conclusões objetivas a respeito do estado psíquico realmente existente. (JUNG, 1986:63)

Por causa e efeito	O parágrafo desenvolvido por causa(s) e efeito(s) geralmente apresentam uma entre as duas seguintes estruturas: ou o tópico frasal contém a(s) causa(s), e o desenvolvimento, o(s) efeito(s); ou vice-versa. Nesse tipo de desenvolvimento, apresentam-se as causas (ou os efeitos) para explicar fenômenos físicos ou fatos relativos às ciências exatas, às ciências naturais e às ciências humanas (História, Sociologia, Política etc.). Por exemplo, causas da Revolução Francesa; efeitos da Segunda Guerra Mundial; causas do congestionamento de trânsito nas grandes cidades.	Este curso de Leitura e Produção de Textos é de suma importância para a vida - tanto estudantil, quanto profissional - de qualquer indivíduo. Em primeiro lugar, ao conhecer todos os aspectos implicados na comunicação, ele passa a comunicar melhor nas várias situações sociocomunicativas com as quais se defronta. Em segundo, ao estudar as noções de lógica e as falácias, ele torna-se apto a organizar seu pensamento e, por conseguinte, a raciocinar melhor. Em terceiro, ao ter ciência de todos os conteúdos envolvidos na leitura, ele passa a ler melhor. E, por último, com o objetivo de produzir uma escrita eficiente e eficaz, ele aprende - no mínimo detalhes - tudo o que precisa para escrever melhor.
Por motivo e consequência	Neste tipo de desenvolvimento, apresentam-se motivos, razões, explicações, consequências ou resultados, os quais justificam a ideia expressa no tópico frasal.	Os sábios nunca foram nem serão válidos dos príncipes: são inábeis observadores da etiqueta e cerimonial das cortes, não podem mentir nem adular, e menos intrigar e cabalar para suplantar a uns e precipitar a outros, nem finalmente ocupar-se
		e entreter-se com as companhias, conversas e controvérsias palacianas. (MARQUÊS DE MARICÁ, citado por ROCHA LIMA e BARBADINHO NETO, 1982:22)

DIDIO, Lucie. Leitura e produção de textos: comunicar melhor, pensar melhor, ler melhor, escrever melhor. São Paulo: Atlas, 2013, páginas 298 - 306.

CONCLUINDO A UNIDADE



Assim, como em qualquer texto, o parágrafo também tem introdução, desenvolvimento e conclusão, principalmente para os parágrafos de grande extensão. Além disso, na introdução, consta a ideia principal e todo o restante da estrutura dará o devido suporte à ideia apresentada no tópico frasal.

Desta forma, é possível concluir que a descrição do parágrafo, para além do processo de leitura, compreensão e interpretação textual, é primordial também para qualquer produção textual e a relação entre as partes é importante para a coerência do texto.

DICA DO PROFESSOR



Para a devida compreensão da composição paragrafica, importa delimitar bem a ideia central, ou ideia-núcleo por meio da proposição do tópico frasal, principalmente, com relação à escolha vocabular da palavra-chave.

A fim de fixar esse conteúdo, assista ao seguinte vídeo:

<https://youtu.be/uhJJEjCqOzM>

EXERCÍCIOS DE FIXAÇÃO



Questão 1

A técnica da sublinha “consiste em, num determinado texto (artigo, obra etc), traçar uma linha por baixo de palavras, de expressões ou de frases, consideradas essenciais pelo leitor.”(DIDIO, 2013)

Considerando os procedimentos necessários para um resultado eficiente a partir da utilização dessa técnica, analise as afirmações a seguir.

- I- Reconstruir o parágrafo a partir de todas as palavras e expressões sublinhadas é a culminância do resumo;
- II- Sublinhar as palavras secundárias com um traçado diferente é necessário a fim de se reconhecer a ideia secundária;
- III- Chamar a atenção para o tópico-frasal de cada parágrafo; importa, pois lá estará a palavra-chave, ou seja, a essência do parágrafo para a construção do resumo.
- IV- Deve-se ter atenção para os instrumentos de coesão que criam ideias opostas, objetivando não parafrasear de forma incoerente.

É correto o que se afirma em

- A) I e II, apenas.
- B) I e III, apenas.
- C) II e IV, apenas.
- D) I, II e III, apenas.
- E) I, II, III e IV.

EXERCÍCIOS DE FIXAÇÃO



Questão 3

"Três semanas atrás, escrevendo aqui sobre a arrogância no jornalismo, eu dizia que muita gente hoje tem mais medo de ser condenada pela imprensa do que pela justiça, já que esta tem regras fixas e instâncias de apelação. O poder da imprensa é arbitrário e seus danos irreparáveis. "O desmentido nunca tem a força do mentido". Na justiça, há pelo menos um código para dizer o que é crime; na imprensa 'não há um código' - não há norma nem para estabelecer o que é notícia, quanto mais ética. 'Mas' a grande diferença é que, no julgamento da imprensa, as pessoas são culpadas até prova ao contrário."

(Zuenir Ventura / JB - 26/05/95)

Quanto às ideias do texto, avalie as afirmações a seguir.

- I. A condenação de justiça é menos temida que a da imprensa, por ter regras fixas.
- II. A mesma norma que estabelece o que é notícia, estabelece também o que é ética jornalística.
- III. Na justiça, como na imprensa, as pessoas são culpadas até provar o contrário.
- IV. O poder da justiça é balizado por regras conhecidas, enquanto que o da imprensa é desmedido, pela pressão que exerce na opinião pública.
- V. A ausência de um código de ética para o noticiário determina uma certa leviandade na divulgação, quando a versão prevalece sobre o fato.

É correto o que se afirma em

- a) I, III e V
- b) II, III e IV
- c) I, IV e V
- d) III, IV e V
- e) IV e V

EXERCÍCIOS DE FIXAÇÃO



Questão 4

O enriquecimento (ampliação) de uma língua consiste em “usar”, “praticar” a língua. As palavras são como peças de um complicado jogo. Jogando a gente aprende. Aprende as regras do jogo. As peças usadas são as mesmas, mas nunca são usadas da mesma maneira. No deixar-se carregar pelo jogo do uso somos levados às inúmeras possibilidades da língua. As possibilidades são sempre diferentes, nunca iguais. Mas todas as diferenças cabem na mesma identidade. Todas as palavras figuram nos vários discursos como diferentes: diferentes são as palavras no discurso científico, literário, filosófico, artístico, teológico. Mas cabem sempre na mesma identidade. São expressões possíveis da linguagem.

Considerando o desenvolvimento a partir do tópico-frasal, de acordo com o texto

- a) as palavras da língua correspondem às peças do jogo.
- b) as palavras da língua correspondem às regras do jogo.
- c) as peças do jogo correspondem às regras do jogo.
- d) jogos diferentes exigem peças diferentes.
- e) frases diferentes exigem palavras diferentes.

EXERCÍCIOS DE FIXAÇÃO



Questão 5 (Enade 2011, com modificações) - Leia o texto seguinte com atenção para desenvolvê-la.

A cibercultura pode ser vista como herdeira legítima (embora distante) do projeto progressista dos filósofos do século XVII. De fato, ela valoriza a participação das pessoas em comunidades de debate e argumentação. Na linha reta das morais da igualdade, ela incentiva uma forma de reciprocidade essencial nas relações humanas. Desenvolveu-se a partir de uma prática assídua de trocas de informações e conhecimentos, coisa que os filósofos do Iluminismo viam como principal motor do progresso.

(...) A cibercultura não seria pós-moderna, mas estaria inserida perfeitamente na continuidade dos ideais revolucionários e republicanos de liberdade, igualdade e fraternidade. A diferença é apenas que, na cibercultura, esses “valores” se encarnam em dispositivos técnicos concretos. Na era das mídias eletrônicas, a igualdade se concretiza na possibilidade de cada um transmitir a todos; a liberdade toma forma nos softwares de codificação e no acesso a múltiplas comunidades virtuais, atravessando fronteiras, enquanto a fraternidade, finalmente, se traduz em interconexão mundial.

LEVY, P. Revolução virtual. Folha de S. Paulo. Caderno Mais, 16 ago. 1998, p.3 (adaptado).

O desenvolvimento de redes de relacionamento por meio de computadores e a expansão da Internet abriram novas perspectivas para a cultura, a comunicação e a educação.

De acordo com as ideias do texto acima, a cibercultura:

- a) representa uma modalidade de cultura pós-moderna de liberdade de comunicação e ação.
- b) constituiu negação dos valores progressistas defendidos pelos filósofos do Iluminismo.
- c) banalizou a ciência ao disseminar o conhecimento nas redes sociais.
- d) valorizou o isolamento dos indivíduos pela produção de softwares de codificação.
- e) incorpora valores do Iluminismo ao favorecer o compartilhamento de informações e conhecimentos.

22

SAIBA MAIS

Para ampliar o seu conhecimento a respeito desse assunto, veja abaixo as sugestões do professor:

<https://youtu.be/xTwOkisuWl4>

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE, Maria Margarida de; MEDEIROS, João Bosco. *Comunicação em língua portuguesa*. 5. ed. – São Paulo: Atlas, 2009.

DIDIO, Lucie. *Leitura e produção de textos: comunicar melhor, pensar melhor, ler melhor, escrever melhor*. São Paulo: Atlas, 2013.

EMEDIATO, Wander. *A fórmula do texto: redação, argumentação, e leitura*. São Paulo: Geração Editorial, 2004.

FORTE, Cerâmica. *História do Tijolo*. Disponível em: <http://www.ceramicaforte.com/informativo.php?id=13> Acesso em: 28/07/15.

FRANKE, Paulo. *Origem do tijolo*. Disponível em: <http://www.paulofranke.blogspot.fi/2013/11/o-tijolo-origem-historia-estantes.html> Acesso em: 28/07/15.

GARCIA, Othon M. *Comunicação em prosa moderna: aprenda a escrever, aprendendo a pensar*. 2. ed. Rio de Janeiro: FGV, 1973.

MEDEIROS, João Bosco. *Português instrumental*. 9.ed. – São Paulo: Atlas, 2010.

MOYSÉS, Carlos Alberto. *Língua portuguesa: atividades de leitura e produção de textos*. – 3.ed.rev. e atual. – São Paulo: Saraiva, 2009.

GABARITO

1) E

2) D

3) C

4) B

5) E

COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO

*COMPETÊNCIA ESCRITORA:
CONHECENDO O TEXTO E A TEXTUALIDADE*



AUTOR

Alessandro Campos Piantino



APRESENTAÇÃO

Olá! Espero que esteja bem. Sei que não foi fácil chegar até aqui. Enfim, alcançou o Ensino Superior ou o início de uma segunda graduação. O conhecimento, realmente, é uma grande dádiva e você deve aproveitar muito bem o seu precioso tempo para angariar novas conquistas.

Nesta disciplina não será diferente. Conhecimentos vários serão transmitidos e, na medida das interações previstas com seu tutor e colegas, você também terá a oportunidade de transmitir os saberes já adquiridos por meio de suas vivências e aprender, com base nas novas informações, direcionamentos importantes para a sua caminhada acadêmica.

Essas interações, inclusive, exemplificaram muito bem o que se propõe neste curso, “Comunicação e Expressão”, que ora é matéria de sua atenção por meio dessa leitura. Compreender o papel comunicativo e as formas de expressão no exercício de sua posição estudantil no Ensino Superior é o que se propõe de forma geral.

Aproveite as sistematizações oferecidas e todo o material complementar indicado, a cada unidade, para as interações já mencionadas, praticando o que consta nesta disciplina, como forma de continuidade e ampliação de seus estudos.

Ao final desta unidade, você deverá ser capaz de:

- Conceituar texto e textualidade;
- Identificar as características do texto com textualidade;
- Relacionar as propriedades da textualidade.

Bons estudos!

CONHEÇA O CONTEUDISTA

Alessandro Campos Piantino

Possui graduação em Letras Português/Inglês e Respectivas Literaturas, especialização em Planejamento, Implementação e Gestão de Educação a Distância e em Linguística Textual, bem como Mestrado em Educação pela Universidade de Brasília. Atualmente é professor do Centro Universitário Icesp de Brasília, membro do Núcleo de Avaliação, Qualidade e Estratégia da Rede Soebras de Ensino, Professor e Coordenador da área de Linguagens e Códigos de uma Rede Educacional Privada do Distrito Federal na modalidade do Ensino Básico. Tem experiência na correção de Redações do Enem e de diversos concursos e vestibulares.

UNIDADE 5

Na aula anterior vimos sobre a esquematização de um parágrafo. Reconhecemos que o parágrafo também tem introdução, desenvolvimento e conclusão, principalmente para os parágrafos de grande extensão. Estudamos também que, na introdução, consta a ideia principal e todo o restante da estrutura dará o devido suporte à ideia apresentada no tópico frasal.

Concluimos ainda que a descrição do parágrafo, para além do processo de leitura, compreensão e interpretação textual, é primordial também para qualquer produção textual e a relação entre as partes é importante para a coerência do texto.

Nesse sentido, pretende-se com essa unidade dar continuidade a essa “relação entre as partes”, ampliando para um esquema ainda maior: o texto. Mas antes de definir o que seja um texto e um texto com textualidade, vamos fazer inicialmente uma alusão com o papiro.

Você sabe o que é um papiro?



Segundo o dicionário Houaiss(2010), a *Cyperus papyrus*, seu nome científico, é uma erva aquática e foi muito utilizada na antiguidade para a confecção de choupanas, de obras trançadas e especialmente de folhas para escrever.

Isso mesmo, era uma planta utilizada pelos egípcios na confecção de folhas para escrever!

Quer saber como se faz uma folha de papiro? Leia o passo a passo:

- 1º Corte o caule do papiro em pedaços, retire a camada verde que o envolve e, em seguida, corte-o em tiras finas;



Disponível em: <http://antigoegito.org/wp-content/uploads/2010/11/DSCN3853-300x225.jpg>> Acesso em 14/07/15

Disponível em: <http://antigoegito.org/wp-content/uploads/2010/11/DSCN3854-300x225.jpg> Acesso em 14/07/15

- 2º Com o martelo de madeira, bata em cima das tiras e esmague-as com um rolo para eliminar todo o líquido;
- 3º Coloque as tiras na tigela e deixe-as de molho por 5 a 6 dias;
- 4º Retire-as da água. Com o dedo, escorra um pouco a água e coloque em cima da toalha uma fileira de tiras, sendo a primeira na vertical e depois, por cima dessa fileira, coloque as outras na horizontal;
- 5º Com as tiras em cima da toalha, sobrepostas umas às outras, coloque uma toalha por cima e com o martelo de madeira bata levemente para que as tiras comecem a se unir;
- 6º Leve a toalha com as tiras para a prensa e deixe-as lá por mais ou menos 5 ou 6 dias;
- 7º Depois de retirar da prensa, utilize pedra-pomes para fazer o “lixamento”, o que deixará a folha macia e lisa.

Por Lucas Ferreira, professor de história e Pós-Graduado em História pela UNIASSELVI – SC, com ênfase no Antigo Egito (adaptado)



Disponível em: <http://antigoegito.org/wp-content/uploads/2010/11/DSCN3860-300x225.jpg> Acesso em 14/07/15

Sabe o que é mais curioso?

A palavra texto vem do latim textus – “narrativa, exposição” –, segundo o Dicionário Houaiss (2010), e textum – “tecido, pano” –, de acordo com o Dicionário Latino Português (1962). E você deve ter observado, no processo de produção da folha de papiro, que os caules são entrelaçados como nos fios do tecido.

Agora que você sabe como fazer uma folha de papiro, qual é a relação dos caules dessa erva aquática para a textualidade?

Por uma relação de proximidade com a origem da palavra, além de significar uma “exposição”, a palavra texto significa também tecido, o que torna possível compreender o conceito estabelecido por Marcuschi (2008):

O texto é como um “tecido estruturado”. Ele “é uma (re) construção do mundo” e não uma simples cópia. Pode ser tido ainda como a essência do significado e da comunicação e um registro sócio histórico. Ou seja, assim como a folha de papiro é uma (re)construção do papiro; pois em nada são semelhantes, mas possuem uma ligação – um reconstrói o outro –, assim é o texto: “reordena e reconstrói” o mundo.



E como se vê nesta imagem, o texto, para reordenar e reconstruir o mundo, precisa, enquanto unidade significativa, mais do que o entrelaçamento de caules de papiro: uma mera sequência de frases. Precisa de um conjunto de critérios de textualização. Precisa de textualidade.

Como você pôde observar, a folha de papiro é parecida com o tecido. Os caules (as linhas do tecido) são entrelaçados para formar um todo, uma unidade significativa, uma folha (um tecido). Da mesma forma é o texto, as sentenças (caules) são entrelaçadas para formar uma unidade. E essa unidade só é percebida em função das sentenças produzidas (dos caules entrelaçados) e do conhecimento de mundo: aspectos sociais envolvidos e dos conhecimentos do leitor.



Diante disso, a textualidade faz com que o texto seja percebido “como uma unidade de linguagem em uso, ou, ainda, como um todo significativo. Logo, para ser considerado texto, ele precisa ter um conjunto de propriedades (ou de características)” (DIDIO, 2013, p. 170).

E essas características são: coesão, coerência, intencionalidade, aceitabilidade, situacionalidade, intertextualidade e informatividade. Vamos, então, conhecer cada uma dessas características.

Coesão

Segundo KOCH (2002) e aproveitando o passo a passo da folha de papiro, “a coesão textual diz respeito a todos os processos de sequencialização” (a todas as conexões dos entrelaçamentos dos caules de papiro).



E o quebra-cabeça é um ótimo exemplo de sequencialização para a unidade significativa do texto, pois, para o alcance do objetivo – construir a imagem do todo –, é necessário conectar adequadamente as partes.

Diante disso, analise o texto “O Show”

A partir do conceito da Koch, há coesão no texto a seguir?

O Show

O cartaz A vontade O pai O dinheiro O ingresso O dia A preparação A ida O ginásio A multidão A expectativa A música A vibração A participação O fim A volta O vazio. (KOCH, 2008, pág. 10)

Não totalmente. Porque não há uma ligação entre os elementos, mesmo que haja um sentido contido na sequência, ou seja, mesmo que haja coerência. É como se as peças do quebra-cabeça estivessem sem os seus encaixes e a identificação da sequência fosse permitida apenas pelas cores ou contornos dos objetos. Haveria uma formação coerente do objeto, mas algumas lacunas não fariam dele uma unidade significativa.

E o que é coerência?

Coerência

“Coerência está diretamente ligada à possibilidade de estabelecer um sentido para o texto, ou seja, ela é o que faz com que o texto faça sentido para os usuários, devendo, portanto, ser entendida como um princípio de interpretabilidade, ligada à inteligibilidade do texto numa situação de comunicação e à capacidade que o receptor tem para calcular o sentido deste texto”. (KOCH, 2008, p. 21)

Certo, você deve estar perguntando: então como tornar o texto “O Show” coeso e mais coerente, entrelaçado como os caules do papiro e conectado como um quebra-cabeça finalizado? Analise o texto “O Show” reestruturado.

Texto “O Show” coeso

Sexta-feira Raul viu um **cartaz** anunciando um show de Milton Nascimento para a próxima terça-feira, dia 04/04/89, às 21h, no ginásio do Uberlândia Tênis Clube na Getúlio Vargas. Por ser fã do cantor, ficou com muita **vontade** de assistir à apresentação. Chegando em casa, falou com o **pai** que lhe deu **dinheiro** para comprar o **ingresso**. Na terça-feira, **dia** do show, Raul **preparou-se**, escolhendo uma roupa com que ficasse mais à vontade durante o evento. **Foi** para o **ginásio** com um grupo de amigos. Lá havia uma **multidão** em grande **expectativa** aguardando o início do espetáculo, que começou com meia hora de atraso. Mas valeu a pena: a **música** era da melhor qualidade, fazendo todos **vibrarem** e **participarem** do show. Após o **final**, Raul **voltou** para casa com um **vazio** no peito pela ausência de todo aquele som, de toda aquela alegria contagiante.

Pronto! Agora está coeso e mais coerente. Contudo, será que essa era a intenção do autor do cartaz? O que é a intencionalidade?

Intencionalidade

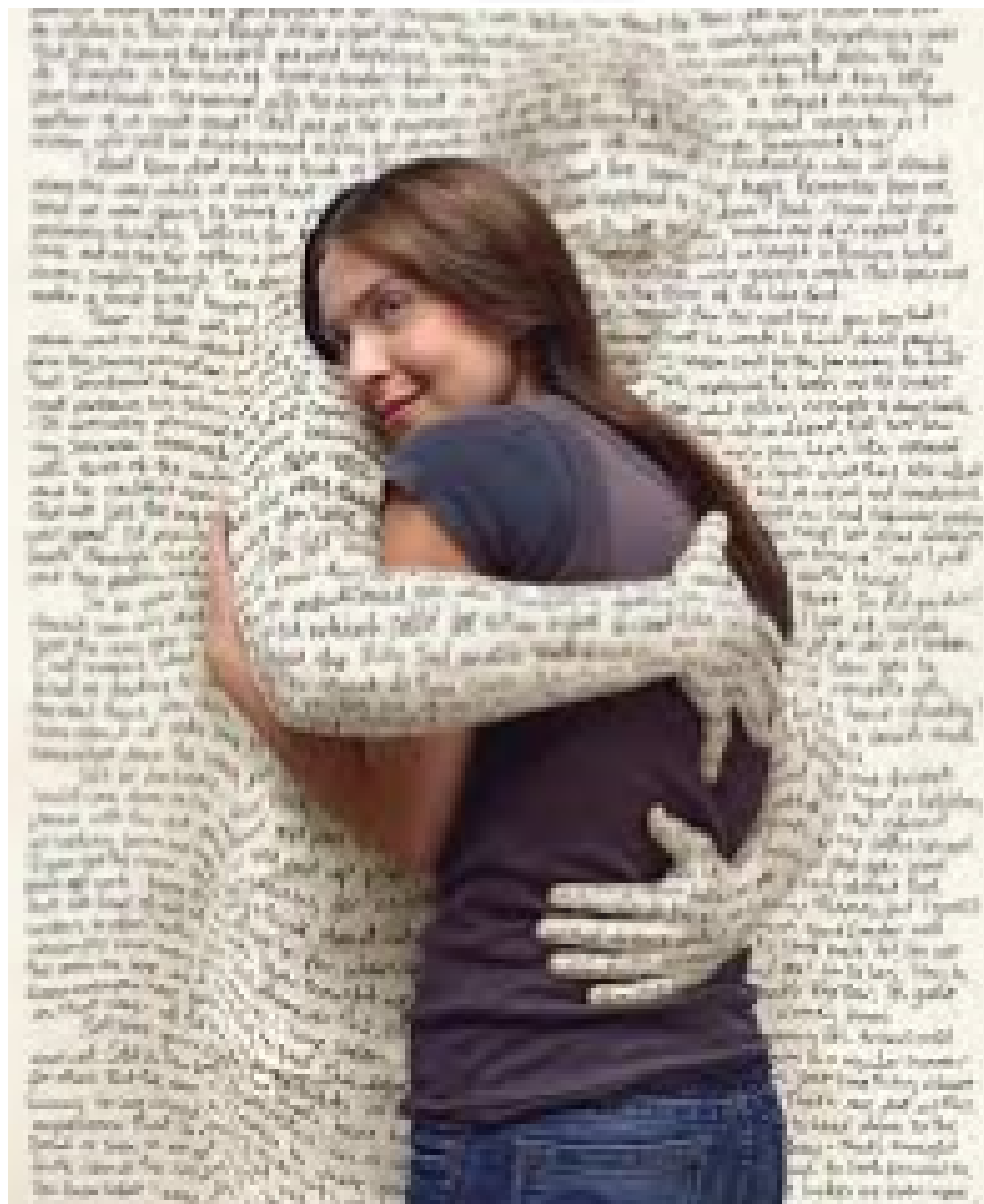
“A intencionalidade concerne ao empenho do produtor do texto em construir um discurso coerente, coeso e capaz de satisfazer os objetivos que tem em mente numa determinada situação comunicativa.” (VAL, 1993, apud DIDIO, 2013)

Se essa era a intenção do autor do cartaz sobre o show de Milton Nascimento, nós não saberemos, mas temos uma certeza: não adianta ter um texto coerente e coeso se você, por exemplo, não intencionou escrevê-lo da forma como ele foi apresentado ao emissor.

Quando iniciei a ideia de “coesão”, tive a intenção utilizar um texto sem elementos coesivos para depois estabelecê-lo com os elementos coesivos, a fim de que você percebesse a diferença. Essa foi minha intenção. Agora, pergunto a você: iria ao show? Mesmo que não fosse, o texto para você foi relevante? Foi aceitável? O que é aceitabilidade?

Aceitabilidade

Se a intencionalidade é a capacidade do emissor alcançar o objetivo desejado com a comunicação escrita, a aceitabilidade é justamente “a outra face da mesma moeda (intencionalidade)” (DIDIO, 2013, pág. 171). É a capacidade que o receptor tem de aceitar a manifestação escrita “como um texto coeso e coerente, que tenha para ele alguma relevância”.



Veja você como é importante escrever para o leitor! Quando escrever, deve pensar nele, não em você!

Pergunto novamente: Vai ao show? Eu mesmo respondo, não. E sabe por que você não vai? A resposta é simples, estamos no século XXI e não no século XX. O texto está fora de contexto, fora da situação do leitor, fora da sua situação. Então o que é situacionalidade?

Situacionalidade

“A situacionalidade diz respeito aos elementos responsáveis pela pertinência e relevância do texto quanto ao contexto em que ocorre.” É, ainda, “a adequação do texto à situação sócio-comunicativa” (VAL, 1993, apud DIDIO, 2013).



Esta imagem exemplifica muito bem a situacionalidade na medida em que a máquina de escrever, objeto de outro contexto, foi adaptada para se adequar ao contexto atual: o iPad. É possível até afirmar que a imagem representa também a intertextualidade. Concluindo, você não vai ao Show, porque ele aconteceu no dia 04/04/1989.

Porém, suponhamos que seu pai fosse irmão do Raul e você tenha lido o relato desse show no diário de infância do seu pai. O texto agora alcançou um sentido maior? Sabe o que é isso? Intertextualidade. O que é intertextualidade?

Intertextualidade

Segundo Val (1993), "inúmeros textos só fazem sentido quando relacionados a outros textos, que funcionam como seu contexto." A esse "diálogo" entre textos dá-se o nome de intertextualidade. Assim, "não existem textos 'puros'. Eles só existem em relação a outros textos anteriormente produzidos" (DUCHET, citado por VIGNER, 1997).

Pergunte ao seu pai, então, se ele também foi ao Show. Quem sabe você não amplia a sua informatividade. E o que é informatividade?

Informatividade

A informatividade diz respeito ao novo dentro do texto, ou seja, quanto mais informações novas, mais o texto é informativo.

"O texto ideal deve associar informações conhecidas pelo leitor a informações novas, desconhecidas deste. Deve, pois, permanecer num nível de informatividade mediana, no qual se alternam ocorrências de processamento imediato, que falam do conhecido, com ocorrências de processamento mais trabalhoso, que trazem a novidade ou o desconhecido. Se todas as informações forem novas, o leitor rejeitará o texto, porque não conseguirá processá-las." (DIDIO, 2013)

Relação dos sete critérios da textualidade



CONCLUINDO A UNIDADE



Verificamos, então, que, assim como o caule do papiro se entrelaça e, depois de várias etapas, forma-se a folha, o texto é o entrelaçar de sentenças que também necessitam de outras etapas para alcançar a textualidade. Necessita dos elementos conectando as sentenças, das ideias relacionadas para a produção do sentido, do real pensamento do autor, da importância do texto para o receptor, do contexto adequado, da relação com outros textos e, por último, do acréscimo às ideias do texto novas relações e conceitos para o leitor.

Evidencia-se ainda que conceituar textualidade é considerar que o conceito de texto requer a formação de uma unidade e que esta unidade é alcançada pelas propriedades: coesão, coerência, intencionalidade, aceitabilidade, situacionalidade, intertextualidade e informatividade.

Na próxima unidade, trabalharemos as diferenças textuais, como o que se pode observar entre o passo a passo da fabricação da folha de papiro e o relato do Show do Milton Nascimento. Compreenderemos a estrutura desses textos e suas funcionalidades sociais, ou seja, tipologia textual e gênero textual.

DICA DO PROFESSOR



Coesão e coerência textuais são elementos fundamentais dentro do processo de leitura, compreensão, interpretação e produção textual. Sobre esses dois temas, o professor Guga Valente, do canal Brasil Escola, traz várias dicas. Assista aos vídeos.

https://youtu.be/Aww6QP_wHSw

<https://youtu.be/QAJrs9-1eow>

<https://youtu.be/pGBXp-qkU4>

EXERCÍCIOS DE FIXAÇÃO



Questão 1 (Unifesp 2003, com modificações) INSTRUÇÃO: As questões seguintes são relacionadas a uma passagem bíblica e a um trecho da canção "Cálice", realizada em 1973, por Chico Buarque (1944 -) e Gilberto Gil (1942 -).

TEXTO BÍBLICO

Pai, se queres, afasta de mim este cálice! Contudo, não a minha vontade, mas a tua seja feita! (Lucas, 22) (in: Bíblia de Jerusalém. 7 impressão. São Paulo: Paulus, 1995)

TRECHO DE CANÇÃO

*Pai, afasta de mim esse cálice!
Pai, afasta de mim esse cálice!
Pai, afasta de mim esse cálice
De vinho tinto de sangue.
Como beber dessa bebida amarga,
Tragar a dor, engolir a labuta,
Mesmo calada a boca, resta o peito,
Silêncio na cidade não se escuta.
De que me vale ser filho da santa,
Melhor seria ser filho da outra,
Outra realidade menos morta,
Tanta mentira, tanta força bruta.
(in: www.uol.com.br/chicobuarque/)*

Um texto pode se revelar, na forma e/ou no conteúdo, como absorção e transformação de um ou mais textos. Por isto, quando ele é lido, algumas de suas partes podem lembrar o que já foi lido em outro(s) texto(s). A essa relação de semelhança e superposição de um texto a outro dá-se o nome de "intertextualidade". Inúmeros autores extraem desse procedimento interessantes efeitos artísticos. Comparando-se a primeira estrofe de "Cálice" com o texto bíblico, pode-se afirmar corretamente que

- a) ocorre intertextualidade porque a estrofe contém, na forma e no conteúdo, parte da passagem evangélica.
- b) não há intertextualidade porque, na estrofe, foi omitida a outra frase atribuída a Jesus.
- c) não há intertextualidade porque, na estrofe, não há menção ao sentido condicional presente na primeira frase atribuída a Jesus.
- d) ocorre intertextualidade, mas apenas quanto aos elementos morfosintáticos da frase atribuída a Jesus.
- e) não há intertextualidade porque a estrofe transforma, semanticamente, a passagem evangélica, dando-lhe uma conotação política.

EXERCÍCIOS DE FIXAÇÃO



Questão 2 - **ABRASILEIRAMENTO DA LÍNGUA PORTUGUESA NO BRASIL DOS PRIMEIROS TEMPOS**

A AMA NEGRA fez muitas vezes com as palavras o mesmo que com a comida: machucou-as, tirou-lhes as espinhas, os ossos, as durezas, só deixando para a boca do menino branco as sílabas moles. Daí esse português de menino que no Norte do Brasil, principalmente, é uma das falas mais doces deste mundo. Sem RR nem SS; as sílabas finais moles; palavras que só faltam desmanchar-se na boca da gente. A linguagem infantil brasileira, e mesmo a portuguesa, tem um sabor quase africano: cacá, pipi, bumbum, nenen, tatá, lili (...)

Esse amolecimento se deu em grande parte pela ação da ama negra junto à criança; do escravo preto junto ao filho do senhor branco. E não só a língua infantil se abrandou desse jeito, mas a linguagem em geral, a fala séria, solene, da gente, toda ela sofreu no Brasil, ao contacto do senhor com o escravo, um amolecimento de resultados às vezes deliciosos para o ouvido. Efeitos semelhantes aos que sofreram o inglês e o francês noutras partes da América, sob a mesma influência do africano e do clima quente. (Freyre, Gilberto. CASA-GRANDE & SENZALA, 9 ed., Rio de Janeiro: José Olympio, 1958).

Com base na compreensão do texto, analise a coerência das seguintes afirmações:

- I- O autor põe em paralelo os campos da linguagem e da gastronomia brasileiras, destacando, nesses campos, a influência da cultura africana.
- II- A escolha das palavras, do princípio ao final do texto, reforça a convergência encontrada pelo autor entre 'falar' e 'saborear'.
- III- O falar "doce", "esse português de menino", inaugurado com a ama negra, firmou-se em todas as regiões do Brasil, indistintamente.
- IV- O autor demonstra perceber que há níveis distintos de formalidade entre o falar da criança e aquele do adulto.
- V- O fato apreciado pelo autor constitui uma particularidade da língua portuguesa em solo americano.

É correto o que se afirma em

- a) II, III e V, apenas.
- b) I, II e IV, apenas.
- c) I, III e IV, apenas.
- d) IV e V, apenas.
- e) I, II, III e V, apenas.

EXERCÍCIOS DE FIXAÇÃO



Questão 3

(Uerj 2004, com modificações)

Já se sentiu vítima de algum tipo de marginalização e/ou discriminação dentro de sua universidade?

Infelizmente, devo dizer que sim. Não se trata de discriminação ou marginalização pelo fato de ser brasileiro, porém. Trata-se de uma dificuldade (talvez natural) que tem um "novo imigrante" em penetrar na "elite" da sociedade local, que controla as posições de poder. Essa elite é constituída por pessoas que estudaram juntas na escola, que fizeram o serviço militar juntas, que pertencem ao mesmo partido político, etc. e que se apóiam mutuamente. Tive a oportunidade de sentir esse tipo de hostilidade quando fui eleito diretor da Faculdade de Ciências Humanas. Cheguei mesmo a ouvir expressões como "a máfia latino-americana em nossa faculdade", quando somos nada mais que dois professores titulares de procedência latino-americana. Mas, verdade seja dita, trata-se de uma hostilidade proveniente dos que estavam habituados ao poder e não se conformavam em perdê-lo.

A maioria não só me elegeu, mas também me apoiou e continua apoiando as reformas que instituí em minha gestão.

(DASCAL, Marcelo. Entrevista publicada no caderno Mais / Folha de S. Paulo, 18/05/2003.)

Certos substantivos participam do processo de coesão textual quando recuperam alguma informação ou conceito já enunciado.

O termo do texto que tem esta função é:

- a) sociedade
- b) oportunidade
- c) hostilidade
- d) gestão
- e) poder

EXERCÍCIOS DE FIXAÇÃO



Questão 4



Apesar de serem tão distantes em suas constituições, um cartaz de um estabelecimento, que anuncia um produto vegetal, e uma capa de DVD, que apresenta uma produção cinematográfica, esses textos

- A) apresentam pouca semelhança nos elementos verbais e não verbais.
- B) dialogam de maneira explícita nos elementos verbais e não verbais.
- C) dialogam apenas na temática abordada e nos elementos textuais.
- D) se assemelham superficialmente nos elementos visuais.
- E) apresentam muita semelhança, que é percebida implicitamente apenas nos elementos verbais.

EXERCÍCIOS DE FIXAÇÃO



Questão 5 (Uel 2005, com modificações)

CORTE

O dia segue normal. Arruma-se a casa. Limpa-se em volta. Cumprimenta-se os vizinhos. Almoça-se ao meio-dia. Ouve-se rádio à tarde. Lá pelas 5 horas, inicia-se o de sempre.

(MELLO, Maria Amélia. Corte. "Minas Gerais", Belo Horizonte, n. 686, ano XIV, 04 nov.1979. Suplemento Literário, p. 92.)

Sobre o texto, considere as afirmativas a seguir.

- I. Trata-se de uma sequência de fatos dispostos de forma desconexa e sem coerência, conforme o que é destacado no título.
- II. A série de ações relatadas pelo texto coincide com o cotidiano doméstico.
- III. O anonimato típico de uma dona de casa em sua rotina faz-se notório pela ausência de identificação de quem pratica as ações.

É correto o que se afirma em

- a) I, apenas.
- b) II, apenas.
- c) III, apenas.
- d) I e II, apenas.
- e) II e III, apenas.

19

SAIBA MAIS

Para ampliar o seu conhecimento a respeito desse assunto, veja abaixo as sugestões do professor:

<https://youtu.be/xTwOkisuWl4>

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE, Maria Margarida de; MEDEIROS, João Bosco. *Comunicação em língua portuguesa*. 5. ed. – São Paulo: Atlas, 2009.

DIDIO, Lucie. *Leitura e produção de textos: comunicar melhor, pensar melhor, ler melhor, escrever melhor*. São Paulo: Atlas, 2013.

EMEDIATO, Wander. *A fórmula do texto: redação, argumentação, e leitura*. São Paulo: Geração Editorial, 2004.

FORTE, Cerâmica. *História do Tijolo*. Disponível em: <http://www.ceramicaforte.com/informativo.php?id=13> Acesso em: 28/07/15.

FRANKE, Paulo. *Origem do tijolo*. Disponível em: <http://www.paulofranke.blogspot.fi/2013/11/o-tijolo-origem-historia-estantes.html> Acesso em: 28/07/15.

GARCIA, Othon M. *Comunicação em prosa moderna: aprenda a escrever, aprendendo a pensar*. 2. ed. Rio de Janeiro: FGV, 1973.

MEDEIROS, João Bosco. *Português instrumental*. 9.ed. – São Paulo: Atlas, 2010.

MOYSÉS, Carlos Alberto. *Língua portuguesa: atividades de leitura e produção de textos*. – 3.ed.rev. e atual. – São Paulo: Saraiva, 2009.

GABARITO

1) E

2) D

3) C

4) B

5) E

COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO

*COMPETÊNCIA ESCRITORA: ASPECTOS
TIPOLÓGICOS E FUNCIONAIS DO TEXTO*



AUTOR

Alessandro Campos Piantino



APRESENTAÇÃO

Olá! Espero que esteja bem. Sei que não foi fácil chegar até aqui. Enfim, alcançou o Ensino Superior ou o início de uma segunda graduação. O conhecimento, realmente, é uma grande dádiva e você deve aproveitar muito bem o seu precioso tempo para angariar novas conquistas.

Nesta disciplina não será diferente. Conhecimentos vários serão transmitidos e, na medida das interações previstas com seu tutor e colegas, você também terá a oportunidade de transmitir os saberes já adquiridos por meio de suas vivências e aprender, com base nas novas informações, direcionamentos importantes para a sua caminhada acadêmica.

Essas interações, inclusive, exemplificaram muito bem o que se propõe neste curso, “Comunicação e Expressão”, que ora é matéria de sua atenção por meio dessa leitura. Compreender o papel comunicativo e as formas de expressão no exercício de sua posição estudantil no Ensino Superior é o que se propõe de forma geral.

Aproveite as sistematizações oferecidas e todo o material complementar indicado, a cada unidade, para as interações já mencionadas, praticando o que consta nesta disciplina, como forma de continuidade e ampliação de seus estudos.

Ao final desta unidade, você deverá ser capaz de:

- Conceituar os tipos textuais e o gênero textual
- Caracterizar os aspectos tipológicos
- Reconhecer a linguagem da argumentação utilizada no texto acadêmico-científico

Bons estudos!

CONHEÇA O CONTEUDISTA

Alessandro Campos Piantino

Possui graduação em Letras Português/Inglês e Respectivas Literaturas, especialização em Planejamento, Implementação e Gestão de Educação a Distância e em Linguística Textual, bem como Mestrado em Educação pela Universidade de Brasília. Atualmente é professor do Centro Universitário Icesp de Brasília, membro do Núcleo de Avaliação, Qualidade e Estratégia da Rede Soebras de Ensino, Professor e Coordenador da área de Linguagens e Códigos de uma Rede Educacional Privada do Distrito Federal na modalidade do Ensino Básico. Tem experiência na correção de Redações do Enem e de diversos concursos e vestibulares.

UNIDADE 6

Olá, ser iluminado! Esta é a nossa última unidade e tem como objetivo caracterizar a estruturação dos tipos textuais, por reconhecer a necessidade dessas composições nos mais variados documentos científicos utilizados por você na academia.

Contudo, antes mesmo de iniciarmos, acompanhe as imagens a seguir e os textos para uma primeira análise.

Qual é a função dessas frases?



Se você respondeu “comunicar” algo a alguém, acertou. Já vimos isso em outra unidade. Claro que dependerá do conhecimento do contexto em que elas estão inseridas para você compreender a totalidade da mensagem, ou melhor, do referente ou da própria situacionalidade, um dos elementos da textualidade. O que veremos adiante é a estruturação dessa comunicação escrita, seja em prosa ou em versos. Para isso leia atentamente os versos do poema a seguir.

*Um homem sofrendo de um tédio permanente
buscava ao seu espírito conforto
e quem o livrasse da dor intermitente.*

*Qual náufrago ansiando por um porto,
atravessou terras e mares visando encontrar
alguém que fosse capaz de o curar.*

*Um dia um sábio o tornou ciente
da existência de um médico célebre e afamado.
E eis que o homem, com o coração esperançado
diante do doutor se encontrou presente.*

*– Recorro a vós, senhor – disse o paciente –,
porque a dor que me martiriza
e que o espírito aflige de forma tão contundente
resulta de uma chaga que nunca cicatriza.*

*Tornei-me há tempos escravo de minha mente
e sofro hoje atroz hipocondria,
não posso evitar ser pensativo e doente
e por isso já nem sei o que é paz ou harmonia.
Sendo vós o mais sábio clínico do mundo,
médico notável e do peito humano auscultador profundo,
rogo-vos que curar este mal inexorável
que o cérebro me bruma e me turva a visão.*

*Já não mais me pulsa o coração
e é com sacrifício que suporto uma cabeça
cujos pensamentos só me causam confusão.*

Indagou então o médico:

*– Já sentiste algum dia em teu peito
as chamas da paixão qual vendaval desfeito?*

– Sim – respondeu o homem.

– E o amor – continuou ele –, já o conhecestes?

– Sim, e procurei fazer dele bom proveito.

– E viajar, já viajaste?

– Sim. À Terra Santa, à Grécia e a grande parte do Oriente, depois de Paris, Florença e quase todo o Ocidente.

COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO

*Mas de tudo me angustia uma lembrança
imorredoura, eterna, e uma insegurança por demais pungente.
– Amigo – concluiu o médico – só há no mundo um lugar
em que alento para tua terrível dor poderás encontrar.
Existe na Romênia, em Bucareste, um homem capaz
de todo o teu tédio seguramente aniquilar.
Esse homem singular, que a todos o riso inocente traz,
é um impagável palhaço a cujos gracejos ninguém pode resistir.
Talvez sua figura brejeira possa a gargalhada franca te restituir!
Subitamente, dos olhos tristes do homem que o ouvia,
brotou uma única lágrima que por sua face corria.
E foi com voz embargada e o peito dilacerado
Que ele expôs a verdade em tom amargurado:
– Vejo, doutor, agora, que meu mal é incurável,
Pois o palhaço de que falais, o palhaço aclamado,
tem um riso de morte, um riso mascarado,
e sente profundamente a dor do tédio e do cansaço.
Porque sou eu, doutor, sou eu esse palhaço!*

-Autor desconhecido

No poema existem dois personagens: o palhaço e o doutor. Há um diálogo sendo narrado. O texto, mesmo sendo um poema, tem em sua estrutura o tipo textual narrativo, comumente visto em prosa. Logo, não precisa ser aquela história com o “Era uma vez” e “Viveram felizes para sempre” para caracterizar uma narração.

Observe, agora, o segundo poema. Esse não é de autor desconhecido, é de Olavo Bilac. Verifique atentamente a descrição poética feita, pelo eu lírico, do olhar que ele tem sobre uma realidade do mundo exterior.

Via Láctea

Ora (direis) ouvir estrelas! Certo
Perdeste o senso!" E eu vos direi, no entanto,
Que, para ouvi-las, muita vez desperto
E abro as janelas, pálido de espanto...

E conversamos toda a noite, enquanto
A via-láctea, como um pálio aberto,
Cintila. E, ao vir do sol, saudoso e em pranto,
As procuro pelo céu deserto.

Direis agora: "Tresloucado amigo!
Que conversas com elas? Que sentido
Tem o que dizer, quando estão contigo?"

E eu vos direi: "Amai para entendê-las!
Pois só quem ama pode ter ouvido
Capaz de ouvir e de entender estrelas".

Sei que a descrição do poema em análise é subjetiva, mas penso que você esteja cansado de ouvir descrições como: estrela brilhante, constante, radiante. Intencionou partir de um poema para facilitar o entendimento de que a descrição é a percepção de alguém sobre um dado ser ou objeto, um relato sobre características externas ou internas.

Em uma notícia, também encontramos fragmentos que narram e descrevem um fato na percepção de um jornal, por exemplo. Não encontramos a opinião explícita do jornalista, pois o objetivo desse texto é ser impessoal, é alcançar a função referencial, é alcançar o contexto, o assunto, o fato. Todavia, se lermos um artigo de opinião desse mesmo jornal, veremos o posicionamento do veículo de comunicação sobre o mesmo ou outro fato noticiado.

Nesse contexto, diferentemente da notícia, o jornalista tenta persuadir, convencer, influenciar o receptor da mensagem: característica do texto em que se tem a estrutura dissertativa argumentativa. Para essa estrutura, o autor do texto terá uma tese - aquilo que ele acredita - e argumentos que validem sua tese.

A essas funções sociais dos textos (cartaz, poema, notícia, artigo de opinião) nós damos o nome de gêneros textuais. E para estruturá-los consideramos os aspectos tipológicos, ou melhor, os tipos textuais: narração (narrar, relatar), descrição (descrever ações) e dissertação (expor, argumentar). Observe na tabela a seguir a relação entre os aspectos tipológicos e alguns gêneros textuais de referência.

Aspectos Tipológicos	Exemplos de gêneros orais e escritos
Narrar	Conto, fábula, narrativa de aventura, romance, narrativa de ficção científica, crônica literária, romance histórico, narrativa de enigma, novela fantástica, conto maravilhoso, entre outros.
Relatar	Relato de experiência, diário íntimo, reportagem, crônica social, anedota ou caso, autobiografia, biografia, <i>curriculum vitae</i> , notícia, relato histórico, etc.

Argumentar	Textos de opinião, carta de leitor, carta de reclamação, carta de solicitação, debate regrado, artigo de opinião, editorial, resenha crítica, assembleia, ensaio, discurso de defesa e de acusação (em se tratando da área jurídica) deliberação formal, entre demais exemplos.
Expor	Exposição oral, seminário, conferência, palestra, resumo de textos explicativos, relatório científico, relatório oral de experiência, palestra, verbete, entre outros.
Descrever ações	Instruções de montagem, receita, regulamento, instruções de uso, textos prescritivos, regras de jogo, comandos diversos, etc.

Aspectos Tipológicos

Se tivermos que responder a esta questão - para que servem as histórias? - , provavelmente não teremos uma resposta precisa. Mas se nos remetermos à própria trajetória do homem, os argumentos começarão a brotar em nossa lembrança.

Povos antigos tinham o saudável hábito de se reunir à noite, ao redor de fogueiras acesas, e a palavra pertencia, então, aos mais velhos. Dessa forma, envolvidos na magia do que era contado, os jovens iam se apropriando dos mitos e lendas de seu povo.

Entre os índios do norte da América “dizem que quando os contos soam, as plantas não se preocupam em crescer e os pássaros esquecem a comida de seus filhotes(...).

Em todas as épocas, em todas as civilizações, por onde quer que tenha habitado o homem, ficaram resquícios de histórias que com ele coabitavam. Encadeadas umas nas outras, longas, cheias de peripécias, monumentais ou ligeiras, econômicas, breves, mas sempre surpreendentes, as histórias têm sido nossas fiéis companheiras.” Luzia de Maria (1996, apud, MORAES, 2004)

Antes ainda da utilização de folhas de papiro para o registro da forma escrita, os fatos das civilizações antigas, as histórias eram contadas e repassadas para outras gerações oralmente.

Os homens daquela época tinham uma boa memória! Como eles faziam isso?

Eles usavam uma sequência de fatos e ideias bem definidos. Possuíam essas sequências bem esquematizadas em sua mente. É como se eu fosse contar para você como se faz uma folha de papiro ou, então, relatar como foi o Show do Milton Nascimento em 1989, precisaria de esquematizar minha fala.

Com a evolução da escrita e das técnicas de impressão para registro dessa escrita, os fatos relatados, os objetos descritos e as ideias debatidas ganharam espaço histórico, pois não precisavam mais da transmissão oral para se manterem vivos entre as próximas gerações.

Então, quais as diferenças textuais entre textos como o passo a passo da fabricação da folha de papiro e o relato do Show do Milton Nascimento vistos em unidade anterior? E ainda, em que esses dois textos se diferenciariam de uma argumentação?

Narração

Segundo Moraes (2004, pág. 20), o texto narrativo é uma modalidade de redação que consiste no relato de uma história (verdadeira ou fictícia), envolvendo ação, que se desenrola por personagens. Essa ação apóia-se também em algumas circunstâncias como tempo, lugar, modo, causa e consequência."

Para ser bem mais objetivo, narração é um relato de fatos.

Caracterização texto narrativo

Para caracterizar o texto narrativo, leia a crônica a seguir:

Linda de morrer

O pai resolveu abrir uma funerária.

— Tem muita gente morrendo. É negócio de futuro!

Ao que a mãe acrescentou:

— Gente que nunca morreu tá morrendo...

O filho perdeu a paciência.

— Dá pra parar com as piadinhas sem graça? Abrir um negócio não é brincadeira não.

O pai sorriu condescendente. Sabia que o filho estava bem-intencionado. Mas é que o rapaz tinha acabado de concluir um desses MBAs da vida, e só conseguia raciocinar em termos mercadológicos.

- Calma, filho. Você só fala de critérios, métodos, empreendedorismo... não sei nem falar esse trecho.

— Empreendedorismo, pai.

— Pois é. Estou querendo pôr o nome de “Funerária Vai com Deus.”

— Pelo amor de Deus!

— Também é bom, mas “Vai com Deus” é melhor.

— Não, pai, pelo amor de Deus, não põe um nome desses!

E olhou ansioso pra mãe, pedindo socorro. A mãe nem tchum.

— Acho que é um nome interessante, filho. Diferente. Ousado.

O pai emendou:

— Imaginem só o slogan: “Na hora de morrer, vai com Deus”.

A mãe soltou uma gargalhada.

— Vocês dois parem com isso! — o filho já estava vermelho. — Que coisa mórbida!

Vamos pensar com um mínimo de...

— Empreendedorismo...

— Dormimos!

— Doritos!

— Empreendedorismo! — o filho berrou.

— Ah é. Quer ver outro nome bom? Funerária Sete Palmos...

— Passagem de Ida! — a mãe entrou na tabela.

— Último Adeus! — o pai emendou.

Agora os dois já estão soltos. O filho olhando pro chão, besta. Já estava calculando os prejuízos.

O pai não parava.

— “Funerária Último Adeus: uma empresa linda de morrer”,

— Uma empresa linda de morrer! — a mãe repetiu, saboreando cada palavra.

— Linda de morrer... — o filho repetiu, mordendo as palavras. — Nem Freud explica vocês dois...

— Engano seu, filho. Você sabia que o Freud era fanático por humor negro? Ele adorava o anúncio de uma funerária americana que falava assim: “Pra que viver, se você pode ser enterrado por dez dólares?”

— Sensacional! — a mãe já batia as mãos na mesa, de tanto rir.

— E lembra aquele cemitério que tinha um slogan assim: “Se você não pode saber quando, saiba pelo menos onde”. Dessa vez, até o filho deixou escapar uma risada:

— É verdade. Essa propaganda eu lembro. Engraçado, na época eu achei esse slogan muito bom. É claro que eu ainda não tinha conhecimentos de...

— Perdedores...

— Predadorismo...

O filho saiu batendo os pés, resmungando para si mesmo: posicionamento, agressão, downsizing, rightsizing e, acima de tudo, empreendedorismo. Seu pai nunca ia mesmo dar conta daquelas palavras lindas de morrer.

(CUNHA, 2004, págs 75-77)

O texto em análise se desenrola no tempo – com princípio, meio e fim –, com mudanças de situação das personagens e tudo apresentado por um narrador. Neste texto narrativo, praticamente, cada frase constitui um novo momento da história. Nela, cada ato ou cada frase é consequência do que vem antes. Acontece que, mesmo nesta típica narração, há pequenos vestígios de descrição, como veremos mais adiante.

Então, vejamos as características da narração no texto “Linda de morrer”.

A narração exige uma progressão no tempo e mudanças de estado ou de situação: há uma clara relação de causas e efeitos. Podemos até escolher começar a contar um caso de trás para frente, mas não haverá dúvidas sobre a sequência dos fatos. No caso da crônica “Linda de morrer”, a impaciência do filho vai num crescendo, na mesma medida em que cresce o divertimento dos pais.

As marcas dessas relações (de tempo e de causa e efeito), expressas por tempos verbais (emendou, acrescentou), por advérbios e expressões adverbiais (na época, na hora de morrer, já, dessa vez) ou mesmo pelo significado das palavras, são fundamentais nas narrações. Os fatos narrados dizem respeito a personagens, imaginários ou não. Nessa crônica, os fatos envolvem pai, mãe e filho. A narração exige naturalmente um narrador, encarregado de contar a história. O narrador da crônica em análise é observador dos fatos: não é uma das personagens da história. Por isso, a narração é em 3ª pessoa. Poderia ser personagem (principal ou secundária), e nesse caso a narração viria em 1ª pessoa. (Programa Gestão da Aprendizagem Escolar – Gestar II. Língua Portuguesa (com adaptações).

Descrição

Como você já deve ter notado, a descrição está contida em quase todas as narrações. Mas o que é então um texto descritivo?

É uma sequência de detalhamentos que caracterizam um determinado objeto, pessoa, ambiente ou paisagem. Tem por objetivo despertar no leitor impressões sensoriais (relacionadas com os órgãos do sentido), sobretudo impressões visuais. (MORAES, 2004, pág. 18) .

Além disso, não somente aspectos físicos são descritos; como afirma Didio (2013, pág. 219), “é possível descrever tanto características físicas (aparência externa) quanto características psicológicas (comportamento, atitude, caráter, inclinações, temperamento)”.

Em síntese, descrição é um retrato verbal.

Caracterização texto descritivo

Para caracterizar o texto descritivo, leia um fragmento do conto a seguir de Lopes Neto. O narrador é um vaqueiro do Rio Grande. Ele está contando para os companheiros um caso ocorrido com ele, quando levava uma quase fortuna para o patrão.

Trezentas onças

A estrada estendia-se deserta; à esquerda os campos desdobravam-se a perder de vista, serenos, verdes, clareados pela luz macia do sol morrente, manchados de pontas de gado que iam se arrolhando nos paradouros da noite; à direita, o sol, muito baixo, vermelho-dourado, entrando em massa de nuvens de beiradas luminosas.

Nos atoleiros, secos, nem um quero-quero: uma que outra perdiz, sorrateira, piava de manso por entre os pastos maduros; e longe, entre o resto de luz que fugia de um lado e a noite que vinha, peneirada, do outro, almejava a brancura de um João-Grande, voando, sereno, quase sem mover as asas, como numa despedida triste, em que a gente também não sacode os braços...

Foi caindo uma aragem fresca e um silêncio grande em tudo.

Lopes Neto (2003, pág. 309)

A ordem na descrição não é obrigatória, apesar de ser interessante para favorecer a visualização da cena e a sequencialização dos fatos. Na descrição de Lopes Neto, nos dois primeiros parágrafos, o tempo – que está no passado –, como você pode observar a partir das desinências verbais – é o mesmo, por exemplo, permitindo uma possível inversão.

Vamos sintetizar as características da sequência descritiva?

A descrição é uma sequência de aspectos de um ser qualquer. Na descrição, lemos uma sequência de aspectos da natureza. Na descrição, a ênfase é no espaço, e não no tempo. Na descrição, acompanhamos o olhar do narrador, deslocando-se da esquerda para a direita, de perto para longe.

Programa Gestão da Aprendizagem Escolar – Gestar II. Língua Portuguesa (com adaptações).

Dissertação argumentativa e expositiva

“O texto dissertativo-argumentativo – além de discorrer sobre um assunto – tem por finalidade debater e discutir ideias com o objetivo de persuadir ou de dissuadir – por meio de argumentação – o leitor de algo; revelando, desse modo, um posicionamento crítico (favorável ou desfavorável) do produtor do texto.” (DIDIO, 2013, pág. 222)

Se você pesquisar no dicionário Houaiss (2010) o significado da palavra “argumentar”, encontrará a seguinte afirmação:

“Apresentar fatos, ideias, razões lógicas, provas etc. que comprovem uma afirmação, uma tese.”

O interessante é que a palavra “fatos”, marca do texto narrativo, está presente no significado da palavra argumentar. No entanto, você pode observar que o foco do significado de argumentar está em comprovar algo, seja por “fatos, ideias, razões, provas etc.”

Assim, para Medeiros (2010, pág. 323), argumentar “é demonstrar ou refutar uma ideia”. Ou melhor, argumentar é adotar um posicionamento (MORAES, 2004, pág. 58).

Já na dissertação expositiva, não há a necessidade de usar os argumentos como convencimento. Ou seja, eles não devem ser apresentados para corroborar um ponto de vista, mas, sim, para informar o leitor sobre os aspectos relacionados ao tema. É apenas uma exposição de fatos, dados e outras informações relevantes.

Caracterização texto argumentativo

Para caracterizar o texto argumentativo, leia o texto de Albert Jacquard.

Racismo e Ciência

O homem – esse ser dotado do fabuloso poder de se construir, de cooperar na criação de si próprio – paga essa capacidade com o poder inverso: o de se autodestruir. As guerras são uma forma de autodestruição violenta; as armas nucleares tornam possível até mesmo o suicídio coletivo da espécie. Mas a autodestruição também se manifesta em comportamentos ignóbeis, dos quais o mais generalizado é seguramente o racismo.

Desprezar o outro porque ele pertence a um grupo certamente não é novidade, mas o fenômeno assumiu neste século uma forma específica: é em nome das “recentes descobertas da ciência moderna”, dos “modelos elaborados pela biologia” que se pretende justificar a classificação dos homens em categorias hierarquizadas.

Se o progresso da ciência conduzisse realmente a tais conclusões, seria necessário levá-las em conta, independentemente das opiniões morais, filosóficas ou religiosas que tenhamos a respeito. Mas ocorre que o conteúdo atual do discurso científico, sobretudo na disciplina mais diretamente ligada ao assunto, a genética, é exatamente o oposto do que se pretende. Os progressos da genética permitem determinar com rigor o conteúdo dos patrimônios biológicos dos grupos humanos. Se no passado as tendências a definir as raças se baseavam nos caracteres aparentes (cor da pele, textura do cabelo, forma do crânio), hoje já não se levam em conta esses caracteres, mas sim os genes que os determinam.

A frequência com que os vários genes são encontrados nos membros de um grupo constitui a estrutura genética desse grupo. Pode-se estabelecer a “distância” que separa dois grupos calculando-se a frequência dos genes presentes em cada um deles. No que diz respeito à raça humana, porém, esse tipo de classificação é impossível. De fato, os intercâmbios migratórios têm sido tão intensos e os isolamentos tão pouco duradouros que as diferenças entre os grupos não puderam alcançar um nível que possibilite traçar limites entre populações relativamente homogêneas. Assim, seria um verdadeiro contra senso querer dar um fundamento biológico às teorias elitistas, seja essa “elite” constituída por certos indivíduos dentro de um grupo, seja por certos grupos.

Jacquard (1984 apud MORAES, 2004, pág. 59)

O texto argumentativo, num primeiro momento, disserta sobre ideias; e, num segundo, utiliza argumentos para defendê-las ou atacá-las com o objetivo de levar seu leitor a, conforme o caso, aceitá-las ou a rejeitá-las.

Dessa forma, caracterizando a argumentação, temos que ela é uma sequência de ideias para persuadir o leitor sobre qualquer assunto. No texto em questão, o racismo é o assunto e as ideias surgem para defender a ideia de que racismo é uma forma de autodestruição do homem. Há um posicionamento crítico. Logo, o posicionamento de Jacquard é contrário ao racismo e se utiliza de descobertas científicas para invalidar a pretensão de “classificação dos homens em categorias hierarquizáveis”.

Texto injuntivo e prescritivo

Já que estamos falando de posicionamento, o texto injuntivo fica bem próximo disso. A diferença é que este, diferente do texto argumentativo, impõe uma opinião. (DIDIO, 2013)

Injungir, ou melhor, injunção é um "ato de ordenar expressamente uma coisa; ordem precisa e formal; influência coercitiva de leis, regras, costumes ou circunstâncias; imposição, exigência, pressão." (HOUAISS, 2010)

Caracterização texto injuntivo ou prescritivo

Como se vê, pelo tipo injuntivo pedimos, convocamos ou ordenamos ao leitor que faça alguma coisa. Gramaticalmente identificadas como vocativo, sequências injuntivas ocorrem por escrito, por exemplo, num bilhete ou numa carta. Oralmente são constituídas sempre que chamamos alguém, como, por exemplo: ei, você aí!

Quando está associada predominantemente a verbos, uma sequência do tipo injuntivo pode ter a forma de ordem ou de pedido; por isso, pode vir frequentemente no modo imperativo ou em forma interrogativa. O importante é saber que esse tipo textual pode se realizar por diferentes expressões e classes gramaticais.

Programa Gestão da Aprendizagem Escolar – Gestar II. Língua Portuguesa (com adaptações).

Logo, outros exemplos caracterizam melhor o que é o texto injuntivo:

Nos dez mandamentos: “Não matarás”. “Não cobiçarás a mulher do próximo” etc.; Nas placas e sinais de trânsito e nos avisos: Favor não estacionar. Identifique-se na recepção. Favor apresentar as credenciais;

Em receitas culinárias, quando indicam o modo de fazê-las: como no passo a passo da folha de papiro.

Na publicidade: Compre tal produto! Ligue já para 0800.....! Você, sem fronteiras. (DIDIO, 2013, pág. 223) (com adaptações)

Análise textual

Em textos escritos, a interação é complexa, embora muitas vezes não tenhamos noção ou consciência dessa complexidade. Quando falamos ou escrevemos, nossa intuição nos ajuda substancialmente a encontrar os melhores caminhos para que nossa interação chegue a bom termo. A adequação de nosso texto escrito depende muito da habilidade de reunir de forma pertinente diferentes tipos textuais.

Veja um belo exemplo disso, retirado de um conto de Carlos Drummond de Andrade. O conto “Presépio” se passa numa pequena cidade do interior, no princípio do século XX, e tem como personagem principal a Dasdores, jovem que tem de dar conta dos mais diferentes serviços da casa. Observe um fragmento do conto:

Dasdores e suas numerosas obrigações: cuidar do irmão, velar pelos doces em calda, pelas conservas, manejar agulha e bilro, escrever cartas de todos. Os pais exigem-lhe o máximo, não porque a casa seja pobre, mas porque o primeiro mandamento da educação feminina é trabalhar à noite e dia. Se não trabalhar sempre, se não se ocupar todos os minutos, quem sabe de que será capaz a mulher? Quem pode vigiar sonhos de moça? Eles são confusos e perigosos. Portanto, é impedir que se formem. A total ocupação varre o espírito. Dasdores nunca tem tempo para nada. Seu nome, alegre à força de repetido, ressoa pela casa toda. “Dasdores, as dalias já foram regadas hoje?” “Você viu, Dasdores, quem deixou o diabo do gato furtar a carne?” “Ah, Dasdores, meu bem, prega esse botão para sua mãezinha.” Dasdores multiplica, corre, delibera e providencia mil coisas. Andrade (2003, pág. 23)

Sobre o ambiente e a época da cena: várias ocupações de Dasdores são mais típicas de um tempo há muito passado. A própria posição dos pais sobre a moça já é muito ultrapassada, ou é mais comum nos pequenos centros. Neste fragmento, contudo, apesar de tão curto, estão presentes várias sequências tipológicas:

- Uma longa sequência injuntiva: todas as frases, no final do texto, que têm o vocativo Dasdores e que são pedidos / ordens dirigidos à Dasdores.
- Uma sequência injuntiva curta: “porque o primeiro mandamento da educação feminina é trabalhar à noite e dia.”
- Uma sequência argumentativa: “Se não trabalhar sempre, se não se ocupar todos os minutos, quem sabe de que será capaz a mulher? Quem pode vigiar sonhos de moça? Eles são confusos e perigosos. Portanto, é impedir que se formem. A total ocupação varre o espírito.”
- Uma sequência descritiva: “Das Dores e suas numerosas obrigações: cuidar do irmão, velar pelos doces em calda, pelas conservas, manejar agulha e bilro, escrever carta de todos” e “Dasdores se multiplica, corre, delibera e providencia mil coisas”.
- As frases injuntivas do final do texto são ditas em tons muito diferentes. São ordens disfarçadas. Frase de ordem com tom de lembrança: “Dolores, as dalias já foram regadas hoje?” Frase de ordem com tom de reclamação: “Você viu, Dolores, quem deixou o diabo do gato furtar a carne?” Frase de ordem com tom de pedido: “Ah, Dasdores, meu bem, prega esse botão para sua mãezinha.”

CONCLUINDO A UNIDADE



Vimos que a função do texto é estabelecer uma comunicação e que para isso todos os elementos devem estar conectados. Vimos também que são, basicamente, quatro os tipos textuais (descritivo, narrativo, dissertativo e injuntivo), conhecê-los ajudará na construção do raciocínio textual.

Além disso, compreendemos que a narração relata fatos, a descrição retrata esses fatos e tudo o que está ligado a ele. Já a argumentação se utiliza, muitas vezes, dos fatos como argumentos de um posicionamento para convencer o leitor, ou apenas expor o que se deve para melhor informar. A injunção, longe de convencer, prefere impor.

Evidencia-se, então, que caracterizar os tipos textuais é importante para desenvolver a habilidade de reunir de forma pertinente diferentes tipos textuais em uma dada produção textual. Habilidade relevante para as escolhas das estruturas textuais no alcance das intencionalidades presentes em cada gênero textual.

DICA DO PROFESSOR



Compreender as estruturas textuais e a funcionalidades dos textos é fundamental para a competência da escritora, principalmente no contexto acadêmico. Sobre isso, assista aos vídeos a seguir.

<https://youtu.be/hL8q7TGjU3s>

<https://youtu.be/ZGpDi1vbckA>

EXERCÍCIOS DE FIXAÇÃO



Questão 1- Os tipos textuais ou tipologias textuais são formas de organização das informações em um texto pela forma de organização das frases, parágrafo (s), enfim pelas partes do texto. Assim sendo, um mesmo texto pode conter mais uma tipologia textual a depender dos efeitos de sentido que o autor busca provocar em seu leitor e, então, atingir seu objetivo. Nesse sentido, analise o texto abaixo:

Como praticar ócio criativo nos dias de hoje, segundo Domenico de Masi

Domenico De Masi, sociólogo italiano, explica que 70% dos trabalhadores poderiam praticar ócio criativo

São Paulo – Se o seu trabalho é rentável e pode ser conciliado com estudo e lazer, você pratica ócio criativo. O conceito foi definido há mais de duas décadas pelo sociólogo italiano Domenico De Masi no fim do século XX, mas ainda é confundido com falta do que fazer.

“Não entendo que ócio criativo seja o ato de não fazer nada. Não o vejo como preguiça. O ócio criativo é a plenitude do indivíduo integral, na qual se pode conciliar 3 coisas em nossas atividades: o trabalho, com o qual criamos a riqueza; o estudo, com o qual criamos o aprendizado e adquirimos o conhecimento; e o lazer, com o qual criamos a alegria e com o qual criamos o bem-estar”, explicou o sociólogo em conversa com a equipe da Eleva Educação, que organiza um congresso gratuito, dias 28 e 29 de maio, sobre emoções com mais de 20 estudiosos, entre eles Domenico.

Todo mundo pode praticar ócio criativo?

“Após a 2ª Guerra mundial, a sociedade mudou rapidamente e passou de industrial para pós-industrial. Ou seja, nossa sociedade não era mais baseada na produção agrícola, que é importante, mas não o cerne. Não se baseava mais na produção artesanal ou na industrial; baseava-se na produção de bens imateriais. São eles: informação, serviços, símbolos, valores e estética. Os produtos de bens imateriais não dependem do trabalho operário, tanto que hoje, 30% são operários e 70% são funcionários, profissionais, gerentes e executivos que executam um trabalho intelectual. Esse tipo de trabalho pode ser conciliado com o estudo, o lazer e a diversão; pode transformar-se em ócio criativo. Assim, hoje, 70% dos trabalhadores poderiam praticar o ócio criativo. Se a organização fosse pensada e voltada ao ócio criativo.” Disponível em: <<https://vocesa.abril.com.br/carreira/como-praticar-ocio-criativo-nos-dias-de-hoje-segundo-domenico-de-masi/>>. Acesso em 26 agost. 2020.

Com relação à predominância tipológica do texto, marque a alternativa correta.

- a) A tipologia textual predominante é a descritiva.
- b) Predomina no texto a tipologia injuntiva.
- c) Predomina a tipologia narrativo-argumentativa.
- d) A descrição é o tipo textual predominante no texto.
- e) A narração é a tipologia de predomínio no texto.

EXERCÍCIOS DE FIXAÇÃO



Questão 2- A produção textual pode ser mediada pelo gênero memória, onde o aluno consegue elaborar um sentido para seus escritos a partir dos saberes que já domina advindo de experiências vivenciadas, no compartilhamento de informações com as pessoas no meio social, acrescidos dos conhecimentos adquiridos no processo de ensino. O gênero memória possibilita o resgate de fragmentos que possam auxiliar na constituição do retrato de um determinado período ou evento, possibilitando que o aluno perceba que as reminiscências servem de suporte para amparar sua escrita. O resgate de fragmentos da memória se justifica na compreensão de Antônio Candido (1998), devido a visão fragmentária de a vida ser “[...] imanente à nossa própria experiência; é uma condição que não estabelecemos, mas a que nos submetemos” (CANDIDO, 1998, p. 58).

Disponível

em:

<http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producoes_pde/2013/2013_unicentro_port_pdp_maria_elizabete_kastel.pdf>. Acesso em 26 agost. 2020.

Nesse sentido, analise o texto abaixo:

Lembro-me hoje, com alegria, do ano de 1983, em que entrei para a 1ª “série” do Ensino Fundamental. Naquela época, a educação pública em Coronel Fabriciano, cidade em que nasci, ainda não oferecia a Educação Infantil na modalidade como é oferecida hoje (1º e 2º período). Os pais que tinham condições financeiras para colocar seus filhos em escolas particulares, assim faziam. Os que não tinham, esperavam os sete anos de idade dos filhos para os colocarem no Ensino Fundamental da única escola do bairro. Além das dificuldades estruturais do Sistema Educacional Brasileiro, eu tinha que trabalhar com uma série de “limitações” que os problemas de saúde me impunham. Das complicações de parto do dia 21 de junho de 1976, às 23:45h vieram sequelas marcantes. Quando digo marcantes, estou usando o sentido estrito e literal da palavra, para me referir a uma cicatriz no hemisfério direito do cérebro. Esta cicatriz provocou dificuldades motoras, dificuldades na fala e perda de 70% da capacidade visual. De sorte que meus pais tiveram muito trabalho com o primeiro filho em sua infância. Aos dezoito meses de idade, fui surpreendido com um surto agudo da poliomielite que atingiu o membro inferior esquerdo. Desde então, passei a frequentar semanalmente o hospital da Baleia em Belo Horizonte. Até aos 08 anos de idade, viajávamos 200 km para fazer acompanhamento médico.



Meu contato com a leitura se deu quando ingressei na escola. As professoras Mônica e Rita de Cássia foram minhas alfabetizadoras e do 1º ao 4º ano, (naquela época chamava-se série) continuei com elas na pequena Escola Municipal Joaquim de Ávila Neto. Meus pais levavam-me e colocavam-me dentro da sala de aula. Na época, eram aquelas carteiras grandes, onde sentavam de 05 a 06 alunos em cada uma. Eu sentava na primeira carteira e bem ao meio, para facilitar a visão no quadro negro. Lembro-me que a tia Mônica (como eu a chamava) tinha uma paciência muito grande comigo. Foram também muitos os dias em que voltei à escola extraturno para aulas de reforço. A escola de ensino fundamental de 1º ao 4º ano foi para mim uma espécie de laboratório tanto psicomotor, quanto de alfabetização e de trabalho com as emoções. Honestamente, não sobrava tempo para ir à biblioteca da escola e escolher um livro infantil para ler. Todo o tempo que tinha era consumido pela fisioterapia e as aulas de reforço escolar. Assim que terminei o 4º ano, fui estudar na escola estadual Prof. Pedro Calmon, no centro da cidade, a mais perto da minha casa que tinha de 5º ao 8º ano. Nesta época, eu já andava, ainda com muita dificuldade e com a ajuda de aparelhos ortopédicos. A fase de adaptação foi muito difícil. Eu, que estava acostumado com as duas professoras dos anos iniciais, agora tinha que lidar com oito professores por semana. Passei por muitos processos de recuperação e provas de final ano. Lembro-me da professora Ana Maria que me incentivava a ler e a fazer os exercícios de português. Neste período, li todos os livros da Coleção Vaga-Lume. Depois do término da aula, ia para a biblioteca e ficava lendo até meu pai ir me buscar. Li também Machado de Assis, Graciliano Ramos. Nesta época, as idas à Belo Horizonte já eram bem menores.

Disponível em: <<https://srefabricianodivep.wordpress.com/2015/03/27/memorial-de-leitura-minha-trajetoria-de-formacao-como-leitor-uma-historia-de-desafios-uma-historia-de-conquistas/>>. Acesso em 26 agost. 2020.

Sobre o gênero do texto em análise, avalie as asserções a seguir e a relação proposta entre elas.

I- Trata-se de um texto do gênero memorial.

PORQUE

II- As informações são objetivas e o autor revela um pouco de sua trajetória de vida.

A respeito dessas asserções, assinale a opção correta.

- A) As asserções I e II são proposições verdadeiras, e a II é uma justificativa correta da I.
- B) As asserções I e II são proposições verdadeiras, mas a II não é uma justificativa correta da I.
- C) A asserção I é uma proposição verdadeira, e a II é uma proposição falsa.
- D) A asserção I é uma proposição falsa, e a II é uma proposição verdadeira.
- E) As asserções I e II são proposições falsas.

EXERCÍCIOS DE FIXAÇÃO



Questão 3

Ter ou não ter namorado? Eis a questão.

Quem não tem namorado é alguém que tirou férias não remuneradas de si mesmo. Namorado é a mais difícil das conquistas. Difícil porque namorado de verdade é muito raro. Necessita de adivinhação, de pele, saliva, lágrima, nuvem, quindim, brisa ou filosofia.

Paquera, gabiru, envolvimento, até paixão, é fácil. Mas namorado, é muito difícil.

Namorado não precisa ser o mais bonito, mas ser aquele a quem se quer proteger e quando se chega ao lado dele a gente treme, sua frio e quase desmaia pedindo proteção. A proteção dele não precisa ser parruda, decidida; ou bandoleira: basta um olhar de compreensão ou mesmo aflição.

Quem não tem namorado não é quem não tem um amor: é quem não sabe o gosto de namorar. Se você tem três pretendentes, dois paqueras, um envolvimento e dois amantes; mesmo assim pode não ter nenhum namorado.

Não tem namorado quem não sabe o gosto da chuva, cinema sessão das duas, medo do pai, sanduíche de padaria ou drible no trabalho. Não tem namorado quem transa sem carinho, quem se acaricia sem vontade de virar sorvete ou lagartixa e quem ama sem alegria. Não tem namorado quem faz pactos de amor com a infelicidade. Namorar é fazer pactos com a felicidade ainda que rápida, escondida, fugidia ou impossível de durar..

Não tem namorado quem não sabe o valor de mãos dadas; de carinho escondido na hora em que passa o filme; de flor catada no muro e entregue de repente; de poesia de Fernando Pessoa, Vinícius de Moraes ou Chico Buarque lida bem devagar; de gargalhada, quando fala junto ou descobre a meia rasgada; de ânsia enorme de viajar junto para a Escócia ou mesmo de metrô, bonde, nuvem, cavalo alado, tapete mágico ou foguete interplanetário.

Não tem namorado quem não gosta de fazer sesta abraçado, fazer compra junto. Não tem namorado quem não gosta de falar do próprio amor, nem de ficar horas e horas olhando o mistério do outro dentro dos olhos dele, abobalhados de alegria pela lucidez do amor. Não tem namorado quem não redescobre a criança própria e a do amado e sai com ela para parques, fliperamas, beiras d'água, show do Milton Nascimento, bosques enluarados, ruas de sonhos ou musical da Metro.



Não tem namorado quem não tem música secreta com ele, quem não dedica livros, quem não recorta artigos, quem não se chateia com o fato de seu bem ser paquerado. Não tem namorado quem ama sem gostar, quem gosta sem curtir; quem curte sem aprofundar. Não tem namorado quem nunca sentiu o gosto de ser lembrado de repente no fim de semana, na madrugada ou meio-dia do dia de sol em plena praia cheia de rivais. Não tem namorado quem ama sem se dedicar,- quem namora sem brincar,- quem vive cheio de obrigações; quem faz sexo sem esperar o outro ir junto com ele. Não tem namorado quem confunde solidão com o ficar sozinho e em paz. Não tem namorado quem não fala sozinho, não ri de si mesmo e quem tem medo de ser afetivo. Se você não tem namorado porque não descobriu que o amor é alegre e você vive pensando duzentos quilos de grilos e de medos, ponha a saia mais leve, aquela de chita e passeie de mãos dadas com o ar. Enfeite-se com margaridas e ternuras e escove a alma com leves fricções de esperança. De alma escovada e coração estouvado, saia do quintal de si mesmo e descubra o próprio jardim. Acorde com gosto de caqui e sorria lírios para quem passe debaixo de sua janela. Ponha intenções de quermesse em seus olhos e beba licor de contos de fada. Ande como se o chão estivesse repleto de sons de flauta e do céu descesse uma névoa de borboletas, cada qual trazendo uma pérola falante a dizer frases sutis e palavras de galanteria. Se você não tem namorado é porque ainda não enlouqueceu aquele pouquinho necessário a fazer a vida parar e de repente parecer que faz sentido. Enlou-cresça. (Carlos Drummond de Andrade)

Tomando-se o texto acima como exemplo para análise, avalie as asserções seguintes e a relação proposta entre elas.

I- Há uma narrativa que perpassa o texto. Mas sua estrutura lógica é de uma dissertação.

PORQUE

II- Apresenta-se a temática em um tópico frasal no primeiro parágrafo. Este, por sua vez, é retomado no decorrer da história com esclarecimentos, exemplos, mesmo que fictícios.

A respeito dessas asserções, assinale a opção correta.

- a) As asserções I e II são proposições verdadeiras, e a II é uma justificativa correta da I.
- b) As asserções I e II são proposições verdadeiras, mas a II não é uma justificativa correta da I.
- c) A asserção I é uma proposição verdadeira, e a II é uma proposição falsa.
- d) A asserção I é uma proposição falsa, e a II é uma proposição verdadeira.
- e) As asserções I e II são proposições falsas.

EXERCÍCIOS DE FIXAÇÃO



Questão 4

De acordo com dados do Programa Queimadas do Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (Inpe), os focos de incêndio neste mês de agosto na Amazônia foram quase o triplo do registrado no ano passado. Até este sábado (31), foram 30.901 focos de incêndio, ante 10.421 em agosto do ano passado – alta de 196%. O total também supera a média histórica para o mês, de 25.853, para o período entre 1998 e 2018. É ainda o mais alto desde agosto de 2010 – ano de seca histórica severa, que teve 45.018 focos. Os focos de queimadas estão espalhados por todo o chamado arco do desmatamento, que vai do Acre, passando por Rondônia, sul do Amazonas, norte do Mato Grosso e sudeste do Pará. A principal hipótese de especialistas é que queimadas estão ocorrendo para limpar o que foi derrubado antes. Na última sexta-feira (30), o presidente Jair Bolsonaro alterou o decreto que proibia as queimadas em todo o país durante o período da seca e abriu uma exceção para as práticas agrícolas fora da Amazônia Legal. O novo decreto presidencial, publicado em edição extra do Diário Oficial, permite a realização de queimadas em razão de “práticas agrícolas, fora da Amazônia Legal, quando imprescindíveis à realização da operação de colheita, desde que previamente autorizada pelo órgão ambiental estadual. A medida alterou o decreto publicado pelo presidente um dia antes, na quinta-feira, 29, e que havia proibido por 60 dias a realização de queimadas em todo o território nacional. Disponível em:< <https://exame.abril.com.br/brasil/queimadas-na-amazonia-triplicam-em-agosto-e-superam-media-historica/>>. Acesso em 30 de agost. 2019.

Sobre o fragmento de texto acima, avalie:

- I- Trata-se de um texto descritivo cujo papel é o de apresentar uma situação problema da atualidade.
- II- É um texto narrativo. Muito comum às reportagens de jornal.
- III- É um texto prescritivo uma vez que determina o decreto publicado pelo presidente.
- IV- É um texto injuntivo já que sua função é deliberar uma norma.
- V- É um texto argumentativo já que sua função é a de defender um ponto de vista.

Está correto o que se afirma apenas em:

- a) I
- b) II
- c) III
- d) II e III
- e) I e III

EXERCÍCIOS DE FIXAÇÃO



Questão 5

Machado (2005) descreve a resenha acadêmica com base em um modelo de análise das operações de linguagem. Para Machado (2005), a produção textual compreende operações de ação, discursivas e linguístico-discursivas.

As operações de ação estão relacionadas às representações do meio físico, dos participantes que interagem na situação comunicativa, da instituição onde o texto é produzido, dos objetivos e do conhecimento de mundo que pode de ser mobilizado para a produção textual. Quanto à situação de produção e mobilização de conteúdos, a leitura, interpretação e sumarização antecedem a produção da resenha, a qual apresenta as informações centrais do TF. Logo, resumir com eficácia um texto é condição essencial para resenhá-lo (MACHADO, 2003; 2005).

Quanto às resenhas acadêmicas, analise as asserções seguintes e a relação proposta entre elas.

I- As resenhas acadêmicas têm a função de familiarizar o acadêmico com as práticas de pesquisa em leitura, motivando-o a ler, a refletir, a analisar e a construir com autonomia a compreensão acerca de um tema.

PORQUE

II- O exercício de análise- síntese é fundamental ao desenvolvimento da inteligência crítica do estudante. Este exercício deve ser iniciado antes mesmo da formação superior.

Quanto à relação entre as duas asserções:

- A) As asserções I e II são proposições verdadeiras, e a II é uma justificativa correta da I.
- B) As asserções I e II são proposições verdadeiras, mas a II não é uma justificativa correta da I.
- C) A asserção I é uma proposição verdadeira, e a II é uma proposição falsa.
- D) A asserção I é uma proposição falsa, e a II é uma proposição verdadeira.
- E) As asserções I e II são proposições falsas.

25

SAIBA MAIS

Acredito que você, já no ensino superior, tenha passado pelo Exame Nacional do Ensino Médio - ENEM. Este exame se utiliza de uma estrutura dissertativa que ainda tem implicações importantes na continuidade da competência escritora.

Dessa forma, sabendo que o processo de correção desse instrumento avaliativo é por competências, segue um material riquíssimo, divulgado pelo Inep, em formato de manual para os corretores.

Considero relevante a leitura, pois há no material detalhamentos interessantes para uma melhor escrita.

https://download.inep.gov.br/educacao_basica/enem/downloads/2020/Competencia_1.pdf

https://download.inep.gov.br/educacao_basica/enem/downloads/2020/Competencia_2.pdf

https://download.inep.gov.br/educacao_basica/enem/downloads/2020/Competencia_3.pdf

https://download.inep.gov.br/educacao_basica/enem/downloads/2020/Competencia_4.pdf

https://download.inep.gov.br/educacao_basica/enem/downloads/2020/Competencia_5.pdf

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE, C. D. de. *Presépio. Contos de Aprendiz. In Prosa Seleta. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2003.*

BARBATO, Silviane Bonaccorsi. (org.) *Programa Gestão da Aprendizagem Escolar – Gestar II. Língua Portuguesa: Atividades de Apoio à Aprendizagem 3 – AAA3: gêneros e tipos textuais (Versão do Aluno). Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2008.*

_____. *Programa Gestão da Aprendizagem Escolar – Gestar II. Língua Portuguesa: Atividades de Apoio à Aprendizagem 3 – AAA3: gêneros e tipos textuais (Versão do Professor). Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2008.*

_____. *Programa Gestão da Aprendizagem Escolar – Gestar II. Língua Portuguesa: Caderno de Teoria e Prática 3 – TP´3: gêneros e tipos textuais. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2008.*

BEARZOTI FILHO, Paulo. *A descrição. São Paulo: Atual, 1991.*

CABRAL, Isabel Cristina Martelli; MINCHILLO, Carlos Alberto Cortez. *A narração. São Paulo: Atual, 1989.*

CUNHA, Leo. *Manual de Desculpas Esfarrapadas. São Paulo: FTD, 2004.*

DIDIO, Lucie. *Leitura e produção de textos: comunicar melhor, pensar melhor, ler melhor, escrever melhor. São Paulo: Atlas, 2013.*

EMEDIATO, Wander. *A fórmula do texto: redação, argumentação, e leitura. São Paulo: Geração Editorial, 2004.*

LOPES NETO, J. Simões. *Trezentas onças. In Contos gauchescos. Obra Completa. Porto Alegre: Sulina, 2003.*

MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.*

MEDEIROS, João Bosco. *Português instrumental. 9.ed. – São Paulo: Atlas, 2010.*

MORAES, Filemon Félix de. *Manual Prático de Redação. Brasília: Editora Lima e Félix, 2004.*

GABARITO

1) C

2) C

3) A

4) B

5) B